



Caderno de
Squibs

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA
LINGUAGEM

V. 7 - N. 1 - 2021



Caderno de
Squibs

ORGANIZADORES

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Universidade de Brasília

Arion de Souza Cruz

Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron

Universidade de Brasília

CONSELHO EDITORIAL

Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Universidade de Brasília

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Eloisa Nascimento Silva Pilati

Universidade de Brasília

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

Paula Guedes Baron

Universidade de Brasília

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Universidade de Brasília

Bruna Elisa da Costa Moreira

Universidade de Brasília

Cristiany Fernandes da Silva

Universidade de Brasília (egressa)

APOIO

Laboratório de Estudos Formais da Gramática - LEFOG
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL



CONSELHO CIENTÍFICO

Aroldo Leal de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Rosa Ana Augusto

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indaiá de Santana Bassani

Universidade Federal de São Paulo

Simone Lúcia Guesser

Universidade Federal de Roraima

Ana Paula Quadros Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Telma Moreira Vianna Magalhães

Universidade Federal de Alagoas

José Ferrari Neto

Universidade Federal da Paraíba

Roberta Pires de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Gabriel de Avila Othero

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sandra Quarezemin

Universidade Federal de Santa Catarina

Núbia Saraiva Ferreira Rech

Universidade Federal de Santa Catarina

Marcelo Amorim Sibaldo

Universidade Federal de Pernambuco

Claudia Roberta Tavares Silva

Universidade Federal de Pernambuco

André Luis Antonelli

Universidade Estadual de Maringá

Fábio Bonfim Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

Andrew Nevins

Universidade Federal do Rio de Janeiro
University College London

Andrea Knöpfle

Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Universidade de Brasília

Alessandro Boechat de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bruna Elisa da Costa Moreira

Universidade de Brasília

Jairo Morais Nunes

Universidade de São Paulo

Déborah de Mendonça Oliveira

Universidade Católica de Brasília

Lilian Coelho Pires

Univ. do Estado de Santa Catarina

Poliana Camargo Rabelo

Alexandre Costa-Leite

Universidade de Brasília

Ana Paula Scher

Universidade de São Paulo

Maria Cristina Figueiredo Silva

Universidade Federal do Paraná

Keli Cristiane Eugênio Souto

Universidade Estadual de Montes Claros

Zenaide Dias Teixeira

Universidade Estadual de Goiás

Thiago Costa Chacon

Universidade de Brasília

Aveliny Mantovan Lima

Universidade de Brasília

Ezekiel J. Panitz

Universidade de São Paulo

Leonor Simioni

Universidade Federal do Pampa

Patricia de Araujo Rodrigues

Universidade Federal do Paraná

Helena da Silva Guerra Vicente

Universidade de Brasília

Rerisson Cavalcante de Araújo

Universidade Federal da Bahia

Eloisa Nascimento Silva Pilati

Universidade de Brasília

Carlos Felipe da Conceição Pinto

Universidade Federal da Bahia

Lara Frutos González

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rozana Reigota Naves

Universidade de Brasília

Teresa Cristina Wachowicz

Universidade Federal do Paraná

Virgínia Andrea Garrido Meirelles

Universidade de Brasília

Esmeralda Vailati Negrão

Universidade de São Paulo

Heloisa Maria M. Lima de Almeida Salles

Universidade de Brasília

Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Eduardo Kenedy

Universidade Federal Fluminense

Renato Miguel Basso

Universidade Federal de São Carlos

Aquiles Tescari Neto

Universidade Estadual de Campinas

Suzana Fong

Massachusetts Institute of Technology

Jéssica Viana Mendes

University of Maryland

Ana Regina Vaz Calindro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lílian Teixeira de Sousa

Universidade Federal da Bahia

Janayna Maria da Rocha Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais

Karina Gomes Bertolino

Universidade de São Paulo

Adeilson Pinheiro Sedrins

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Maria José Gnatta Dalcuche Foltran

Universidade Federal do Paraná

Roberlei Alves Bertucci

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Marcos Barbosa Carreira

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Eneida de Goes Leal

Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Universidade Estadual de Campinas

Luisandro Mendes de Souza

Universidade Federal do Paraná

Paulo Medeiros Junior

Universidade de Brasília

LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Helena da Silva Guerra Vicente

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Arion de Souza Cruz

Paula Guedes Baron

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Araújo

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG).
Vol.7, N.1 (jun. 2022). Brasília, DF: Universidade de Brasília.
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.
Semestral. 2015.

ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)

CDD 410

CDU 81



SUMÁRIO

8 NOTA INICIAL

10 APRESENTAÇÃO

SQUIB CONVIDADO

14 COREFERENTIAL PRONOUNS IN 'GERUND' PREDICATES IN TUPÍ-GUARANÍ LANGUAGES: A FORMAL APPROACH

Heloisa Maria Moreira Lima Salles

SQUIBS

28 OS EMPREGOS DO MODAL SIMBULÉTICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Núbia Ferreira Rech | Ícaro Fonseca

37 A OPCIONALIDADE ENTRE PRONOME NULO E PRONOME LEXICAL PARA LEITURA CORREFERENTE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Karoline Gasque de Souza

49 A POSSÍVEL INFLUÊNCIA DO PB (L1) NA REALIZAÇÃO DE SUJEITOS REFERENCIAIS EM INGLÊS (L2)

Larissa da Silva Cury | Thales Santiago Medeiros Gama

61 AN ANALYSIS OF BRAZILIAN PORTUGUESE WH-NEGATIVES

Paulo Medeiros Junior

75 AQUISIÇÃO DE INTERROGATIVAS *WH IN SITU* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

Matheus Gomes Alves

ARTIGOS

88 A INFLUÊNCIA DA PRODUTIVIDADE NOS LAPSOS DE FALA MORFOLÓGICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Ana Paula Scher | Stela Terribile Garbugio

102 A PRIMITIVE MAPPING OF THE CRITERIAL FIELD OF FOCUS

Caterina Bonan



NOTA INICIAL

NOTA INICIAL

OTA

ICIAL



SOBRE O TERMO *SQUIB* EM LINGUÍSTICA POR MARCUS LUNGUINHO

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.¹

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.² Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.³

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.⁴

1 Segundo o que se apresenta em: <https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs>. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

2 De acordo com as orientações que se encontram em: <http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling>.

3 Conforme se lê nas orientações constantes em: <http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm>.

4 As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: <http://www.ledonline.it/snippets/>.



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A
Ç
Ã
O



É com imenso prazer e orgulho que apresentamos mais um número do **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG-UnB), cujo objetivo é congrega docentes e discentes na tarefa de divulgar conhecimento científico na área da Linguística de vertente formal. Apesar de estar sendo lançado em maio de 2022, trata-se de um número retroativo ao primeiro semestre de 2021 e, para fins de citação, é essa última informação que deve prevalecer.

Este número compõe-se de oito trabalhos: um artigo convidado, cinco *squibs* e dois artigos, nessa ordem.

No artigo convidado **Coreferential pronouns in 'gerund' predicates in Tupí-Guaraní languages: a forma approach**, a autora, Heloisa Maria Moreira Lima Salles, debruça-se sobre a língua brasileira Kamaiurá e traz evidência adicional para o entendimento amplamente difundido em trabalhos sobre línguas da família Tupí-Guaraní — particularmente o modelo de Zubizarreta e Pancheva (2017) para marcação de pessoa em orações raiz/matriz do Guaraní Paraguaio — de que a distribuição de marcas de pessoa em construções gerundivas está associada à semântica e à transitividade dos predicados e sua relação com um sistema de hierarquia de pessoa comumente presente em línguas dessa família.

Passemos à apresentação dos cinco *squibs* que compõem este número.

Em **Os empregos do modal simbulético no português brasileiro**, Núbia Ferreira Rech e Ícaro Fonseca propõem, a partir da observação de fatos do português brasileiro, uma definição mais abrangente para os modais simbuléticos, isto é, modais denotadores de conselho ou sugestão, descritos também como performativos, segundo Yanovich (2014) e Strey e Monawar (2017). De acordo com os autores, o emprego desse tipo de modal no português brasileiro não se restringe a enunciados performativos de conselho e sugestão, podendo figurar também em enunciados não direcionados diretamente a um participante (*addressee*) específico.

Em **A opcionalidade entre pronome nulo e pronome lexical para leitura correferente em português brasileiro**, Karoline Gasque de Souza toma como problema de pesquisa a constatação de que, pelo menos aparentemente, o sujeito exposto pronominal das orações subordinadas substantivas objetivas diretas do português brasileiro é opcional. No entanto, apesar de o português brasileiro, de forma quase que categórica na literatura, não ser considerado uma língua de sujeito nulo prototípica, a análise dos dados coletados leva a autora a concluir haver uma tendência para a expressão de uma leitura correferente ao sujeito nos casos com sujeito nulo, por um lado, e para a expressão de uma leitura correferente a constituintes que não o sujeito nos casos com sujeito pronominal, por outro.

Em **A possível influência do PB (L1) na realização de sujeitos referenciais em inglês (L2)**, por meio de uma análise experimental de julgamento de gramaticalidade, Larissa da Silva Cury e Thales Santiago Medeiros Gama buscam identificar os padrões sintáticos e os traços semânticos que (des)favorecem o sujeito nulo no português brasileiro e verificar o modo pelo qual essas generalizações se manifestam na *performance* em língua inglesa por parte de graduandos em Letras: Português-Inglês, residentes no Rio de Janeiro.

An analysis of Brazilian Portuguese Wh-negatives, de Paulo Medeiros Junior, propõe um debate acerca das construções negativas-*Wh*, que possuem estrutura semelhante à de

construções interrogativas, mas cujo conteúdo semântico expressa uma negação, como “Quando (que) criança é divertido?”. Uma análise preliminar leva o autor a concluir que esse tipo de construção é diferente das interrogativas-*Wh* canônicas. Em termos cartográficos, as diferenças se explicam na hipótese de que, enquanto nas interrogativas-*Wh* canônicas haveria movimento de dentro do TP para a periferia da oração, nos casos com construções negativas-*Wh* o sintagma-*Wh* da negativa-*Wh* sofreria *merge* em Spec, FocP para, então, mover-se para Spec, ForceP.

Aquisição de interrogativas *Wh*- *in situ* em português brasileiro: uma perspectiva cartográfica, de Matheus Gomes Alves, investiga a ordem de produção das interrogativas-*Wh* *in situ* em relação às interrogativas-*Wh* *ex situ* em crianças em fase de aquisição do português brasileiro. A hipótese do autor de que haveria produção de interrogativas-*Wh* *in situ* após a aquisição do complementizador “que” é parcialmente confirmada. Cogitou-se, ainda, a possibilidade de se adotar a proposta de Bonan (2021), que pressupõe o movimento curto do elemento-*Wh* até a periferia direita, adotando-se o raciocínio proposto por Belletti (2004).

A seção de artigos conta com dois trabalhos.

Em **A influência da produtividade nos lapsos de fala morfológicos do português brasileiro**, Ana Paula Scher e Stela Terribile Garbugio partem da observação de um tipo de lapso no português brasileiro que envolve a produção de formas de primeira pessoa do presente do indicativo de verbos de terceira conjugação — como “eu pido/pedo [peço]” e “eu mido [meço]” —, para investigar a relação entre erros de fala e produtividade de regras gramaticais. Tomando como aporte teórico o modelo da Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993) e propriedades do fenômeno de harmonia vocálica, as autoras sugerem que os lapsos se dão em função da baixa produtividade das formas e da tentativa do falante de seguir as regras previstas no sistema da língua.

O objetivo de **A primitive mapping of the criterial field of focus**, de Caterina Bonan, é fomentar a discussão acerca da cartografia das projeções de foco, com base na observação translinguística das propriedades de movimento dos elementos-*Wh* e de focalizações nominais prosodicamente marcadas. Bonan argumenta que a projeção FocusP, tal qual proposta por Rizzi, é insuficiente para dar conta do complexo fenômeno da focalização nominal das línguas românicas e, então, defende a postulação de “criterial fields”, os quais abarcaria núcleos especializados capazes de decodificar diferentes traços que atendem pelo rótulo mais abrangente de “foco”.

Gostaríamos de agradecer a todos os envolvidos na publicação deste volume: autores, pareceristas, Corpo Editorial e colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília. Gostaríamos de registrar também um agradecimento especial à professora Heloisa Maria Moreira Lima Salles, que, com grande alegria, aceitou o convite para abrir este número do Caderno. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Helena Guerra Vicente



SQUIB
CONVIDADO



SQUIB

CONVIDADO



COREFERENTIAL PRONOUNS IN 'GERUND' PREDICATES IN TUPÍ-GUARANÍ LANGUAGES: A FORMAL APPROACH

HELOISA MARIA MOREIRA LIMA SALLES*

ABSTRACT

This study investigates the syntax of coreferential pronouns in gerund clauses in Tupí-Guaraní languages, considering particularly the Kamaiurá language. As pointed out in the Tupinian literature, the distribution of person markers/pronouns in gerund constructions is determined by the semantic class of the predicate, which in turn interacts with the transitivity of the predicate and with a system of person hierarchy, giving rise to direct/inverse order. Assuming Zubizarreta and Pancheva's (2017) model of person marking in Paraguayan Guaraní in root/matrix clauses, we propose that gerund constructions with intransitive and transitive predicates are projections of the functional heads INFL/v and D/INFL/v, respectively. In these configurations, INFL and v are specified for an interpretable *person* feature, which enters an agreement relation with a D feature on the gerund predicate, giving rise to a direct/inverse system, respectively, under a condition on the fixed interpretation of tense in this context.

Keywords: gerund clauses, coreferentiality, agreement, Tupí Guaraní family

RESUMO

O estudo investiga a sintaxe dos pronomes correferenciais em orações de gerúndio em línguas da família Tupí-Guaraní, considerando a língua Kamaiurá, em particular. Conforme aponta a literatura tupinista, a distribuição de marcas de pessoa em construções de gerúndio é determinada pela classe semântica do predicado, a qual interage com a transitividade do predicado e com um sistema de hierarquia de pessoa, em que se manifesta um sistema de ordem direta e inversa. Partindo do modelo de Zubizarreta e Pancheva (2017) na análise do sistema de marcação de pessoa no Guaraní Paraguaio em orações raiz/matriz, propomos que as construções de gerúndio com predicados intransitivos e transitivos são projeções dos núcleos funcionais INFL/v e D/INFL/v, respectivamente, sendo INFL e v especificadas para um traço interpretável de pessoa, que entra em uma relação de concordância com um traço D no predicado de gerúndio, o que dá origem a um sistema de ordem direta e inversa, em termos de uma condição de interpretação fixa de tempo nesse contexto sintático.

Palavras-chave: orações de gerúndio, correferencialidade, concordância, família Tupí Guaraní

* Universidade de Brasília, UnB. E-mail: heloisasalles@gmail.com. This squib heavily relies on Seki's (2000) seminal grammar of the Kamayurá language. The precise description of the data, as well as the theoretical analysis provided by Seki, are very inspiring for the present analysis. A preliminary version of this analysis, having Eloisa Pilati and Rozana Naves as my co-authors, to whom I am very grateful, was presented in the VI CIEL (Congresso Internacional de Estudos Linguísticos), which was held at the University of Brasília, on August, 25th-27th. I am also grateful to the audience, and particularly to Maria Luiza Zubizarreta and Márcia Dâmaso Vieira, who were invited speaker at the Conference, for their comments. My deepest respect to Márcia Dâmaso Vieira's (*in memoriam*) brilliant contribution to Tupinian studies. All errors are my own.

1 THE FACTS AND THE VIEW FROM THE TUPINIAN TRADITION

We investigate the syntax of coreferential person markers in so-called 'gerund' constructions in Tupí-Guaraní languages. In particular, we discuss data from Kamaiurá, a Tupí-Guaraní language spoken in Mato Grosso, Brazil, in a region around the high Xingu river. As noted in Seki (2000, p. 130),

[o] Gerúndio é uma forma amplamente usada em Kamaiurá (e em outras línguas da mesma família) com funções que se estendem além do nível da sentença. Tem seu uso altamente restrito às situações em que há co-referência entre argumentos em função de S[ujeito] ou A[gente] de dois ou mais verbos.¹

It is well known that the distribution of person markers/pronouns in gerund constructions is determined by the semantic class of the predicate, which in turn interacts with transitivity and person hierarchy. Following Zubizarreta and Pancheva's (2017) analysis of person marking in Paraguayan Guarani, we argue that coreferential prefixes introduce an argument/D feature which enters an agreement relation with an interpretable person feature on the (embedded) INFL head, under a condition on the fixed interpretation of tense in these constructions.

According to the Tupinian tradition (cf. RODRIGUES, 1954; SEKI, 2000; CABRAL; RODRIGUES, 2005; MAGALHÃES, 2007; among others), gerund constructions consist of a syntactic dependency, in which the subject argument of the gerund predicate is coreferential with the subject of the matrix predicate. This dependency further implies either simultaneity or sequential/future orientation with respect to tense interpretation, the latter including a modal meaning of volition.² This is illustrated in (1), with data from Kamayurá/TG.³

- (1) a-jot we-maraka-m
 1SG-come 1SG.COR-sing-GER
 'I came singing/to sing.'

(adapted from Seki (2000, p. 130/197))

Moreover, person marking in gerund constructions display a direct/inverse inflectional system depending on transitivity and on the semantic class of the predicate (whether

1 Translation by the author: "The Gerund is a form widely used in Kamaiurá (and in other languages of the same Family) with functions that extend beyond the clause level. Its use is strongly restricted to contexts in which there is coreference between the arguments S or A of two or more verbs".

2 A related fact is the restriction on tense marking in the embedded predicate in multiple agreement constructions from M'Bya Guarani, as discussed in Vieira (2007).

3 List of abbreviations and symbols (adapted from the primary sources): Sa: (active/controller) subject of (nominalized) intransitive; So: (non-controller) subject of (nominalized) intransitive; A: (active) subject of (nominalized) transitive; O: (active) object of (nominalized) transitive; 1P,2P,3P: First, Second, Third person; SG: singular; PL: plural; COR: coreferential; GER: gerund; IMP: imperative; COM: comitative; OBL: oblique; =: clitic boundary; REL: relational prefix; DES: desiderative; CES: cessative; POT: potential; NZR: nominalizer; N: nuclear/argumental case; ACT: actual; PORT: portmanteau; TRZ: transitivizer.

dynamic or non-dynamic/stative).⁴ With intransitive predicates, the series of coreferential prefixes is found, giving rise to a direct order, as illustrated in (1), above, from Kamayurá, and in (2a) and (2b), below, which display second person singular and first person plural, respectively 'e-' and 'jere-':

- (2) a. e-jot e-karu-m je=nite
 2SG-come.IMP 2SG.COR-eat-GER 1s=COM
 'Come to eat with me!'
- b. ja-jemo'ypy jere-karu-m
 1PL-begin 1PL.COR-eat-GER
 'We start eating.'

(adapted from Seki (2000, p. 196))

With transitive predicates, in turn, it is the internal argument that is marked on the predicate, with the same categories marking the possessor, and a person split arises: while the first and the second person internal arguments are encoded by a clitic pronoun (cf. (3)), the third person internal argument is marked by a person (non-reflexive) prefix (cf. (4))⁵:

- (3) a-jot ne=mo'e-m
 1SG-come 2SG=teach-GER
 'I come to teach you.'

(adapted from Seki (2000, p. 197))

- (4) a-jot i-mo'e-m
 1SG-come 3SG-teach-GER
 'I come to teach him.'

(adapted from Seki (2000, p. 197))

4 Direct and inverse orders may correspond to the distinction between active/non-active voice, as proposed in the Tupinian tradition, the latter implying the realization of the relevant argument as a possessor, further distinguishing A and O, corresponding to the subject and the object of a transitive predicate, respectively, and Sa and So, corresponding to the volitional/controller of an intransitive predicate, and the non-volitional/non-controller subject argument of a descriptive intransitive predicate, respectively, as proposed in Dixon (1974, 1994), cited in Seki (2000).

5 As noted in Seki (2000, p. 56-7), the third person possessor is marked by a prefix which is realized by the allomorphs i- (~ij-) (with nouns of the class Ø), t- and h- (with nouns of the class r-). This prefix marks a (null) specific possessor, which is in complementary distribution with so-called r- prefix, which is found whenever the possessor phrase is realized within the projection of the predicate. The r-prefix, as opposed to the third person i- (and its allomorphs) is also found in the verbal domain (see also Rodrigues (1953)).

Descriptive intransitives predicates occur in two different constructions, as the relevant argument may be encoded either as a possessor, following the same pattern described above for transitive predicates, or by a coreferential prefix, following the pattern described for intransitives, as illustrated in (5a-b) and (6), respectively, from Kamayurá:

- (5) a. a-jot je=r-akuw-am
1SG-vir 1SG=REL-doente-GER
'Eu vim estando doente/para adoecer.' [I came sick/ I came in order to become sick]
- b. o-'ut w-akuw-am⁶
3-vir 3-doente-GER
'Ele veio estando doente/para adoecer.' [I came sick/ I came in order to become sick]
- (6) a-jot we-katu-ram
1SG-vir 1SG-ser.bom-GER
'Eu vim para ser/ficar bom.' [I came to be good]

(data extracted from Seki (2000, p. 197))

Depending on the language, a dedicated gerund suffix is found on the predicate (namely, GER 'm'), as illustrated in (1)-(6), from Kamayurá, above. In other languages from the TG stock, the gerund marker may not be found, the gerund construction being distinguished essentially in terms of the system of coreferential pronouns, as opposed to the system licensing the relevant argument as a possessor.

As noted in Salles (2002, 2007), coreferentiality is also found in constructions involving predicate embedding/complementation. In this case, a complex predicate is formed under predicate incorporation, with a single person prefix marking the subject of the complex predicate, as illustrated in (7a), from Kamayurá:⁷

- (7) a. a-ha-potat
1SG-ir-DES
'I want to eat.'

(adapted from Seki (2000, p. 132))

6 According to Seki (2000, p. 55), the prefix 'w-' is an allomorph of the prefix 'o-', encoding "terceira pessoa co-referente ao sujeito da oração (...)" [third person coreferential to the subject of the clause].

7 An analysis of predicate embedding/complementation in TG languages (namely, Tupinambá, Guajá and Kamayurá) in terms of syntactic incorporation is provided in Salles (2007).

Predicate incorporation is also found with aspectual predicates, as illustrated in (7b):

- (7) b. a-karu-pik
 1s-comer-CES
 'We stop eating.'

(extracted from Seki (2000, p. 133))

Interestingly, the gerund construction with the series of coreferential pronouns may be found with aspectual predicates, as illustrated in (7c):

- (7) c. ja-jemo'ypy jere-karu-m
 1PL-begin 1PL.COR-eat-GER
 'We start eating.'

(extracted from Seki (2000, p. 199))

Disjoint interpretation, in turn, is expressed through nominalization of the embedded predicate, the relevant (disjoint) argument being marked as a possessor, further displaying a person split, as first/second person is realized as a clitic (8a), whereas the (null) third person possessor is marked with the prefix 'i-' (8b). This marking is associated with the sole argument of (dynamic) intransitive and stative/descriptive intransitive predicates, as well as with the internal argument of transitive predicates. The latter is comparable to what is found in gerund constructions with transitive verbs (above).

- (8) a. a-kwahaw=in [ne=r-akup-aw-a]
 1SG-saber=POT [2SG=REL-doente-NZR-N]
 'Eu sei que você está doente.' [I know that you are sick]

(extracted from Seki (2000, p. 173))

- b. a-potar=ete [[je=ra'yra] brasilía-p i-jotaw-a]
 1SG-want=ACT [1SG=son Brasilia-Loc 3SG-go-N]
 'Eu quero que meu filho vá a Brasília.' [I want (for) my son to go to Brasília]

(extracted from Seki (2000, p. 176))

1.1 PARTIAL CONSIDERATIONS

In so-called gerund constructions, coreferential prefixes encode the subject of intransitive predicates, thus implying direct order. They are found in both adjoined and embedded contexts (with raising/aspectual predicates). With transitive predicates, the internal argument is marked on the predicate (as opposed to the direct system found in intransitive gerund constructions), further displaying a person split, in which first and second person are realized as clitics and third person is realized as a prefix. In this respect, with transitive predicates, the gerund construction patterns with embedded nominalizations.

Regarding stative/descriptive intransitive predicates, the relevant argument is encoded either as a coreferential prefix, thus implying direct order, or as a possessor, which also displays a split, as 1P and 2P are realized as clitics while 3P is realized as a prefix. In turn, stative/descriptive intransitive predicates are hybrid, as they allow for both patterns, while dynamic intransitive predicates only allow for the direct order pattern. In embedded/complementation contexts involving volitional and mental ability (matrix) predicates, coreferentiality is expressed under predicate incorporation (giving rise to a complex predicate), with a single person prefix marking the subject, thus implying direct order.

Assuming the well-known similarities among TG languages (cf. RODRIGUES, 1994; SEKI, 2000; ZUBIZARRETA; PANCHEVA, 2017), we shall investigate the properties of gerund constructions in Kamayurá in terms of Zubizarreta and Pancheva's (2017) model of person alignment in Paraguayan Guaraní. In the analysis we will focus on dynamic intransitive and transitive predicates.

2 ZUBIZARRETA; PANCHEVA'S (2017) ANALYSIS OF PERSON ALIGNMENT/MARKING IN PARAGUAYAN GUARANI ROOT/MATRIX CLAUSES

Zubizarreta; Pancheva's (henceforth Z; P) (2017) account of person marking in Paraguayan Guaraní (PG) points out that a direct/ inverse system is at stake, in root/ matrix clauses. Assuming Ritter; Wiltschko's (2014) theory, according to which Infl has a dedicated function of anchoring the described event to the speech event, which is achieved via a *Tense specified Infl* or via a *Person specified Infl*, Z;P's (2017) hypothesis is that there is a direct connection between a direct/inverse system and a system where Infl is specified for Person, not for Tense, Paraguayan Guaraní (PG) meeting this condition.⁸

⁸ Z; P (2017) take into consideration previous studies arguing that Tense is not grammatically encoded in Tupí Guaraní (TG) languages (cf. TONENHAUSER, 2011, cited by the authors).

Languages with a *Person-specified Infl* give primacy to participants in the speech event with respect to person marking on the predicate, under a person-hierarchy, which is stated as follows:⁹

- (9) Person hierarchy in Generalized (and Restricted) P-languages
 - a. Participant > 3 (Universal)
 - b. (i) 1P > 2P / (ii) 2P > 1P (Language particular)

The direct order is observed in intransitives and transitive clauses, the latter in terms of a person hierarchy, whenever the external argument (EA) is higher than the object (O) on the P-hierarchy (where O includes the internal argument and Possessors of incorporated inalienable objects). Accordingly, the inverse order arises when O is higher on the P-hierarchy than the external argument. In generalized P-languages the difference between the two orders is structurally reflected in the hierarchical organization of O with respect to EA.

The *Person constraint on phases* ensures the visibility of a *P-unique* argument that can map onto a speech act participant (an interface notion), being triggered by an interpretable and valued p-feature on the head of a phase. In the formal analysis, they assume the structure-building notion of phase, as a syntactic domain in which only the head and its left edge are visible for the next level of computation, as formulated in Chomsky's (2001) Minimalist framework. In particular, the *phase-edge person constraint* determines that a [+Participant] argument (when present) obligatorily moves from the verbal (*vP*) internal position to the inflectional domain, in terms of the following components:

- (a) *Domain of application*: phases that contain one or more [+participant] specified Ds;
- (b) *P-prominence*: the [+Participant]-specified D must be located at the edge of the phase β that enters an agreement relation with the interpretable person feature on the head of β ;
- (c) *P-uniqueness*: at most one D in β is eligible to satisfy (b);
- (d) *P-primacy*: in cases where more than one D can satisfy (b) in β and where one D is specified as [+Author] and the other as [-Author], then for any given language L, the D that satisfies (b) is specified as (i) [+Author] or (ii) [-Author] (a parametrized condition).

In Z; P's (2017, p. 8) model, the P-constraint requires agreement with the person feature on the phase head, which is interpretable and valued, hence the agreement relation does not imply feature valuation (as AGREE does in Minimalism), rather it serves "to identify the argument that anchors the described event to the speech event". The P-constraint adds the notion of phase as the relevant domain, and the edge of phase as the relevant structural

⁹ Regarding P-hierarchy, Z; P (2017) assume the distinction between 1P and 2P versus 3P, as originally formulated by Benveniste, in terms of presence of *person* specification in the former, but not in the latter.



position. In generalized Person-languages, Infl and *v* carry a *p*-feature.¹⁰ Regarding PG, an interpretable *p*-feature is introduced on the functional head Infl. While 3P object does not trigger positive specification for the Participant feature on '*v*', with object 1P and 2P, '*v*' is marked positively. In the domain of Infl, '*v*' enters an agreement relation with the object.

In languages such as PG, primacy is given to the speaker (9bi). Intransitives predicates display a direct paradigm, as expected: the sole D at the edge of '*v*' is the External Argument (EA). The phi-features of D trigger agreement with Infl, and are realized on Infl as prefixes, as illustrated in (10) with 1SG and 2SG prefixes, 'a-', 're-'. Direct order is found with transitive predicates with the same series of prefixes, whenever the internal argument is 3P, as the EA is higher in the person-hierarchy, thus meeting the P-constraint at the *v* level. When the EA is 1SG and the internal argument is 2SG or 2PL, the so-called 'portmanteau' prefixes 'ro-' and 'po-' are found, respectively, as illustrated in (12a).¹¹In turn the EA is promoted to the edge of INFL, as illustrated in (11a) (which includes the transitivizer prefix 'mbo'), with its associated structures (11b) and (12b), respectively.

- (10) (Che) a-yahu; (Nde) re-yahu direct order
 (I) 1SG-bathe; (you) 2SG-bathe
 'I bathe.'; 'You bathe.'

(extracted from Z; P (2017, p. 12))

- (11) a. (Che) a-mbo-yahu ichupe/ Juan-pe; (Nde) re-mbo-yahu ichupe/Juan-pe
 (I) 1SG-bathe him/ Juan-OBL; (you) 2SG-bathe him/Juan-OBL
 'I bathe him/Juan.'; 'You bathe him/Juan.'

- b. [D I_{1SG/2SG} [VP (DP_{1SG/2SG}) [v_p [V DP_p]]]

(extracted from Z; P (2017, p. 12 / p. 17))

- (12) a. (Che) ro-mbo-yahu; (Ore) po-mbo-yahu
 (I) PORT-TRZ-bathe; (We) PORT-TRZ-bathe
 'I bathe you.'; 'We bathe you.'

¹⁰ The authors note: "[i]n proposing to treat the person features on Infl and *v* in Generalized P-languages as *interpretable*, we draw on parallels with tense and aspect features on these heads, which are interpretable in languages like English" (Z; P, 2017, p. 7).

¹¹ Z; P (2017, p. 11) observe that the so-called 'portmanteau' morphemes (also found in other TG languages) give rise to different accounts. In their analysis, these morphemes are "[t]he morphological marking of P-ordering among participants in clause (d) of the P-constraint". In this sense, they are not analysed as multiple agreement of [+PARTICIPANT] arguments, rather they mark the EA as 1SG and 1PL while signalling that the internal argument is 2P.

- b. $[D]_{1SG/1PL} [v_P (DP_{1SG/1PL}) [v_{2SG} [V DP_{2SG}]]]$

(extracted from Z; P (2017, p. 12 / p. 17))

The inverse order arises with transitive predicates, when the EA (2P; 3P) is lower than the direct object (1P; 2P) in the P-hierarchy, under movement of the relevant DP to the edge of the phase v , thus nullifying “the initial hierarchical relation between the EA and the internal argument D” (Z; P, 2017, p. 18), and subsequently to the edge of INFL, “thus complying with the P-constraint”. In turn, the agreement relation with INFL meets the P-constraint at the level of the INFL-phase domain” (Z; P, 2017, p. 19), as illustrated in (13a), followed by its associated structure in (13b/ 13c).

- (13) a. (Nde) che=mbo-yahu; (Ha'e) ne=mbo-yahu inverse order
(You) 1SG=TRZ-bathe; (She) 2SG=TRZ-bathe
'You bathe me.:' 'She bathes you.'

- b. $[v_P DP_{1SG/2SG} [v_{2SG/3SG} [v_{1SG/2SG} [V (DP_{1SG/2SG})]]]]]$

- c. $[D]_{1SG/2SG} [v_P [v_{1SG/2SG} [v_P (DP_{1SG/2SG}) [v_{2SG/3SG} [v_{1SG/2SG} [V (DP_{1SG/2SG})]]]]]]]$

(extracted from Z; P (2017, p. 14))

In the next section, we will (tentatively) investigate the application of Z; P's (2017) system of person licensing in PG's root/matrix clauses to the above-mentioned facts about the distribution of coreferential prefixes in gerund constructions in Kamayurá language, as opposed to the realization of the relevant argument as a possessor.

3 AN ANALYSIS OF THE GERUND CONSTRUCTION IN KAMAYURÁ IN TERMS OF ZUBIZARRETA AND PANCHEVA'S (2017) THEORY OF PERSON ALIGNMENT/MARKING IN ROOT/MATRIX CLAUSES IN PARAGUAYAN GUARANÍ

As shown in the previous section, Person marking in Paraguayan Guarani (PG), a Tupí Guarani (TG) language, is expressed in the direct order with intransitive predicates, under prefix marking. With transitive predicates direct order arises whenever the EA is higher than the internal argument on the P-hierarchy, with the same series of prefixes found with intransitive predicates, further including 'portmanteau' prefixes for encoding the asymmetry between 1P and 2P (singular and plural). The inverse order arises in transitive predicates whenever the internal argument is higher (1P; 2P) than the EA (2P; 3P). In turn, gerund clauses in Kamayurá (a TG language) display direct order with intransitive predicates, the subject being marked by the series of so-called coreferential prefixes. With transitive



predicates, it is the internal argument that is marked on the predicate, as a possessor. The inverse order arises consistently in all persons — further displaying a person split, as 1P and 2P occur as a clitic, while 3P occurs as a prefix.

As mentioned above, a relevant property of the gerund construction is that tense interpretation is fixed, being either simultaneous or sequentially oriented with respect to tense in the matrix clause. In the former interpretation the gerund construction is ordered obligatorily after the matrix clause, while in the latter, ordering with respect to the matrix clause is irrelevant. As noted in Seki (2000), the occurrence of the gerund construction in the first position, before the matrix clause, gives rise to the so-called 'circumstantial' (CIR) mode on the verb in the matrix clause, which is taken as a piece of evidence for the adjunct status of the gerund construction with respect to the matrix clause, as this mode is triggered in the presence of adjuncts in the first position of the clause.¹²

Assuming Z; P's (2017) model, P-licensing in a gerund construction with intransitive predicates, as in (1), repeated in (14), applies directly: the external argument of the embedded clause is introduced by *v* in *specvP*, and is licensed under agreement with the P(erson)-feature in its extended projection, namely IP. The P-feature on INFL is spelled out by the dedicated series of coreferential prefixes (*we-*), while the *v* head is spelled out by the Gerund suffix (*-m*) (which may be null, depending on the language):

- (14) a-jot we-maraka-m
 1SG-come 1SG.COR-sing-GER
 'I came singing/to sing.'

(adapted from Seki (2000, p. 130/197))

- (15) ... a_i-jot [(...) [_{IP} I_[+D] +[we-]_i [_{VP} [_{EA} DP_{1SG-i} [_v v+[*-m*] [_{VP} V_{maraka}]]]]]]

As we have seen, in gerund constructions with transitive predicates it is the internal argument that is marked, giving rise to an inverse order, in 1P, 2P and 3P. These facts pattern with nouns involving possession, which are analysed in Z; P (2017) in terms of the P-constraint. In Z; P's (2017) analysis, possessive nominals are projections of a D head which selects a possessor D (D_{poss}): if D_{poss} carries a [+participant] feature, 1P and 2P possessor moves to the edge of the D_{poss} projection, as a clitic pronoun. In turn, if the D_{poss} is marked as [-participant], no possessor promotion applies — the person prefix on the predicate being similar to Third person prefixes agreeing with INFL in the verbal domain.

¹² According to Seki (2000, p. 131), this verbal form is conditioned by the occurrence of an adverbial phrase in the first position of the clause: "o modo circunstancial é usado somente com verbo ativos, nas situações em que o sujeito é uma terceira pessoa e não vem expresso por nominal posicionado antes do adverbial" [the circumstantial mode is only used with active verbs, whenever the subject is a third person and is not expressed by a full noun positioned before the adverbial.]

A crucial difference between possessive nouns and gerunds with transitive predicates is that in the latter, not only the internal argument, but also the EA is syntactically represented. In this case, coreferential interpretation with the matrix subject arises under (subject) control. In turn the syntactic representation of the subject interacts with the fixed interpretation of Tense (cf. LANDAU, 2011).¹³ We would like to suggest that this is the reason why the internal argument is consistently marked on the predicate.

Following Alexiadou's (2001) analysis of event nominalizations, we tentatively propose that gerund constructions with transitive predicates are projected in a mixed configuration in which a functional D selects INFL and v , given the parallel between D and C. The v projection introduces the external argument and is spelled out by the Gerund suffix, exactly as in intransitives. If INFL and v are marked with an interpretable p -feature, the internal DP moves to the edge of the INFL phase, occurring as a first or a second person clitic pronoun. In the third person, no movement applies, and the internal argument is marked by the person prefix on the gerund predicate. This is illustrated in (3), repeated in (16), followed by the associated structure in (17), and in (4), repeated in (18), followed by the associated structure in (19).

- (16) a-jot **ne=mo'e-m**
 1SG-come 2SG=teach-GER
 'I come to teach you.'

(adapted from Seki (2000, p. 197))

- (17) a_i -jot [_{DP} D [_{InflP} [_{DP} ne=] [_{InflP} INFL_[2SGj] [_{vP} (DP_{2SGj}) [_{vP} [PRO]_i [_v [_{2SGj} +[-m] [V_{mo'e} [DP_{2SGj}]]]]]]]]]]

- (18) a-jot **i-mo'e-m**
 1SG-come 3SG-teach-GER
 'I come to teach him.'

(adapted from Seki 2000: 197)

- (19) a_i -jot [_{DP} D [_{InflP} [i-]_j +INFL_[3SGj] [_{vP} [PRO]_{1SG-i} [_v v+[-m] [_{vP} V_{mo'e} [DP_{3SG-j}]]]]]]]]]]

As shown in (17) and (19), the agreement relation is established in the domain of the phase, as proposed in Z; P's (2017) for root/matrix clauses in PG: the (1P and 2P) DP argument agreeing with the interpretable p -feature on INFL (and v) is introduced as a clitic pronoun, at the edge of the phase, in the specifier of INFL, under DP promotion from the vP projection.

¹³ A related topic that we cannot discuss in this squib is the grammatical status of tense markers in nominalizations in TG languages (cf. TONENHAUSER, 2011), and in languages from other stocks (cf. LECARME, 1999, for Somali).

In the third person, INFL is not p-specified, and the DP internal argument is marked on the INFL head by a person prefix (thus implying object agreement, but not DP promotion).

While the choice between the configurations in (15) and (17)/(19) depends on whether the gerund construction is a (dynamic) intransitive or transitive predicate, respectively, in gerund constructions with stative/descriptive intransitive predicates, either configuration is possible. The immediate conclusion is that the configuration involving the D head is not specific to predicates with two arguments, thus implying that its occurrence is independent of P-primacy. In turn the presence of the D head activates possessor marking, under P-prominence.¹⁴

4 FINAL REMARKS

This study examined the syntax of gerund clauses in Kamaiurá, a TG language, showing that different agreement systems determine the expression of the arguments, depending on whether the predicate is a stative/ descriptive intransitive or a dynamic intransitive/transitive. Assuming Z; P's (2017) theory of person alignment in Paraguayan Guaraní in root/ matrix clauses, the following properties were proposed in the analysis of Gerund constructions in Kamaiurá:

- (i) with intransitives predicates (whether dynamic or stative/ descriptive), a direct order pattern arises, the subject being spelled out by a dedicated series of coreferential prefixes, in a configuration headed by INFL and *v*, which may be specified for an interpretable person feature, thus triggering DP movement to the edge of INFL.
- (ii) with transitive predicates, an inverse order arises, the internal argument being licensed in a mixed projection, involving the functional heads D, INFL, *v*, in which INFL and *v* may be specified for an interpretable person feature, while EA is licensed under control.

An additional remarkable property of gerund constructions is that coreferential prefixes are a dedicated series of direct order markers, pointing to the special status of the subject position in gerunds.

¹⁴ In Seki's (2000) discussion, the occurrence of the nominalized construction with (stative/descriptive) intransitives is morphologically constrained, as it is found with the class of nominalizations selecting the null prefix (as opposed to the *i-* prefix). This condition does not exclude what is said about descriptive/non-dynamic intransitives being able to select either configuration. We will leave the details about the structures involving stative/descriptive intransitives for future work.

REFERENCES

ALEXIADOU, A. *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

CABRAL, A. S. C.; RODRIGUES, A. D. O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. C. (ed.) *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da UnB, 2005. p. 47-58.

LANDAU, I. *Elements of control: structure and meaning in infinitival constructions*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2000.

LECARME, J. Nominal Tense and Tense Theory. In: CORBLIN, F. et al. (org.). *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. v. 2. (CSSP, 1997). The Hague: Holland Academic Graphics, 1999. p. 333-354. Available in: <https://www.academia.edu/2486019/Nominal_Tense_and_Tense_Theory>. Access in: March 1st, 2022.

MAGALHÃES, M. S. O gerúndio em Guajá. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. C. (ed.). *Línguas e Culturas Tupí*. v. 1. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007. p. 349-355.

RODRIGUES, A. D. Morfologia do verbo Tupí. *Letras 1*, separata, Curitiba, 1953.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.

SALLES, H. Subordinação em línguas da família Tupí-Guaraní. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (org.) *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém, PA: Editora da UFPA, 2002, p. 418-424.

SALLES, H. Foricidade e marcação de pessoa em línguas da família Tupí-Guaraní. In: A. D. Rodrigues; A. S. C. Cabral (ed.). *Línguas e Culturas Tupí*. v. 1. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007. p. 417-425.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

TONENHAUSER, J. Temporal reference in Paraguayan Guaraní, a tenseless language. *Linguistics and Philosophy*, n. 34, p. 257-303, 2011.

VIEIRA, M. D. As construções com concordância múltipla em Guaraní. In: CABRAL, A. S. C.; RODRIGUES, A. D. (org.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Tomo 1. Belém, EdUFPA, 2002. p. 425-433.

ZUBIZARRETA, M-L; PANCHEVA, R. A formal characterization of person-based alignment. The case of Paraguayan Guaraní. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 35, p. 1161-1204, 2017. DOI: <<https://doi.org/10.1007/s11049-016-9357-5>>.



SQUIBS

SQUIBS

SQUIBS





OS EMPREGOS DO MODAL SIMBULÉTICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

NÚBIA FERREIRA RECH* | ÍCARO FONSECA**

RESUMO

Este *squib* trata da modalidade simbulética no português brasileiro (PB). Esse tipo de modalidade é caracterizado na literatura como denotando conselho ou sugestão e é descrito como performativo (cf. YANOVICH, 2014; STREY; MONAWAR, 2017). Com base em dados do PB, mostramos que o modal simbulético não tem seu emprego restrito a enunciados performativos de conselho ou sugestão, uma vez que figura também em enunciados não direcionados diretamente a um participante específico. Considerando isso e também aspectos relativos à orientação desse modal, que pode figurar em enunciados com *addressee* específico, genérico ou, ainda, sem nenhum *addressee*, propomos uma definição mais abrangente para a modalidade simbulética, uma definição que supomos melhor dar conta dos contextos de uso desse modal.

Palavras-chave: modalidade simbulética; (não) performatividade; orientação modal

ABSTRACT

This squib deals with the symbouletic modality in Brazilian Portuguese (BP). This type of modality is characterized in the literature as denoting advice or suggestion and is described as essentially performative (cf. YANOVICH, 2014; STREY; MONAWAR, 2017). Based on data from BP, we show that the symbouletic modal does not have its use restricted to performative statements of advice or suggestion, since it also appears in constructions that express the speaker's ethical and/or moral values, not directed directly at a specific participant. Considering it and also aspects related to the orientation of this modal, which can appear in statements with a specific addressee, generic or, even, without any addressee, we propose a more comprehensive definition for the symbouletic modality, a definition that we suppose to give a better account of the contexts of the use about this modal.

Keywords: symbouletic modality; (non-)performativity; modal orientation

* Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *E-mail:* nubia.rech@ufsc.br. ORCID: 0000-0002-9278-2702.

** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Graduando do Curso Letras Português, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *E-mail:* icarocardoso2000@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3624-830X.

Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos aos pareceristas anônimos pelos comentários e sugestões, que nos permitiram aprimorar as reflexões apresentadas neste *squib*.

1 INTRODUÇÃO

Em nossos diálogos ordinários, por vezes compartilhamos situações complicadas ou problemas que estamos enfrentando com alguém que prezamos e respeitamos, seja um familiar, um amigo ou, até mesmo, um mentor. Nesses casos, é bem comum recebermos conselhos (ou sugestões), tais como: *Você deve procurar um trabalho; Você devia estudar mais; Você tem que falar com ela; Você tinha que pedir desculpas; Você pode tentar essa receita; Você podia se vestir melhor*; entre outros. Na literatura linguística, essas construções denotam modalidade simbulética, que é definida como um tipo de modalidade que não afirma os fatos de forma neutra, mas incentiva alguém a realizar uma ação prática específica, tendo laços estreitos com os verbos performativos (YANOVICH, 2014). Note-se que esse tipo de modalidade pode ser expresso por diferentes auxiliares modais no português brasileiro (PB): *deve, devia, tem que, tinha que, pode e podia*, com variação apenas na força modal — de *possibilidade* ou de *necessidade*.

Autores como Yanovich (2014) e Strey e Monawar (2017) afirmam que o modal simbulético tem emprego performativo, ou seja, figura em enunciados que correspondem a um ato de fala diretivo, direcionado diretamente ao interlocutor.

Neste *squib*, discutimos o caráter performativo atribuído ao modal simbulético, apresentando evidências do PB na direção de que esse modal não é empregado apenas para dar conselhos ou sugestões a um interlocutor específico, mas figura também em construções nas quais o falante/escritor expressa (ou relata) o que lhe parece adequado ou conveniente em determinada situação de acordo com seus (ou de outros, no caso de a construção modal figurar em domínio encaixado) valores. Nesses casos, conforme vamos mostrar ao longo do texto, o enunciado não é direcionado a nenhum interlocutor específico e, mesmo assim, denota modalidade simbulética.

O *squib* está organizado da seguinte forma: na seção 2, a seguir, apresentamos as propriedades de um modal simbulético, com base em Yanovich (2014); na seção 3, discutimos a noção de performatividade associada a esse modal; na seção 4, analisamos construções do português brasileiro em que esse modal figura com um *addressee* genérico e também sem nenhum *addressee*; e, por fim, na seção 5, sintetizamos nossa discussão, retomando os principais argumentos para se repensar a associação direta deste modal com a noção de performatividade.

2 PROPRIEDADES DO MODAL SIMBULÉTICO

Yanovich (2014) identifica importantes traços do modal simbulético, tendo por base o emprego do item lexical *stoit*, que expressa unicamente modalidade simbulética em russo, diferentemente do que ocorre em línguas como o PB, o inglês, o italiano, dentre tantas outras, em que a indicação de modalidade simbulética não é dada pela escolha do item lexical, e sim pelo contexto (cf. KRATZER, 1991; HACQUARD, 2006; entre outros). O autor apresenta como características desse tipo de modalidade propriedades semânticas, como

decisão e benefício, e sintáticas, como *encaixamento* e *escopo sobre a negação*. O exemplo (1), a seguir, transcrito de Yanovich (2014, p. 166-167), ilustra a propriedade de *decisão*:

(1) *Mary to Ann*:

Tebe **stoit** sxoditj na etot koncert.
 você **stoit** ir PREP esse concerto
 'Você devia ir a esse concerto.'

Ann:

Ty ošibaješsja: mne ne nnavitsja etot dirižor. Ty dala mne
 você COP.errada eu NEG gostar este maestro você dar me
 nepraviljnyj sovet.
 errado conselho
 'Você está errada. Eu não gosto daquele maestro. Você me deu um conselho equivocado.'

Segundo o autor, uma condição para o bom emprego do modal simbulético é a avaliação do conselho ou sugestão por parte do interlocutor. Em (1), vemos claramente que a sugestão de *Mary* foi rejeitada por *Ann*, por não ir ao encontro de suas preferências musicais. A resposta de *Ann* mostra que cabe ao interlocutor a decisão de aceitar ou não o conselho.

A partir da situação (1), podemos inferir que, em situações de conselho ou sugestão, é relevante que o enunciador seja reconhecido pelo seu interlocutor como alguém com conhecimento ou experiência no assunto em questão. Os exemplos, a seguir, ilustram essa propriedade:

(2) Professora: Você devia resolver mais exercícios sobre esse conteúdo.

Aluno: Certo, professora. Farei isso.

(3) Professora: Você devia reatar o seu namoro com a Ana.

Aluno: Meus assuntos pessoais não lhe dizem respeito. / A senhora está se separando; logo, não está em posição de dar conselhos amorosos a ninguém.

O exemplo (2) remete a um contexto de sala de aula, em que é, inclusive, esperado que a professora oriente, aconselhe, faça sugestões para os seus alunos melhorarem o desempenho nos estudos. Em casos como esse, é esperado, embora não obrigatório, que o estudante aceite o conselho. Já em (3), o assunto objeto do conselho não tem relação com o ambiente escolar. Nesse sentido, é compreensível o fato de o estudante rejeitar o conselho dirigido a ele, ou por o assunto não ter relação com o ambiente escolar, ou por, na visão do aluno, a professora não ser especialista no assunto ou, ainda, por a professora não administrar bem seu próprio relacionamento amoroso. Cabe observar que a decisão por aceitar ou rejeitar um conselho não tem relação com a autoridade do conselheiro sobre o aconselhado; da mesma forma, a emissão do conselho não se pauta por isso, e sim pelo fato de o enunciador exercer certa influência sobre o seu interlocutor, pela relação estabelecida entre eles ou por sua vivência e/ou especialidade no assunto em questão. Nenhum desses fatores é garantia, entretanto, de que o conselho será seguido.

Ressaltamos que o emprego do modal simbulético requer um interlocutor capaz de avaliar o conselho ou sugestão dados, condição, aliás, para que tome uma decisão. Vejamos as sentenças do exemplo (4):

- (4) a. #Você devia tomar apenas o leite materno nos primeiros seis meses de vida.
b. Seu filho devia tomar apenas o leite materno nos primeiros seis meses de vida.

A sentença (4a) não é feliz com o auxiliar modal *devia* denotando conselho. Isso porque o participante sobre o qual recai a orientação do modal corresponde a um bebê, que não possui capacidade para compreender o enunciado e, conseqüentemente, para avaliar a pertinência ou não do conselho. Em (4b), o enunciado está sendo direcionado à mãe ou ao pai do bebê, ambos com capacidade para decidir e, se for o caso, garantir que o evento descrito na sentença seja realizado. Note que o sujeito da sentença (*seu filho*), que é quem vai realizar o evento descrito sob o escopo do modal, é diferente do participante a quem é dirigido o conselho: o interlocutor.

Outro traço que Yanovich (2014) associa ao emprego do modal simbulético é o do benefício ao interlocutor. Segundo o autor, é esperado que o falante, ao dar conselho ou sugestão, o faça em benefício de quem o recebe. Vejamos um exemplo do russo, transcrito de Yanovich (2014, p. 166):

- (5) Tebe **stoit** ispeč pirog.
você STOIT assar torta
'Você devia assar uma torta.'

Nesse caso, o autor argumenta que o enunciado (5) é adequado apenas em contextos nos quais o falante considera que a realização do evento *ispeč pirog* ('assar uma torta') faria bem ao seu interlocutor, trar-lhe-ia algum benefício, como *ficar feliz* ou *animado*. Yanovich observa, ainda, que (5) seria inadequado em um contexto no qual o falante visasse ao seu próprio benefício, como seu desejo de comer uma torta, por exemplo, e não ao benefício do interlocutor.

Outra propriedade do modal simbulético apresentada por Yanovich é a possibilidade de figurar em sentenças encaixadas, como nos exemplos a seguir, transcritos do autor (2014, p. 167):

- (6) **Stoit** li mne zapisatjs na etot klass?
stoit se eu.DAT registrar PREP essa classe
'Devia eu me registrar para esta classe (eu me pergunto)?'

- (7) Maša teperj dumajet, što Ane **stoilo** tuda pojti.
Masha agora pensa que Ane stoit.passado lá ir
'Nos últimos dias, Masha vinha pensando que (de acordo com informações disponíveis a Masha) (dadas as circunstâncias daquele momento) Anya devia ter ido lá.'

Yanovich observa que *stoit* pode ser encaixado sob marcadores interrogativos, como em (6), e também sob tempo passado e verbos de atitude, como em (7). Observe que, no caso de (7), o falante não está aconselhando nem sugerindo que *Anya* se desloque até determinado lugar; ele está relatando um pensamento de alguém que não integra o contexto de enunciação, a saber: *Masha*.

Com base em Yanovich (2014), apresentamos ao longo desta breve seção exemplos que ilustram importantes propriedades do modal simbulético, tais como *decisão*, *benefício* e *encaixamento*. Nas seções 3 e 4, a seguir, discutimos tais propriedades a partir de dados do PB, indicando que sua manifestação está, de alguma forma, relacionada ao emprego performativo e não performativo desse modal.

3 O SIMBULÉTICO E A NOÇÃO DE PERFORMATIVIDADE

Qualquer ato performativo requer uma interação direta entre o falante e seu interlocutor. Streye Monawar argumentam que esse traço é necessário para que a modalidade simbulética exerça seu papel: “Ao contrário de outros modais, que são estáticos (descrevendo estado de coisas) ou têm instanciações em que são performativos [...], a modalidade simbulética é inerentemente performativa” (STREY; MONAWAR, 2017, p. 297, tradução nossa).¹

De acordo com essas autoras, não há possibilidade de o modal se realizar fora de um ato performativo. Yanovich (2014), embora afirmando que a performatividade é uma propriedade importante do modal simbulético, reconhece que há casos, como o transcrito a seguir, em que *stoit* figura em construções não performativas:

- (8) *Presidentu stoit sozdatj agenstvo po zaščite prirody.*
 presidente.DAT STOIT criar agência PREP defesa Natureza
 ‘O Presidente devia criar uma agência de defesa do meio ambiente.’

Em (8), o modal simbulético é orientado ao presidente, que não integra o contexto de enunciação; logo, não se trata de um ato performativo. Mesmo assim, o modal adequado neste contexto é *stoit*, evidenciando tratar-se de modalidade simbulética. Em relação ao critério do benefício ao aconselhado (ver seção 2), é importante notar que, nesse caso, o benefício do conselho não parece ser do *presidente* ou, pelo menos, não se restringe a ele, considerando que uma ação como a sugerida traria benefícios a toda população, incluindo o presidente, o enunciador e o seu interlocutor.

Esse mesmo emprego é possível no PB. Considere um contexto no qual um senhor, ao assistir a notícia de que o Oscar premiou o belo longa coreano com a estatueta de melhor filme, profere (9):

- (9) O Oscar podia premiar mais produções estrangeiras.

Note que o enunciado em (9) não é direcionado a um interlocutor presente no momento da enunciação, correspondendo mais à expressão do falante em relação aos critérios e valores que ele julga importantes serem considerados nessa cerimônia de premiação. Também neste exemplo há um senso de que o benefício não é do participante para o qual o modal simbulético é orientado, a saber: o Oscar ou a organização que promove e

¹ No original: “Unlike other modal flavors that are either static (describing the state of affairs) or have instantiations in which they are performative [...], symboletic modality is inherently performative”.

outorga essa premiação, mas sim do público do cinema, no qual o falante e o *addressee* estão inseridos. Exemplos como (9) revelam que, no PB, à semelhança do que ocorre em russo, a modalidade simbulética figura também em contextos não performativos, ou seja, em contextos nos quais o falante não direciona um conselho ou sugestão diretamente ao seu interlocutor no momento da enunciação.

4 CONSTRUÇÕES SIMBULÉTICAS COM *ADDRESSEE* GENÉRICO E *SEM ADDRESSEE*

O simbulético é definido na literatura como um modal de conselho/sugestão que figura em contextos performativos, que requerem uma interação direta entre o falante e seu interlocutor. Nesses casos, o enunciado é direcionado a um *addressee* específico (ver os exemplos (1) e (5) do russo e (2) e (3) do PB). Cabe observar, entretanto, que esse tipo de modalidade ocorre também em contextos não performativos (ver os exemplos (8) e (9) acima). Considerando quão comum são esses últimos casos, faz-se necessário repensar a associação direta entre o modal simbulético e a noção de performatividade.

Nesta seção, mostramos alguns exemplos do modal simbulético figurando em enunciados não performativos com *addressee* genérico, em (10) e (12b), e sem nenhum *addressee*, em (11) e (12c).

- (10) Taxistas podiam cobrar um preço mais justo.
- (11) Tinha que existir um espaço para cães em supermercados.
- (12) a. Nossos pais acham que você devia casar com o Pedro.
 b. Turistas comentam que cariocas podiam separar o lixo.
 c. Muitas pessoas dizem que tinha que haver menos consumo de carne.

O enunciado em (10) não é dirigido diretamente a representantes da categoria-alvo da observação do falante, no caso, *taxistas*. Trata-se, portanto, de um emprego do modal simbulético em enunciado não performativo, uma vez que a sugestão não é endereçada a nenhum participante específico. Na literatura linguística, tais enunciados são caracterizados como tendo um *addressee* genérico (cf. PORTNER et al., 2019). Diferentemente do exemplo (10), o enunciado (11) não indica o referente que seria o alvo da observação do falante; logo, trata-se de uma construção identificada como não tendo *addressee*. A diferença entre as sentenças nos exemplos (10) e (11) e as sentenças do exemplo (12) é que, em (12), a construção modal está no domínio encaixado. Esses dados são importantes por evidenciarem que a leitura simbulética para o modal não se restringe a sentenças simples ou ao domínio matriz, onde se pode ter a realização de um ato performativo. Conforme pontuado na literatura, alguns elementos diferem entre si em relação à sua distribuição sintática, de forma que há elementos restritos ao domínio matriz (*root phenomenon*), enquanto outros transitam entre o domínio matriz e o encaixado (cf. HAEGEMAN, 2004), o que parece ser o caso do modal simbulético. O domínio encaixado não faz interface com o discurso, por

isso, enunciados que capturam a relação direta entre falante e interlocutor, como é o caso de atos performativos, não se realizam neste domínio (cf. PORTNER et al., 2019). Em (12a), o conteúdo do enunciado é endereçado ao interlocutor; é importante observar, entretanto, que se trata do relato de uma opinião/sugestão, uma vez que é atribuída a um participante diferente do enunciador. Em (12b), temos um caso semelhante, uma vez que o enunciador não expressa a sua opinião sobre os cariocas, e sim a de turistas. (12c) também corresponde a um relato de opinião de outros, mas, desta vez, sem a indicação do referente a quem esta observação é endereçada, nem mesmo de forma genérica, como ocorre em (12b).

Note-se que os exemplos de (8) a (10) também apontam um benefício associado ao conselho ou sugestão, mas tal benefício não recai sobre o participante para o qual o modal é orientado, que, nesses casos, corresponde ao sujeito das sentenças modais. Esses exemplos indicam, como nota Yanovich (2014), que benefício é uma propriedade semântica relevante para o emprego do modal simbulético, mas, diferentemente do que afirma o autor, essa propriedade não está associada unicamente ao participante a quem o conselho é endereçado. Temos por hipótese que o benefício é uma condição para essa modalidade, estando presente em contextos performativos e não performativos, mas apenas em contextos performativos o beneficiado será o interlocutor, a quem o falante dirige o conselho diretamente, como um ato de fala. Veja que, em (10), que corresponde a um contexto não performativo, o conselho ou sugestão recai sobre *taxistas*, e o benefício pela realização do evento (*cobrar um preço mais justo*) seria de todos os usuários do serviço, mas não dos taxistas, que receberiam um valor menor por corrida. Contudo, toda construção com um modal simbulético parece envolver um beneficiário: em (11), o benefício se aplicaria a donos, amantes ou defensores de cães, grupo em que o falante e o *addressee* estão provavelmente incluídos; em (12a), o benefício, na visão dos pais, recairia sobre a filha, a quem o discurso está sendo reportado; em (12b), o benefício seria para todos os habitantes do Rio de Janeiro e também para aqueles que estão de passagem pela cidade; e, por fim, em (12c), o benefício se estenderia a toda a população, uma vez que a produção de carne aumenta a emissão de gases poluentes e acelera os efeitos do aquecimento global. É fato que precisamos investigar, de forma mais acurada, a relação entre esse traço e os empregos performativo e não performativo do modal simbulético, mas o caminho apontado aqui pode auxiliar na descrição e consequente compreensão desse modal.

O emprego do modal simbulético nos exemplos de (8) a (12) revela que seu uso não se restringe a construções performativas nem a contextos em que há um *addressee* específico. As construções modais em (12) indicam ainda que, quando um modal simbulético figura no domínio encaixado, ele não codifica informações que capturam a relação entre o falante e o seu interlocutor, uma vez que não se trata da emissão de um conselho ou sugestão do falante no ato de enunciação, e sim do relato de um conselho que beneficia, ainda que indiretamente, também o *addressee* ou, diretamente, alguém mencionado, quando o discurso é reportativo. O conteúdo desse relato pode ter como alvo o interlocutor, como em (12a); um *addressee* genérico, como em (12b); ou nenhum *addressee*, como em (12c).

Os exemplos de (10) a (12) revelam que modais simbuléticos não se caracterizam essencialmente como um ato performativo de conselho ou sugestão, podendo figurar também em construções em que é expressa a opinião do enunciador ou de outra pessoa, no caso de a construção figurar no domínio encaixado, em relação a como se deve agir em determinadas situações. Supomos que uma melhor caracterização do modal simbulético é associá-lo a situações de conselho e sugestão em construções com *addressee* específico, correspondendo a um ato de fala diretivo, e também a situações em que o enunciador emite sua opinião sobre o que uma pessoa (ou um grupo de pessoas) não presente no contexto discursivo deve fazer em determinadas situações, visando a algum benefício. Tal definição, por ser mais abrangente, dá conta dos diferentes empregos do modal simbulético: o performativo e o não performativo.

Considerar o emprego do modal simbulético no domínio encaixado e em construções com *addressee* genérico e sem nenhum *addressee* nos levou a repensar a definição apresentada para este modal na literatura, que o associa fortemente à performatividade. O emprego não performativo desse modal, inclusive no domínio encaixado, aponta diferenças que supomos refletir na estrutura da sentença. Um enunciado performativo está atrelado ao momento da fala e aos participantes do evento de fala, constituindo numa sugestão ou conselho do falante direcionado diretamente ao seu interlocutor. O simbulético no domínio encaixado, que caracteriza um emprego não performativo desse modal, pode exibir marca de tempo, como mostra o exemplo (7), em russo, e também não ser direcionado ao interlocutor. Esses parâmetros, assim como seus reflexos na estrutura da sentença com um modal simbulético, serão investigados em pesquisa futura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do modal simbulético ainda permanece com muitas questões em aberto. Neste *squib*, apresentamos exemplos do PB que nos levam a questionar a relação estreita que a literatura sobre este modal estabelece entre seu emprego e a noção de performatividade.

Mostramos que um modal simbulético figura não apenas em contextos performativos, como nos exemplos de (1) a (3), (4b) e (5), mas também em contextos em que o conselho ou sugestão é direcionado a um participante genérico, como em (10), ou, ainda, quando não é direcionado a nenhum participante, como no exemplo (11). A ocorrência desse modal no domínio encaixado também sinaliza na direção de que há dois empregos do modal simbulético: (i) performativo, que se caracteriza como um ato de fala de conselho ou sugestão dirigido diretamente ao interlocutor, requerendo, portanto, um *addressee* específico; e (ii) não performativo, que expressa a opinião do falante (ou de outros, no caso de a sentença modal se localizar no domínio encaixado) em relação ao modo como determinada pessoa ou um grupo de pessoas deve agir. Entendemos que esses dois empregos requerem uma definição mais abrangente para a modalidade simbulética, que leve em conta fatores como (i) a relação entre os interlocutores; (ii) a visão do enunciador em relação ao modo como as pessoas devem agir em determinadas situações, sejam elas integrantes do seu círculo social mais próximo ou representantes de instituições (públicas ou privadas); (iii) a visão do enunciador em relação à sua própria posição, seu grau de conhecimento e vivência para proferir um conselho ou sugestão; e, por fim, (iv) a avaliação do enunciador em relação ao(s) benefício(s) envolvido(s) e quais os beneficiados pela emissão do conselho ou sugestão.

REFERÊNCIAS

HACQUARD, V. *Aspects of modality*. 2006. 214f. Tese (Doctor of Philosophy in Linguistics) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.

HAEGEMAN, L. Topicalization, CLLD and the left periphery. *In: MAIENBORN, Claudia; FREY, Werner; SHAER, Benjamin (ed.). ZAS Papers in Linguistics, 35: Proceedings of the Dislocated Elements Workshop*, p. 157-192, 2004.

KRATZER, A. Modality. *In: VON STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (ed.). Semantics: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter, 1991, p. 639-650.

PORTNER, P; PAK, M; ZANUTTINI, R. The speaker-addressee relation at the syntax-semantics interface. *Language*, v. 95, n. 1, p. 1-36, 2019.

YANOVICH, I. Symbouletic modality. *In: PIÑÓN, Christopher (ed.). Empirical Issues in Syntax and Semantics*, v. 10, p. 161-178, 2014.

STREY, C; MONAWAR, M. Grammatical and Communicative Competences as one: a study on symbouletic modality. *Letras de Hoje*, [s.l.], v. 52, n. 3, p. 294-301, 7 dez. 2017.

Squib recebido em 31 de agosto de 2020.

Squib aceito em 16 de junho de 2021.



A OPCIONALIDADE ENTRE PRONOME NULO E PRONOME LEXICAL PARA LEITURA CORREFERENTE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

KAROLINE GASQUE DE SOUZA*

RESUMO

É sabido que o português brasileiro não é uma língua categórica quando o assunto é o parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981). Quando o sujeito da subordinada substantiva objetiva direta é correspondente ao sujeito da oração principal, será nulo em uma língua *pro-drop* e pronominal em uma língua não *pro-drop*. Segundo a literatura (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005; HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; WIDERA; KAISER, 2019), em português brasileiro, há a opcionalidade de utilizar sujeito nulo ou pronominal nesses casos, embora haja indícios de que o nulo será interpretado como correspondente ao sujeito da principal, enquanto o pronominal será relacionado a qualquer outro referente, assim como acontece em português europeu. O problema, então, é descobrir por que o português brasileiro conserva duas formas para “expressar a mesma situação” e se existe alguma tendência de interpretação. Por meio de um questionário, foi possível identificar que o português brasileiro realmente conserva as duas formas com um tênue direcionamento interpretativo: sujeito nulo para leitura correferente ao sujeito mais próximo e sujeito pronominal quando correferente a constituintes/sintagmas que não o sujeito.

Palavras-chave: português brasileiro, parâmetro *pro-drop*, sujeito da subordinada

ABSTRACT

It is known that Brazilian Portuguese is not a categorical language when it comes to the *pro-drop* parameter (CHOMSKY, 1981). When the subject of the noun clauses used as direct object is corresponding to the subject of the main clause, it will be null in a *pro-drop* language and pronominal in a non-*pro-drop* language. According to the literature (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005; HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009; WIDERA; KAISER, 2019), in Brazilian Portuguese there is the option of using either null or pronominal subject in these cases, although there are indications that the null will be interpreted as corresponding to the main subject, while the pronominal will be related to any other referent, just as it happens in European Portuguese. The problem, then, is to find out why Brazilian Portuguese retains two forms to “expressing the same situation” and whether there is any tendency on the interpretation of each construction. Through a questionnaire, it was possible to identify that Brazilian Portuguese really preserves both forms with a tenuous interpretive preference: null subject for reading correlated to the closest subject and pronominal subject when correlated to constituents/syntaxes other than the subject.

Keywords: Brazilian Portuguese, *pro-drop* parameter, subjects in subordinate clauses

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Mestranda em Linguística, e-mail: karolinegasque@gmail.com. Agradeço ao meu orientador, Gabriel de Ávila Othero, e aos pareceristas pelos comentários e sugestões.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute o uso do nulo e do pronome, em terceira pessoa do singular, como sujeito de oração subordinada no português brasileiro (doravante PB) com leitura correferente ao sujeito da oração principal (p. ex., *O João, disse que pro/ele, comprou uma casa*). Este fenômeno será investigado por meio de dois experimentos, do tipo questionário, um para julgar a aceitabilidade de sentenças com um determinado significado induzido, com o objetivo de verificar se as duas manifestações de sujeito na subordinada são realmente aceitáveis, e aceitáveis de igual forma, para correferir ao sujeito matriz, e outro para complementar pequenos diálogos, a fim de averiguar se tanto o nulo quanto o pronome como sujeito da subordinada são igualmente usados para correferir ao sujeito da principal. A partir dos experimentos, será possível identificar se o PB realmente conserva a opcionalidade entre o nulo e o pronominal na subordinada com leitura correferente ao sujeito matriz ou se o PB mantém alguma tendência de leitura distinta para as duas formas de sujeito da subordinada.

2 O PORTUGUÊS BRASILEIRO NO PARÂMETRO *PRO-DROP*

É (quase) consenso que o PB não é mais uma língua de sujeito nulo prototípica (cf. Barbosa; Duarte; Kato, 2005; Holmberg; Nayudu; Sheehan, 2009; Figueiredo Silva, 2017; Pilati; Naves; Salles, 2018; Widera; Kaiser, 2019; e outros) e nem um bom exemplo de língua de sujeito preenchido. Entre os dois extremos do Parâmetro do Sujeito Nulo (CHOMSKY, 1981), é possível considerar que há um *continuum* em que o português brasileiro se encontra.¹ Assim, por suas propriedades singulares que ora o aproximam de uma língua *pro-drop*, ora não *pro-drop*, discussão que não cabe neste trabalho, o PB é geralmente classificado como uma língua de sujeito nulo parcial (DUARTE, 1995; KATO; NEGRÃO, 2000; RODRIGUES, 2004; BIBERAUER; HOLMBERG; ROBERTS; SHEEHAN, 2010).

Uma língua marcada negativamente para o parâmetro *pro-drop* é, por exemplo, como o inglês, em que a sentença (1a) sempre terá o sujeito da subordinada preenchido com um pronome lexicalmente realizado, independente se o referente for ou não *John*. Por outro lado, em espanhol (1b) e no português europeu (1c), não é possível preencher o sujeito da subordinada com leitura correferente ao sujeito matriz.²

- (1) a. John_i said that he_{i/k} bought a computer.
João dizer-PASS que ele comprar-PASS um computador

1 Sugestão de Mônica Rigo Ayres, em comunicação pessoal.

2 Um dos pareceristas menciona que é possível preencher o sujeito da subordinada em espanhol e em português europeu, mas a leitura é necessariamente marcada, por exemplo, uma interpretação de ênfase, ao passo que em inglês se obtém uma leitura não marcada, já que é a forma usual na língua.

- b. Juan_i dijo que él_{*i/k} compró una computadora.
João disse que ele comprou um computador
- c. O João_i disse que ele_{*i/k} comprou um computador.

Enquanto em inglês não é sintaticamente possível o nulo na subordinada (2a), uma língua *pro-drop* manterá o sujeito nulo na subordinada quando o referente for o sujeito da principal, como o espanhol (2b) e o português europeu (2c). Em outras palavras, as línguas de sujeito nulo canônicas não permitem um pronome com matriz fonética com leitura não marcada como sujeito da subordinada, como *él/ele*, com leitura correferente ao sujeito da oração principal, mas sim um *pro*, pronome sem conteúdo fonético.

- (2) a. John_i said that *pro*_{*i/*k} bought a computer.
- b. Juan_i dijo que *pro*_{i/*k} compró una computadora.
- c. O João_i disse que *pro*_{i/*k} comprou um computador.

Já o PB se parece com o português europeu e com o espanhol por admitir o pronominal quando não correferente ao sujeito da principal (3a) e o nulo quando é correspondente ao sujeito da principal (3b). No entanto, o PB se diferencia dessas línguas de sujeito nulo prototípicas por também aceitar que a posição seja preenchida por pronome lexical correferente ao sujeito da oração matriz (cf. 3a), como foi observado por Ferreira (2004). Com isso, no PB, quando o sujeito da subordinada for correferente ao sujeito da matriz, há opcionalidade de ser preenchido por um pronome ou nulo, sem prejuízos na interpretação ou gramaticalidade, embora possa haver uma tendência de interpretação similar à do português europeu em alguns *corpora* de língua escrita (cf. WIDERA; KAISER, 2019)

- (3) a. O João_i disse que ele_{i/k} comprou um computador.
- b. O João_i disse que *pro*_{i??k} comprou um computador.³

Em teoria, de acordo com Kroch (1994), não existem duas formas para expressar a mesma ideia, como (3a). Diante disso, é preciso investigar se o PB realmente admite o sujeito nulo e o sujeito pronominal como uma opcionalidade para exprimir a leitura correferente ao sujeito da principal e se existe alguma tendência de interpretação quando pleno ou nulo.

3 Em português brasileiro, é possível que o sujeito pronominal nulo da encaixada não seja correferente ao sujeito da matriz, mas sim a um tópico discursivo suficientemente proeminente, como em "A Maria_k, João_i disse que *pro*_{*i/k} vende cachorro quente na praia", exemplo em Pilati, Naves e Salles (2018, p. 73). Um dos pareceristas observa que esta correferência também é possível em espanhol e em português europeu.

3 EXPERIMENTOS, OU QUESTIONÁRIO

Na tentativa de compreender melhor o fenômeno, foi criado um questionário no *Google Forms* com duas seções (além da inicial para registrar o perfil dos participantes): a primeira para o julgamento do tipo escala de sentenças com um significado induzido, formada por seis frases-alvo e doze distratoras; e a segunda para completar pequenos diálogos, com quatro alvos e quatro distratores. O questionário ficou disponível na plataforma de 18 de novembro a 02 de dezembro de 2020 e obteve a resposta de 50 informantes, em sua maioria do Rio Grande do Sul, com idades entre 19 a 53 anos e de escolaridade alta – 46% com ensino superior completo, 46% com ensino superior incompleto e 8% com ensino médio completo.

Por meio do questionário, foi possível averiguar se as sentenças são aceitáveis com os significados propostos ou não e a maneira preferida para completar as sentenças, usando sujeito pleno ou nulo na subordinada. Vale salientar que todas as questões utilizadas para o questionário são descontextualizadas propositalmente, pois qualquer contexto poderia direcionar a interpretação; note-se, ainda, que os referentes possíveis são do mesmo nível da hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), e de mesma pessoa gramatical (3ª pessoa do singular), variando apenas em gênero. Em parte, o questionário foi motivado pelo trabalho de Kenedy (2014). Os testes de aceitabilidade elaborados pelo autor mostraram que as anáforas nulas em posição/função de objeto são orientadas para o tópico, enquanto as anáforas pronominais, na mesma posição/função, são orientadas para o sujeito⁴. A diferença das sentenças de Kenedy (2014) para as que foram elaboradas para o presente questionário é que aqui foi investigado qual é a orientação/referência do pronominal nulo e do pronome lexical em posição/função de sujeito da oração subordinada, especificamente da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3.1 PARTE I – JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE

O quadro a seguir exhibe a primeira parte do questionário, composta pelas sentenças para o julgamento, conforme publicadas no questionário, com seus resultados. Essas sentenças foram inspiradas em exemplos presentes na literatura que embasou esta discussão.⁵

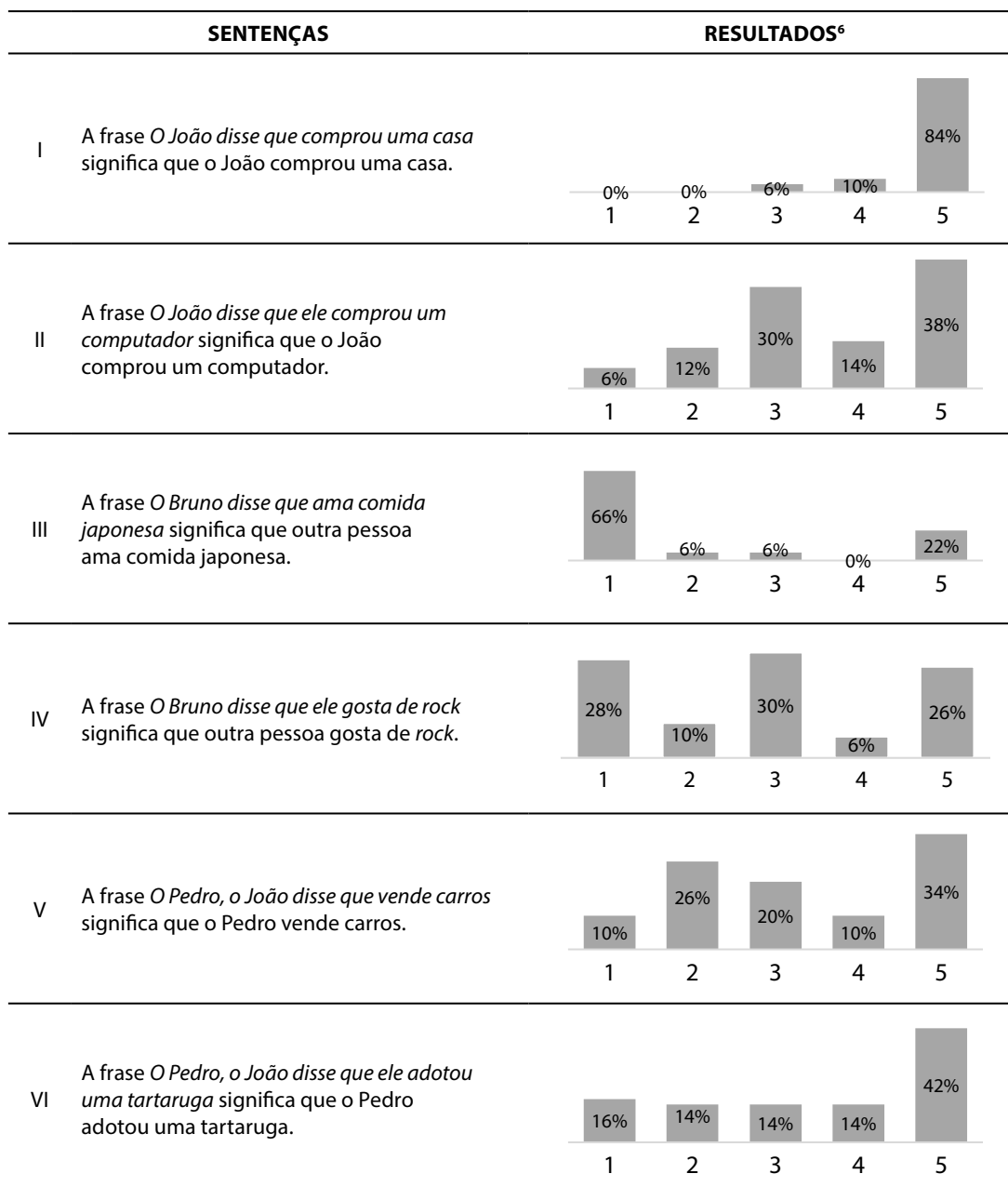
4 As sentenças e seus respectivos resultados de aceitabilidade obtidos por Kenedy (2014):

- (i) [Aquela secretária de vermelho]_i disse que o diretor demitiu Ø_i” (Szero: 33%)
- (ii) “[Aquela secretária de vermelho]_i disse que o diretor demitiu ela_i” (Spro: 71%)
- (iii) “[Aquela secretária de vermelho]_r, o diretor disse que demitiu Ø_i” (Tzero: 92%)
- (iv) “[Aquela secretária de vermelho]_r, o diretor disse que demitiu ela_i” (Tpro: 52%)

5 Há sentenças similares em quase toda literatura corrente sobre este assunto, por exemplo:

- (i) O João_i disse que *pro*_i/*ele*_i comprou um computador. (BARBOSA; DUARTE; KATO, 2005, p. 13);
- (ii) O João_i disse que *pro*_i/*ele*_i tinha comprado uma casa (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009, p. 65);
- (iii) O João_i disse que *pro*_i/*ele*_i vai comprar um carro. (WIDERA; KAISER, 2019, p. 151).

QUADRO 1 — O JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE DAS SENTENÇAS



Fonte: elaborado pela autora.

⁶ Os números nos gráficos indicam a escala do tipo Likert utilizada para o julgamento, indo de 1, “completamente inaceitável”, a 5, “completamente aceitável”, de forma que 3 exprime a neutralidade do juízo, nem aceitável, nem inaceitável.

Conforme o Quadro 1, é bastante aceitável (84%) que o sujeito nulo da oração subordinada seja correferente ao nominal em posição de sujeito da oração principal, como em (I), e sem nenhum juízo como inaceitável ou completamente inaceitável. No entanto, quando o sujeito pronominal tem a mesma referência, como em (II), há uma linha tênue entre completa aceitabilidade (38%) e entremeio (30%), nem aceitável e nem inaceitável, prevalecendo uma certa inclinação para completamente aceitável (52%), se considerar o juízo de aceitável (14%).

Quando o sujeito nulo da subordinada não tem referência definida, como em (III), é considerado completamente inaceitável (66%), mas em uma proporção menor à completa aceitabilidade da correferência do nulo com o sujeito da oração matriz (cf. os altos percentuais de completa aceitabilidade, em I). Já em (IV), quando o sujeito pronominal na subordinada pode ter uma referência externa qualquer, os resultados foram muito equilibrados, dadas as percentagens de 28% completamente inaceitável, 30% nem aceitável e nem inaceitável e 26% completamente aceitável, prevalecendo a orientação do julgamento de inaceitabilidade (38%) em oposição à orientação para aceitabilidade (32%).

Nas duas últimas sentenças, é possível observar como se dá o julgamento de aceitabilidade quando o referente está na periferia esquerda da sentença. Em (V), a vinculação do sintagma isolado à esquerda ao sujeito nulo da subordinada é de 34% completamente aceitável, 26% inaceitável e 20% entremeio, o que pode indicar que exista alguma resistência em aceitar que o sujeito nulo da subordinada nem sempre será correferente ao sujeito da matriz. Por outro lado, em (VI), o julgamento do sujeito pronominal da subordinada com a mesma referência foi bem diferente. Há um maior percentual de completa aceitação marcado por 42%, porém os 58% restantes foram distribuídos quase igualmente pelos outros juízos.

Os resultados obtidos no Quadro 1 demonstram que o sujeito nulo na subordinada é aceitável quando é correferente ao sujeito da oração principal (I) ou até quando corresponde ao elemento isolado no início da sentença (V), este em bem menor proporção de aceitabilidade que aquele, respectivamente, 84% e 34%, e é inaceitável quando tem um referente não recuperável, não mencionado (III). Quando o sujeito da subordinada é preenchido por um pronome, pode-se considerar que também é aceitável se é correferente ao sujeito da principal (II), mas em menores proporções da aceitabilidade do sujeito nulo. Os maiores percentuais de aceitabilidade do sujeito pronominal ocorrem com a referência no elemento isolado no início da sentença (VI). Em contrapartida, quando não há uma referência definida para o pronome (IV), não é possível asseverar o julgamento, pode-se considerar apenas uma inclinação para inaceitabilidade (38%). Enfim, os resultados obtidos com este experimento apontam que realmente existe a opcionalidade entre o nulo e o pronominal como sujeito da subordinada com referência no sujeito da matriz em PB, porém com considerável preferência para o nulo.

3.2 PARTE II – COMPLEMENTAÇÃO DAS SENTENÇAS

A segunda parte do questionário foi elaborada de maneira que os participantes pudessem completar as sentenças retomando o sujeito da oração principal ou o referente saliente no diálogo. As sentenças e os resultados estão expostos no quadro a seguir:

QUADRO 2 — A COMPLEMENTAÇÃO DAS SENTENÇAS

| DIÁLOGOS | | RESULTADOS ⁷ | |
|----------|--|-------------------------|-----|
| VII | A: O Victor viu a Bianca ontem? B: O Victor disse que... | Subs | 7% |
| | | Pron | 7% |
| | | Nulo | 86% |
| VIII | A: Quem o Bruno encontrou no mercado? B: O Mauricio, o Bruno disse que... | Subs | 4% |
| | | Pron | 24% |
| | | Nulo | 72% |
| IX | A: A Pamela vendeu o carro? B: A Camila disse que... | Subs | 28% |
| | | Pron | 32% |
| | | Nulo | 40% |
| X | A: Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que... | Subs | 20% |
| | | Pron | 56% |
| | | Nulo | 24% |

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o Quadro 2, em geral, são notáveis os altos percentuais de nulos. Em (VII), todas as sentenças completadas com sujeitos nulos têm o mesmo referente: o sujeito da principal *Victor* (alguns exemplos extraídos do questionário: *O Victor disse que não viu ela*; *O Victor disse que esteve com a Bianca ontem*) e todos os sujeitos pronominais e substantivos têm como referência *Bianca*, que está saliente no discurso (*O Victor disse que ela está linda*; *O Victor disse que a Bianca tava na faculdade*). O mesmo vale para (VIII), com um elemento

⁷ Os resultados foram agrupados conforme o sujeito utilizado na subordinada: qualquer substantivo (“Subs”), nulo (“Nulo”) ou pronome (“Pron”).

deslocado para a periferia esquerda: os nulos têm *Bruno* como referente (*O Mauricio, o Bruno disse que o encontrou na seção de higiene pessoal; O Mauricio, o Bruno disse que fazia tempo que não o via*), os pronominais e substantivos se referem a “Mauricio” (*O Mauricio, o Bruno disse que ele parecia muito bem; O Mauricio, o Bruno disse que o Mauricio tava no mercado*).

A questão (IX) foi a mais homogênea em percentagens: a referência do nulo foi dividida entre *Camila* (*A Camila disse que comprou o carro da Pamela; A Camila disse que não sabe se a Pamela vendeu ou não o carro*) e *Pamela* (*A Camila disse que vendeu por uma boa quantia; A Camila disse que ainda não o vendeu*). Por outro lado, todos pronominais se referem a *Pamela* (*A Camila disse que ela vendeu para o irmão dela; A Camila disse que ela vendeu o carro baratinho*). Esta foi a questão que teve o maior percentual de substantivo na posição de sujeito da subordinada, todos se referindo a *Pamela* (*A Camila disse que a Pamela vendeu o carro; A Camila disse que a Pamela havia vendido o carro*). Ainda houve uma ocorrência de outro sujeito substantivo: *carro* (*A Camila disse que o carro está bem conservado*), mas como este foi um único caso, não foi contabilizado.

Por fim, (X) não tem alternância de turnos de fala como nas demais (entre A e B), ou seja, não há informações sobre o discurso anterior e nem posterior, há apenas o falante A, e seguiu a mesma distribuição de referência de (VII) e (VIII), mas com orientação estatística distinta: o sujeito da oração principal foi o referente do nulo da subordinada, *João* (*Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que vai andar também; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que quer andar junto*) e *Miguel* foi o referente para os sujeitos pronominais e substantivos da subordinada (*Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que ele estava aprendendo; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que ele ganhou de aniversário; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que o Miguel comprou uma bicicleta; Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que o guri anda direitinho*).

Importa destacar que as sentenças expostas no Quadro 2 exibiam diversas possibilidades de combinação dos referentes acessíveis: em (VII), o sujeito da oração principal é *Victor*, e o outro referente possível é *Bruna*; em (VIII), o sujeito da principal e o elemento deslocado têm o mesmo gênero gramatical masculino; em (IX), ao contrário da anterior, os dois referentes têm o mesmo gênero gramatical feminino; em (X), há três referentes possíveis, *eu*, *Miguel* e *João*, e não há alternância de turnos de fala, o que pode explicar os 56% de sujeito pronominal na subordinada.

A partir dos resultados do Quadro 2 e excluindo as respostas contendo substantivos do cômputo geral, agora cabe apresentar somente os dados referentes à competição entre sujeito nulo e sujeito pronominal:

QUADRO 3 — A COMPLEMENTAÇÃO DAS SENTENÇAS: NULO X PRONOME

| SENTENÇAS | | RESULTADOS | |
|-----------|--|------------|-----|
| VII | A: O Victor viu a Bianca ontem? B: O Victor disse que... | Nulo | 92% |
| | | Pron | 8% |
| VIII | A: Quem o Bruno encontrou no mercado? B: O Mauricio, o Bruno disse que... | Nulo | 76% |
| | | Pron | 24% |
| IX | A: A Pamela vendeu o carro? B: A Camila disse que... | Nulo | 45% |
| | | Pron | 55% |
| X | A: Eu vi o Miguel andando de bicicleta. O João falou que... | Nulo | 30% |
| | | Pron | 70% |

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 2, em resumo, não houve sequer uma ocorrência de sujeito pronominal na subordinada com referência fixada no sujeito da sentença resposta, ou melhor, nenhuma ocorrência de pronominal com leitura correferente ao sujeito da principal. Por outro lado, os resultados de VII, VIII e X mostraram que todos os sujeitos nulos na subordinada eram correferentes ao sujeito da principal; a única questão que não seguiu este direcionamento em sua totalidade foi IX, pois a referência do nulo da subordinada foi dividida entre o sujeito da principal e o sujeito da sentença anterior. Por isso, no Quadro 3, foram considerados apenas os percentuais dos sujeitos nulos correferentes ao sujeito da oração matriz em IX, a fim de uniformizar os resultados.

Além da escolha quase total do nulo para correferir ao sujeito da oração matriz e total do pronominal para não correferir ao sujeito matriz, o que já foi evidenciado no Quadro 2, o Quadro 3, com a competição direta entre sujeitos nulos e sujeitos pronominais, demonstra a preferência pela retomada do sujeito da principal na continuação do diálogo antes de outro referente saliente, com uma taxa média de escolha de 60,75% do nulo (exclusivamente para leitura correferente ao sujeito da principal) contra 39,25% do pronome (todos com leitura não correferente ao sujeito da principal). Vale lembrar os resultados da primeira parte, Quadro 1, em que o sujeito nulo na subordinada manteve altos índices de aceitabilidade com leitura correferente ao sujeito da principal (já o pronominal não teve um percentual tão alto), mas também foi considerado aceitável quando referindo ao sintagma isolado à esquerda da sentença.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados do questionário proposto, em relação às diferenças de interpretação, o sujeito nulo da subordinada tem tendência a ter o sujeito da principal ou o elemento na periferia esquerda como referente (como *Pedro* em V), sendo aquele bem mais favorecido que este. Em contrapartida, o sujeito pronominal também pode ser correferente ao sujeito matriz, mas é mais aceitável quando tem sua referência fixada no elemento deslocado para a esquerda ou saliente no discurso.

Neste trabalho, a respeito especificamente dos resultados obtidos na parte dos diálogos, a forma como os participantes optaram por complementar as sentenças evidencia a predileção por manter o objeto da sentença anterior, considerado aqui como o referente saliente (*Bianca, Mauricio e Miguel*), também como objeto da subordinada, conforme (VII), por exemplo, em 86% dos casos foi mantida na subordinada a mesma estrutura da sentença interrogativa (sujeito: *Victor*; objeto: *Bianca*), apenas em 14% *Bianca* é o sujeito da subordinada, justamente nas ocorrências de sujeito preenchido, e este percentual cai para 8% se considerarmos somente as ocorrências de pronome e nulo. A única questão que teve a referência do sujeito nulo dividida foi em (IX), caso em que havia um referente saliente em posição de sujeito na primeira sentença.

Em conclusão, o português brasileiro realmente admite a opcionalidade de escolha entre o sujeito nulo e o pronominal na subordinada como possibilidades para leitura correferente ao sujeito da principal, a despeito do Princípio Evite Pronome (CHOMSKY, 1981), uma vez que o sujeito pronominal não exerce nenhum efeito de ênfase ou foco (cf. FIGUEIREDO SILVA, 2017) nesses casos. No entanto, o PB ainda está mantendo uma proximidade com o português europeu, tendo uma preferência pelo sujeito nulo na subordinada quando a intenção é uma leitura correferente ao sujeito da principal e sujeito pronominal para leitura não correferente ao sujeito da principal, o que corrobora fortemente a ideia já defendida na literatura de que o português brasileiro é uma língua de sujeito nulo parcial.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia L. KATO, Mary A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, 2005. p. 11-52.

BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle (org.). *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CYRINO, Sonia; DUARTE, Maria Eugênia L.; KATO, Mary A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (ed.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000. p. 55-104.

DUARTE, Maria Eugênia L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 1995.

FERREIRA, Marcelo. Hyperraising and Null Subjects in Brazilian Portuguese. In: CASTRO, Ana et al. (org.) *Romance. Collected Papers on Romance Syntax*. Cambridge: MITWPL, 2004. p. 57-85.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais. *Revista Linguística*, v. 13, n. 2, p. 191-211, 2017.

HOLMBERG, Anders; NAYUDU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, p. 59-97, 2009.

KATO, Mary Aizawa; NEGRÃO, Esmeralda Vailati (ed.). *The null subject parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000.

KENEDY, Eduardo. O status tipológico das construções de tópico no Português Brasileiro: uma abordagem experimental. *Revista da ABRALIN*, v. 13, n. 2, p. 151-183, 2014.

KROCH, Anthony. Morphosyntactic variation. In: BEALS, Katharine et al. (ed.). *Papers from the 30th regional meeting of the Chicago linguistics society: parasession on variation and linguistic theory*. Chicago, IL: Chicago Linguistic Society, 1994. v. 2. p. 180-201.

PILATI, Eloisa Nascimento Silva; NAVES, Rozana Reigota; SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Uma análise unificada para sujeitos inovadores (nulos e manifestos) na gramática do português brasileiro. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 46, p. 65-82, 2018.

RODRIGUES, Cilene. *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Maryland, 2004.

WIDERA, Carmen; KAISER, Georg. Asterix e os pronomes sujeitos: uma análise contrastiva do emprego dos pronomes sujeitos no português europeu e brasileiro. In: MOUTINHO, Lurdes de Castro *et al.* (ed.). *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*. Aveiro: UA Editora, 2019. p. 143-165.

Squib recebido em 13 de maio de 2021.

Squib aceito em 14 de agosto de 2021.



A POSSÍVEL INFLUÊNCIA DO PB (L1) NA REALIZAÇÃO DE SUJEITOS REFERENCIAIS EM INGLÊS (L2)

LARISSA DA SILVA CURY* | THALES SANTIAGO MEDEIROS GAMA**

RESUMO

O objetivo desta análise é discutir uma possível influência de traços da primeira língua (L1) na performance de uma segunda língua (L2) por falantes bilíngues sequenciais. Investigamos se graduandos em Letras: Português-Inglês, residentes do Rio de Janeiro, aceitariam sujeitos nulos de referência definida em inglês, uma possibilidade em português brasileiro (PB), mas não em inglês. Buscamos, então, os padrões sintáticos e os traços semânticos que ainda favorecem ou desfavorecem o sujeito nulo no PB, a fim de verificar se e como esse comportamento seria refletido na performance na L2 por meio de uma análise experimental de julgamento de gramaticalidade. Imaginávamos que nos contextos estruturais em que o PB ainda licencia e identifica nulos, nossos participantes teriam maior dificuldade para identificar a ausência do pronome sujeito em inglês e que, nos contextos estruturais em que PB tende ao preenchimento, haveria maior percepção de nulos. Nossa análise dos resultados corrobora, em parte, nossa hipótese inicial. Concluímos com o entendimento de que a experiência bilíngue é dinâmica e que as duas línguas estão em constante interação na mente bilíngue.

Palavras-chave: Parâmetro do Sujeito Nulo, sujeitos de referência definida, aquisição de segunda língua (SLA), inglês como segunda língua (ESL), bilinguismo

ABSTRACT

The aim of the present analysis is to discuss the possible influence of sequential bilinguals' first language (L1) on their second language (L2) performance. We investigated if undergraduate students of Portuguese-English from Rio de Janeiro would accept definite null subjects in English, which is a possibility in Brazilian Portuguese (PB), but not in English. We selected the syntactic patterns and the semantic features which still favor or disfavor the null subject realization in PB in order to examine if and how the behavior of the L1 could be reflected on the L2 via a grammatical judgment test. We expected that in the structural contexts in which PB shows a higher percentage of null subjects, our participants would have more difficulty identifying missing subjects in English and, in structural contexts in which PB exhibits high percentages of overt subject pronouns, our participants would realize the absence of pronouns more easily. The analysis of our data supports, partially, our previous hypothesis. We finish our study acknowledging that the bilingual experience is dynamic and that both languages are in constant interaction in a bilingual's mind.

Keywords: Null Subject Parameter, definite null subjects, second language acquisition (SLA), English as a second language (ESL), bilingualism

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, e-mail: larissascury@gmail.com.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Aluno de mestrado em Engenharia Metalúrgica e de Materiais no Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COP-PE/UFRJ), e-mail: thalesgama@metalmat.ufrj.br. Este *squib* é uma síntese do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Licenciatura em Letras: Português-Inglês (UFRJ), realizado por Larissa da Silva Cury, sob a orientação da prof^a Dr^a. Maria Eugênia Lammoglia Duarte (CNPQ/UFRJ), disponível no repositório institucional da Faculdade de Letras da UFRJ. Agradecemos aos pareceristas pela contribuição para a versão final deste *squib*.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está enquadrado nos estudos acerca da natureza do conhecimento de segunda língua (L2) de falantes bilíngues sequenciais, sobretudo no que diz respeito à influência da primeira língua (L1) durante o processo de aquisição de uma L2. O fenômeno investigado é o Parâmetro do Sujeito Nulo (doravante, PSN) (CHOMSKY, 1981 e trabalhos subsequentes), que se encontra em processo de mudança no português brasileiro (PB), com preferência pelos sujeitos pronominais de referência definida expressos em detrimento dos sujeitos nulos, segundo os estudos de Duarte (1995 e subsequentes).

Ao longo dos anos, a possível influência da L1 na L2 foi encarada por diferentes perspectivas. Até os anos 1970 e 1980, era defendido que a aprendizagem de uma L2 se dava por comparação com a L1, logo, um comportamento da L1 que não fosse similar ao da L2 deveria ser superado a fim de se chegar à performance “nativa”. Com os avanços nos estudos em bilinguismo, porém, entendemos que o bilíngue não necessariamente precisa ter um desempenho similar ao de um nativo (SELINKER, 1972) e que deve ser estudado a partir de suas idiossincrasias (GROSJEAN, 1989). Atualmente, consideramos que os conhecimentos entre L1 e L2 são compartilhados pelos bilíngues (COOK, 1991; CUMMINS, 1979) e adotamos a perspectiva de que os conhecimentos entre L1 e L2 são dinâmicos (GARCÍA, 2009) e estão em constante interação (COOK, 1991 e subsequentes). Desse modo, concordamos que saber mais de uma língua não é um processo estático e que não só é natural que a L1 influencie a L2, mas também o processo reverso.

A partir dessa ótica, procuramos estudar como brasileiros aprendizes de inglês como L2 se comportariam ao serem submetidos a um teste de julgamento de gramaticalidade com sentenças sem o pronome sujeito de referência definida em inglês, uma possibilidade em PB, mas não em inglês, inspirando-nos em White (1985). A partir dos resultados de Duarte (2019), formulamos a hipótese de que as participantes de nossa amostra teriam maior dificuldade de reconhecer a agramaticalidade nos mesmos contextos sintáticos em que PB ainda licencia mais nulos e que teriam mais facilidade em reconhecer a agramaticalidade das sentenças nos contextos em que PB apresenta índices altíssimos de preenchimento. Desse modo, a confirmação dessa hipótese poderia indicar uma possível influência do padrão de comportamento do PB em inglês.

Este *squib* está dividido em cinco seções. Na primeira, apresentamos nossos pressupostos teóricos acerca do contexto em que este trabalho se inspirou; na segunda, o quadro teórico seguido para fundamentarmos o padrão de comportamento em PB; na seção 3, é apresentada a metodologia, quando detalhamos a elaboração do experimento bem como sua aplicação; na seção 4, apresentamos a análise dos resultados e, finalmente, na seção 5, fazemos as considerações a que esta pesquisa inicial nos permite chegar.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Entre as décadas de 1980 e 1990, muitos autores buscaram entender qual seria a natureza do conhecimento da L2 e qual seria sua relação com a Gramática Universal - GU (CHOMSKY, 1981). De modo geral, as possibilidades de acesso ou não à GU durante a aquisição de L2 seriam: ignorar completamente a experiência da L1, na teoria de acesso total à GU; acreditar que haveria, ao menos no estágio inicial, acesso indireto à GU via L1; ou, finalmente, descartar a possibilidade de acessar a GU durante a aquisição de L2, o que significaria que outras faculdades mentais seriam responsáveis pelo processo (c.f. WHITE, 2012). Nesse contexto, surge o trabalho pioneiro de White (1985), que inspirou profundamente a presente pesquisa.

Em White (1985), a autora investigou se aprendizes adultos de inglês como L2 falantes nativos de espanhol, uma língua de sujeitos nulos consistentes, segundo Roberts e Holmberg (2010), transfeririam propriedades paramétricas de sua L1 para o inglês quanto ao PSN. A pesquisadora submeteu seus participantes a um teste de julgamento de agramaticalidade contendo as propriedades clássicas¹ atribuídas ao PSN: a omissão de pronomes sujeito, a ordem VS e o efeito *that-trace*, quando se extrai o sujeito de uma oração subordinada encaixada que contenha um complementizador. Os resultados de White indicaram que os falantes de espanhol tiveram dificuldades em perceber, sobretudo, a ausência de pronomes sujeito em inglês, o que tende a diminuir com o aumento da proficiência. A autora concluiu, assim, que não seria possível um acesso direto à GU durante a aquisição de uma L2, ignorando completamente a experiência na L1, o que ficou conhecido como “transferência paramétrica”.

Atualmente, devido às mudanças advindas do Programa Minimalista (PM) (CHOMSKY, 1995), o conceito de “transferência paramétrica” sofreu algumas alterações, bem como o conceito de “acesso” à GU. A *Feature Reassembly Hypothesis*² (LARDIERE, 2009), por exemplo, defende que um aprendiz de L2 transfere traços contidos no léxico (ou o comportamento deles) de sua L1 para a L2. Essa teoria pode ser conferida em um trabalho recente de Smeets (2019), orientada de White.

3 O STATUS DO SUJEITO NULO NO PB

Diferente de uma língua de sujeito nulo consistente, de acordo com Duarte (2019), o PB está se encaminhando para uma preferência aos sujeitos referenciais expressos em detrimento de nulos. À luz da análise de padrões estruturais já trazidos por ela anteriormente, Duarte (2019) mostra que o PB ainda utiliza os nulos em contextos de maior acessibilidade sintática. Para nossa pesquisa, então, coube-nos buscar traçar quais seriam os contextos que ainda

1 Agradecemos ao parecer anônimo pelo apontamento de que Chomsky (1981) e trabalhos subsequentes (cf. RIZZI, 1982) consideraram mais propriedades além dessas, mas White (1985) apenas fez uso dessas três, por isso só as mencionamos.

2 Em português, essa hipótese é conhecida por “Hipótese do Reagrupamento de Traços”.

resistem à mudança e quais já apresentam índices de preenchimento consistentes para averiguar se o comportamento na L1 seria refletido na L2.

Esses contextos de “resistência” são: i) quando o antecedente de uma subordinada é sujeito da oração principal anteposta (1a), e neste caso, existe relação de c-comando entre antecedente e pronome anafórico, ou ii) o antecedente é sujeito de uma oração adjacente, sem elementos intervenientes (1b). Respectivamente, esses padrões apresentam os índices de sujeitos nulos com 41% e 38% em análise de amostra de fala carioca gravada entre os anos 2009 e 2010, de acordo com Duarte (2019, p. 111-112), exemplificados em (1):

- (1) a. **[Meu marido]_i** foi quase preso aí no forte porque \emptyset _i foi mergulhar.
 b. **[Ele]_i** era bem mais novinho. \emptyset _i trouxe o dinheiro no bolso.

No cenário oposto, há maiores índices de preenchimento: quando os antecedentes estão em outra função sintática (2a), distantes (com orações intervenientes – (2b)), ou estão em uma oração subordinada anteposta à principal, com ausência de c-comando entre antecedente e pronome anafórico (2c). Esses contextos estariam “praticamente vencidos”, segundo Duarte (2019), apresentando índices de nulos baixíssimos: 21%, 15,5% e 11,5%, respectivamente e estão exemplificados em (2):

- (2) a. Eu não posso ter sentado do lado de **[um cara bonitinho]_i** e tal sem saber que **ele_i** era superperigoso.
 b. **[O meu filho]_i** tava chegando em casa – que nós trabalhamos com festa, como eu te falei, né — e **ele_i** tinha ido comprar bolas. Aí, não tinha as bolas que nós queríamos. **Ele_i** trouxe o dinheiro de volta.
 c. Se **[ele]_i** tem medo, alguma coisa **ele_i** fez.

(DUARTE, 2019, p. 112)

Outro grupo de fatores é o feixe de traços semânticos do referente, com o traço [+ animado] se mostrando mais propício ao preenchimento do sujeito do que com o traço [- animado].

Levando esses dados em consideração, cruzamos o padrão sentencial e o traço semântico do referente para o teste experimental. Ora, se a relação de c-comando entre antecedente e pronome favorece nulos e o traço [- animado] também, concluímos que o contexto extremo de favorecimento de nulos, no escopo de nossa pesquisa, seria a combinação de [+ c-comando] com o traço [- animado] e, em contrapartida, o de preenchimento seria o de [- c-comando] com o traço [+ animado] do referente (cf. subseção 4.4).

4 O EXPERIMENTO

Elaboramos um teste de julgamento de gramaticalidade³, criado por meio da plataforma MatLab® (MATHWORKS INC). No teste, havia 8 sentenças gramaticais e 8 agramaticais em relação à omissão do pronome anafórico, além de 32 sentenças distrativas, totalizando 48 sentenças. Nossas participantes deveriam julgar as sentenças como “aceitáveis” ou não e, neste caso, submeter uma correção⁴. Como visto, o PB é, atualmente, uma língua em processo de mudança em direção a uma marcação negativa do parâmetro, pelo menos no que diz respeito aos sujeitos referenciais. Então, buscamos analisar quais seriam os contextos mais ou menos favoráveis à aceitação de sujeitos nulos em inglês pelas participantes de nossa amostra e analisar um possível caso de influência da L1 de acordo com nossa hipótese inicial.

4.1 AS PARTICIPANTES

Nossas participantes foram estudantes de Letras Português-Inglês dos cursos de Licenciatura e Bacharelado da UFRJ (N=20 mulheres, ≈ 21 anos). Como é suposto que todo graduando desses cursos tenha um nível de proficiência que lhe permita boa performance em inglês antes de entrar na faculdade, não foi possível separar nossas participantes quanto a seus níveis de proficiência. Além disso, 70% delas declararam que cursaram inglês formalmente, por pelo menos cinco anos, em cursos de língua estrangeira. Por esses fatores, entendemos que nossas participantes possuem um nível considerável de fluência na L2. Dito isso, nós optamos por uma distribuição dentre participantes, em que todas foram expostas a todas às condições experimentais, o que exige um número menor de participantes (KENEDY; OTHELO, p. 170).

4.2 VARIÁVEIS

Nossa variável *dependente*, que é o fenômeno a ser observado no experimento, consistiu no grau de aceitabilidade do sujeito nulo na L2. Isto é, se as participantes aceitariam sentenças agramaticais em inglês, porém gramaticais em português. Nossas variáveis *independentes*, que são as medidas que condicionam os fenômenos analisados, foram a presença ou a ausência de c-comando entre pronome e referente e o grau de animacidade do referente [+/- animado], pois tentamos cruzar quais seriam os contextos mais ou menos favoráveis aos nulos em PB, a fim de averiguar se o padrão de PB seria encontrado na L2. Como vimos

3 Alguns autores criticam o uso de testes de julgamento de gramaticalidade para aferir influências entre L1 e L2, pois argumentam que o participante está submetido a um ambiente controlado. Contudo, concordamos com White (1985) ao argumentar que os resultados desse tipo de teste se tornam ainda mais interessantes justamente pelo fato de os participantes não reconhecerem estruturas agramaticais, mesmo em condições de monitoramento.

4 Para interagir com o programa, todas as participantes foram instruídas a clicar em um botão escrito YES na tela de um monitor caso julgassem a sentença apresentada como “aceitável”, passando para a seguinte. Caso contrário, deveriam clicar em NO e submeter uma justificativa. Esse procedimento se repetiu ao longo da exposição das 48 sentenças. Vale ressaltar que o experimento só começava após um pré-teste, para garantir que todas haviam entendido a tarefa.

acima, o c-comando e o traço de animacidade do referente são fatores importantes para essa averiguação.

4.3 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS

De acordo com Kenedy e Othero (2018, p.164), “as variáveis independentes são concretizadas em formas linguísticas específicas, que realizam as *condições experimentais*” (grifo nosso). Cada “opção” de uma variável independente chama-se “nível”. No nosso estudo, para a variável c-comando, por exemplo, há dois níveis: ausência ou presença, assim como para o grau de animacidade do referente: [+ animado] ou [-animado]. Ainda de acordo com esses autores, para se criarem as condições experimentais, multiplicam-se todos os níveis de cada variável independente. Dessa forma, nossas condições experimentais podem ser conferidas na Tabela 1.

TABELA 1 — VARIÁVEIS INDEPENDENTES E CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS⁵

| Variável independente | Variável independente | |
|-----------------------|------------------------------|-----------------------|
| C-comando | Traço semântico do referente | Condição experimental |
| Presença | [- animado] | {C/C-C + [- ANI]} |
| Presença | [+ animado] | {C/C-C + [+ ANI]} |
| Ausência | [- animado] | {S/C-C + [- ANI]} |
| Ausência | [+ animado] | {S/C-C + [+ ANI]} |

Fonte: elaborada pelos autores

Com as condições experimentais definidas, o design experimental do teste foi o de “2x2”. Ou seja, há duas variáveis independentes e a quantidade de condições experimentais é a multiplicação dos dois níveis de cada variável, como se vê acima.

4.4 CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS

A concretização das condições experimentais são os *estímulos experimentais*. No presente caso, são as sentenças a serem apresentadas às participantes. Além disso, há a necessidade de se ter *estímulos distratores*, isto é, sentenças que não tenham relação com as condições experimentais para que o participante não identifique o que está sendo testado. Segundo Kenedy e Othero (2018, p.168), convencionalmente, os estímulos distratores compõem dois terços do total de estímulos do experimento. Desse modo, para cada condição experimental acima exposta, havia 4 estímulos experimentais (sentenças). No total, contamos com 16 frases experimentais e 32 distratoras.⁶

5 Legenda: C/C-C = com c-comando e S/C-C = sem c-comando/-ANI = - animado e +ANI = +animado.

6 Inspirando-nos em White (1985), algumas sentenças distratoras foram utilizadas de forma “inteligente”. Isto é, dentre as distratoras, algumas apresentavam a ordem VS e o efeito *that-trace*. Os resultados para esses estímulos sugerem que um estudo para essas propriedades, nos moldes desta pesquisa, também pode gerar resultados interessantes. Essa discussão pode ser vista no trabalho de conclusão de curso que deu origem a este *squib*, disponível no Repositório Institucional da Faculdade de Letras da UFRJ (CURY, 2020).

A seguir, apresentamos em detalhe alguns exemplos de estímulos retirados do teste. As participantes viram 2 frases agramaticais e 2 gramaticais de cada condição. Todo o experimento foi realizado em inglês, e as traduções não foram apresentadas às participantes em nenhum momento. Além disso, as marcas de pontuação foram retiradas propositalmente para que não influenciassem o julgamento da participante.

4.4.1 CONDIÇÃO {C/C-C - ANI}

Nessa condição, o antecedente está na oração principal, anteposta à oração subordinada em que o pronome se encontra, e possui traço [- animado], como em:

(3) Ing: ***[The book]**_i pleases the boys because \emptyset _i teaches them how to make friends.

Port: **[O livro]**_i agrada aos meninos porque \emptyset _i lhes ensina como fazer amigos.

4.4.2 CONDIÇÃO {C/C-C + ANI}

Nessa condição, o antecedente está na oração principal, anteposta à oração subordinada em que o pronome se encontra, e possui traço [+ animado], como em:

(4) Ing: ***[The athlete]**_i didn't win the race because \emptyset _i was accused of taking illegal substances.

Port: **[O atleta]**_i não ganhou a corrida porque \emptyset _i foi acusado de tomar substâncias ilegais.

4.4.3 CONDIÇÃO {S/C-C - ANI}

Nessa condição, o antecedente está na oração subordinada, anteposta à oração principal em que o pronome se encontra, e possui traço [- animado], como em:

(5) Ing: *As soon as **[the show]**_i sold out \emptyset _i had its location changed by the organization.

Port: Assim que **[o show]**_i esgotou \emptyset _i teve sua localização mudada pela organização.

4.4.4 CONDIÇÃO {S/C-C + ANI}

Nessa condição, o antecedente está na oração subordinada, anteposta à oração principal em que o pronome se encontra, e possui traço [+ animado], como em:

(6) Ing: *As soon as **[Demetria]**_i left the building \emptyset _i received a call from her boyfriend.

Port: Assim que **[Demetria]**_i deixou o prédio \emptyset _i recebeu uma ligação de seu namorado.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

De modo geral, podemos dizer que a análise dos resultados indica uma possível influência do comportamento da L1 na performance da L2 por parte de nossas participantes quanto ao PSN. Nossa hipótese inicial, de que as participantes aceitariam mais nulos no mesmo contexto em que o PB resiste à mudança se confirmou, bem como o contrário, nos contextos em que o PB está avançado em relação à mudança, houve altos índices de percepção da agramaticalidade dos nulos. Por meio de uma análise de variância (ANOVA), feita no programa estatístico Minitab® (MINITAB INC), podemos sustentar que o c-comando ($F(1,4)=28,25$, $p<.01$) e o grau de animacidade do referente ($F(1,4)=16,11$, $p<.05$) foram relevantes dentro do escopo de nossa pesquisa. A tabela ANOVA, em anexo, é um recurso para indicar o quanto as variáveis são relevantes estatisticamente dentro do experimento.

Chamamos a atenção para o fato de que “acertar” no teste significa perceber a agramaticalidade das sentenças, logo, perceber que faltava um pronome sujeito e submeter uma correção adequada para a estrutura. Desse modo, “errar” significa não perceber a ausência do pronome sujeito em inglês. Nós desconsideramos os resultados de quem indicou a agramaticalidade, mas não propôs uma correção pertinente, que o experimento permitia. Os índices de acerto gerais foram em torno de 78% das sentenças, o que pode ser justificado tanto pelo alto nível de fluência das participantes, mas também devido à remarcação do PSN em PB. Nós submetemos os resultados das 8 questões agramaticais em inglês à ANOVA. A tabela abaixo mostra o percentual de acerto por condição:

TABELA 2 — PERCENTUAL DE ACERTOS POR CONDIÇÃO EXPERIMENTAL

| Condição experimental | Acertos (%) |
|-----------------------|---------------|
| {C/ C-C + [- ANI]} | 50,15% |
| {C/ C-C + [+ ANI]} | 80,62% |
| {S/ C-C + [- ANI]} | 86,36% |
| {S/C-C + [+ ANI]} | 92,36% |

Fonte: elaborada pelos autores

A análise estatística dos resultados justifica os percentuais de acerto acima apresentados. Podemos tirar conclusões interessantes sobre uma possível influência da L1 no que concerne a quão definidores podem ser a ausência ou presença de c-comando e o traço [+ animado] ou [- animado] do referente em inglês.

No que concerne ao padrão sentencial, houve uma diferença interessante entre {C/ C-C + [- ANI]} e {S/C-C + [- ANI]} e {C/ C-C + [+ ANI]} e {S/C-C + [+ ANI]}. Pela análise percentual, podemos reparar que, com o mesmo traço de animacidade do referente, a presença da relação de c-comando favoreceu os nulos nos dois casos, o que é ratificado pela análise estatística, em que a variável c-comando se mostrou um fator altamente relevante ($F(1,4)=28,25$, $p<.01$). Esses resultados também dialogam com Duarte (2019), que mostra a

presença de c-comando como significativa para a omissão do pronome em PB, e indicam, assim, uma possível influência do comportamento da L1 na L2.

Quanto ao grau de animacidade do referente, também podemos fazer considerações sobre {C/ C-C + [- ANI]} e {C/ C-C + [+ ANI]} e {S/ C-C + [- ANI]} e {S/ C-C + [+ ANI]}, em que mantemos o padrão sentencial, mas alternamos entre o referente [+ animado] ou [- animado]. Nos dois casos, é possível notar nos percentuais que o traço [-animado] do referente favoreceu os nulos, o que também foi evidenciado na análise estatística com o fator traço semântico ($F(1,4)=16,11$, $p<.05$). Novamente, nossos resultados sugerem uma viável influência do PB na performance em inglês, pois dialogam com a análise de Duarte (2019) para o padrão de comportamento em PB.

Quando observamos as condições opostas {C/ C-C + [- ANI]} e {S/ C-C + [+ ANI]}, conseguimos notar um resultado compatível com nossa hipótese inicial. Isto é, constatamos que nossas participantes, de fato, tiveram dificuldades de enxergar o nulo na condição {C/ C-C + [- ANI]}, enquanto perceberam a ausência do pronome sujeito com mais facilidade na condição {S/ C-C + [+ ANI]}, como esperado. Conseguimos ver que os fatores que contribuem individualmente para o nulo combinados — presença de c-comando e o traço [-animado] — em PB podem ter favorecido a não percepção da agramaticalidade no inglês, e que os que favorecem o preenchimento em PB — ausência de c-comando e traço [+ animado] — podem ter favorecido a percepção da falta dos pronomes em inglês. Esse resultado pode indicar a possível influência da L1 na L2.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este *squib* procurou colaborar com as pesquisas sobre qual seria a participação da L1 na performance da L2. Partimos de White (1985), que foi pioneira a abordar a questão da “transferência paramétrica”. Com as mudanças trazidas pelo Minimalismo na concepção de “parâmetro” (cf. CHOSMKY, 1995), uma abordagem mais atual é entender esse fenômeno em termos de “reorganização de traços” (LARDIERE, 2009). Ou seja, segundo essa visão, o bilíngue não mais transferiria a marcação de um parâmetro para sua L2, mas teria de “reorganizar” os traços (ou seu comportamento) de sua L1 ao adquirir uma L2.

No que concerne aos sujeitos referenciais, a partir desta pesquisa inicial, observamos um comportamento similar em inglês consoante aos achados de Duarte (2019) para o comportamento em PB. Vimos que os mesmos fatores estruturais que atuam no preenchimento ou ausência do nulo em PB enquanto L1 podem ter influenciado a L2. Contudo, não defendemos que o bilíngue tenha de “superar” sua L1, como se assumia antes dos anos 1970 e 1980. Nossa análise procurou mostrar que, ao estudar, ensinar ou pesquisar sobre SLA, temos de ter em mente que os conhecimentos de ambas as línguas são dinâmicos e estão em constante interação.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.
- COOK, V. J. The poverty-of-the-stimulus argument and multi-competence. *Second Language Research*, v. 7, n. 2, p. 103-17, 1991.
- CUMMINS, J. Linguistic interdependence and the educational development of bilingual children. *Review of Educational Research*, v. 49, n. 2, p. 222-251, 1979.
- CURY, L. S. *O Parâmetro do Sujeito Nulo e a Aquisição de Inglês como Segunda Língua*. 2020. Monografia (Licenciatura em Letras: Português-Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, f. 65. 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11422/8790>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- DUARTE, M. E. L. A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, f. 151. 1995. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_5341178a9066670986fe9321e2456c59>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A.; GALVES, C. (org.) *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019. p. 93-126.
- GARCÍA, O. *Bilingual education in the XXI century: A global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- GROSJEAN, F. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. *Brain and Language*, v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989.
- KENEDY, E.; OTHERO, G. Duas abordagens no estudo da sintaxe. In: KENEDY, E; OTHERO, G. (org.). *Para Conhecer Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 133-173.
- LARDIERE, D. Some thoughts on the contrastive analysis of features in second language acquisition. *Second Language Research*, v. 25, n. 2, p. 173-227, 2009.
- MATLAB. Versão 7.10.0 (R2010a). Natick, MA: The MathWorks Inc. Disponível em: <https://www.mathworks.com/products/matlab.html>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- MINITAB. Versão Meet Minitab 20 (2019). State College, PA: Minitab Inc. Disponível em: <<https://www.minitab.com/en-us/>>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- RIZZI, L. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

ROBERTS, I.; HOLMBERG, A. Introduction: parameters in minimalist theory. In: BIBERAUER, T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I.; SHEEHAN, M. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-57.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*. v. 10, n. 3, p. 209-231, 1972.

SMEETS, L. *Conditions on L1 transfer in L2 discourse-syntax mappings: The case of Clitic Left Dislocation in Italian and Romanian*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Linguistics, McGill University, Montreal, f. 197. 2019. Disponível em: <<https://escholarship.mcgill.ca/concern/theses/8049g926b>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

WHITE, L. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*. v. 35, n. 1, p. 47-62, 1985.

WHITE, L. Research Timeline: Universal Grammar, crosslinguistic variation and second language acquisition. *Language Teaching*, v. 45, n. 3, p. 309-328, 2012.

Squib recebido em 31 de maio de 2021.
Squib aceito em 28 de novembro de 2021.

ANEXO I

TABELA I — ANÁLISE DE VARIÂNCIA (ANOVA)⁷

| Variável | Graus de Liberdade | F-Value | P-Value |
|--------------------|--------------------|---------|---------|
| Modelo | 3 | 17,24 | 0,009 |
| Linear | 2 | 22,18 | 0,007 |
| C-Comando | 1 | 28,25 | 0,006 |
| Traço | 1 | 16,11 | 0,016 |
| 2-Way Interactions | 1 | 7,35 | 0,053 |
| c-comando*traço | 1 | 7,35 | 0,053 |
| Erro | 4 | | |
| Total | 7 | | |

Fonte: elaborada pelos autores.

⁷ Tabela ANOVA do experimento realizado pelos autores, alimentada pela média do percentual de acerto das participantes para cada condição experimental no programa estatístico MiniTab®.



AN ANALYSIS OF BRAZILIAN PORTUGUESE WH-NEGATIVES

PAULO MEDEIROS JUNIOR*

ABSTRACT

This squib contains a preliminary discussion on the constructions I call here, following Cheung (2008), *Wh*-negatives, in Brazilian Portuguese. *Wh*-negatives are *Wh*-sentences with a structure which is similar to an interrogative, but without a question semantics; on the contrary, its semantic content expresses a denial. I will propose that — contrary to what Cheung (2008) attests — the *Wh*-word or *Wh*-phrase in these constructions is in Force (and not in the IntP projection) and that the activation of this projection (ForceP) is responsible for triggering the negative force in the utterance, despite the structure. I will also propose that in Brazilian Portuguese, *Wh*-phrases integrating *Wh*-negatives need to receive focal stress and that the derivation of these constructions does not involve movement of an operator from the base position to the periphery of the sentence; in these constructions, the *Wh*-phrase seems to be merged directly in Spec, FocP, from where it moves to Spec, ForceP.

Keywords: *Wh*-negatives, interrogatives, questions, focus, force

RESUMO

O presente *squib* contém discussão preliminar acerca das construções que chamo aqui, seguindo Cheung (2008), negativas-*Wh* no PB. As negativas-*Wh* são sentenças-*Wh* com estrutura semelhante à de uma interrogativa, mas que não contém semântica de pergunta; ao contrário, seu conteúdo semântico expressa uma negação. Vou propor que — contrariamente ao que atesta Cheung (2008) — a palavra ou sintagma-*Wh* nessas construções se encontra em Força (e não na projeção IntP) e que é a ativação dessa projeção (ForceP) a responsável por disparar a força negativa no enunciado, a despeito da estrutura. Vou propor ainda que, no português do Brasil, sintagmas-*Wh* em negativas-*Wh* precisam receber *stress* focal e que a derivação dessas construções não envolve movimento de um operador da posição de base para a periferia da sentença; nessas construções, o sintagma-*Wh* parece ser concatenado diretamente em Spec, FocP, de onde se desloca para Spec, ForceP.

Palavras-chave: negativas-*Wh*, interrogativas, perguntas, foco, força

* Universidade de Brasília, UnB. Professor Adjunto 2 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da UnB. *E-mail:* medeirosjunior@unb.br.

1 INTRODUCTION

Wh-constructions exhibit a varied spectrum of occurrences in Portuguese: Wh-interrogatives (1) e (2); Wh-relatives (3); free relatives (4); Wh-exclamatives (5) and what I call here (following the original designation given by Cheung (2008)) Wh-negatives (6):

- (1) a. Quem o João encontrou no parque?
Who the John met at the park
'Who did John meet at the park?'
- b. Quando a Maria chegou?
When the Mary arrived
'When did Mary arrive?'
- c. Onde a Maria vai com tanta pressa?
Where the Mary goes with so much hurry
'Where is Mary going in such a hurry?'
- (2) a. Queremos saber [quem o João encontrou no parque].
(We) want to know who the John met at the park
'We wonder who has John met at the park.'
- b. Perguntaram [quando a Maria chegou].
(Indef.) asked when the Mary arrived
'People wonder when did Mary arrive.'
- c. Eu me pergunto [onde a Maria vai com tanta pressa].
I (reflex.1stp) ask where the Mary goes with so much hurry
'I wonder (ask myself) where is Mary going in such a rush.'
- (3) a. Conheço a professora [de quem você falou].
(I) Know the teacher of whom you talked
'I know the teacher you talked about.'
- b. O João, [que é médico], agora canta em bares noturnos.
the John, who is (a) doctor, now sings in night pubs
'John, who is a doctor, now sings in night pubs.'
- c. A pessoa [de quem eu gosto] chegou.
the person of whom I like arrived
'The person who/that I like has arrived.'

- (4) a. Eles comem [o que a mãe dá].
they eat what the mother gives
'They eat what(ever) their mother gives them.'
- b. [Quem faz essas coisas] não merece confiança.
who(ever) does these things not deserve trust
'Who(ever) does such things does not deserve any trust.'
- c. Ela reside [onde passamos as nossas últimas férias].
she resides where (we) spent the our last vacation
'She lives where we spent our last vacation.'
- (5) a. Que linda casa você tem!
what pretty house you have
'What a pretty house you have!'
- b. Que linda casa!
what pretty house
'What a pretty house!'
- c. Que casa!
what house
'What a house!'
- (6) a. Quando (que) criança é divertido?
when (that) child is funny
'When are children funny?'
- b. De onde que o João gosta de tomate?
from where that the John likes of tomato
- c. Quem (foi que) disse que a Ana é amiga da Tereza?
who (was that) said that the Ana is friend of the Tereza
'Who said Ana is Tereza's friend?'
- d. Quando que o João frequenta esse tipo de lugar agora?
when that the John goes to this kind of place now
'When does John go this kind of place now?'
- e. Desde quando (que) uma coisa dessa pode dar certo?
since when (that) one thing of these can work
'Since when can such a thing work?'

In (1), we find root interrogatives; in (2), indirect questions. Data in (3) contain headed relatives and data in (4) contain free relatives. In (5), one can find Wh-exclamatives and in (6) the Wh-negative constructions.

I will argue here, following Cheung (2008), that the constructions in (6), despite the appearances, are distinct from (1) and, hence, do not constitute ordinary root interrogatives. I will propose that those are syntactic structures with a negative flavor. However, I shall argue, contrarily to what Cheung (2008) attests, that the Wh-phrase in these sentences bears two distinct features: a Focus feature, responsible to posit it primarily in Spec, FocP (due to prosodic evidence in the data) and a Force feature, that might trigger displacement of the wh-phrase to Spec-ForceP, where negative illocutionary force is activated¹.

The purpose of this paper is then twofold: 1) characterizing what I call here a Wh-negative and describing its structure, approaching Brazilian Portuguese data; and 2) differentiating these constructions from root interrogatives.

I am going to place the discussion within the cartographic syntax framework, in the line of what's proposed by Rizzi (1997) and related works.

The paper is organized as follows: in section 2, I discuss the nature of what Cheung calls negative wh-constructions and I call here Wh-negatives. In section 3, I will try to show Wh-negatives are different from ordinary Wh-interrogatives and, in section, 4 I will describe how Brazilian Portuguese Wh-negatives are to be derived. Section 5 brings the final remarks and section 6 contains the references.

2 WHAT EXACTLY IS A WH-NEGATIVE?

What Cheung (2008) names originally as negative Wh-constructions are sentences with the following syntactic constitution: Wh-Negative Phrase + *p* (where *p* stands for *sentence without the Wh-word*):

- (7) **Since when** is John watching TV now?!
- (i) NWh-Word = since when
 - (ii) *p* = John is watching TV now

(CHEUNG, 2008, p. 2)

It is important to observe, though, that those sentences present originally the form of an interrogative construction, which is a structure headed by a moved Wh-element, containing some sort of interrogative intonation.

¹ What I call here negative illocutionary force is something similar to what Searle (1969) and Tsohatzidis (2001) call illocutionary negation: a syntactic construction with negative semantics.

In this paper, I will assume, with Cheung's proposal, this is the appropriate description for this kind of structure.

One of the tasks of any approach on the topic will be, then, having to deal with the distinction between Wh-negatives and ordinary Wh-interrogative sentences. Cheung himself argues that some Wh-negatives could be interpreted as ordinary interrogatives; the author exemplifies it with the following example:

- (8) Since when do you know how to cook ramen?
 (i) No way do you know how to kook ramen. (NWh interpretation)
 (ii) Since what time do you know how to cook ramen? (Interrogative interpretation)
 (Possible answer: since I took that cooking class.)

(CHEUNG, 2008, p. 6)

In Cheung's analysis, the similarity between a Wh-negative and an ordinary Wh-interrogative is due to the existence of a single surface string that corresponds to two different interpretations. I will assume here Cheung is basically correct.

The author, then, suggests some tests to differentiate Wh-negatives from ordinary Wh-interrogatives; I will focus on three of them here: (i) a substitution test, which suggests Wh-phrases in Wh-negatives cannot be replaced by any other synonym Wh-element (the procedure would be ok in ordinary interrogatives); (ii) an adjunct doubling test, which reveals that Wh-negatives accept adjunct phrases of the same semantic type of the introductory wh-element they contain, so that both can co-occur in the sentence (something not possible in ordinary interrogatives); (iii) and a third test, an embedding test, which shows Wh-negatives cannot be embedded (while it is known that one can perfectly embed an interrogative sentence)². I shall return to those tests in this paper, as I am going to evaluate them when applied to Brazilian Portuguese data.

This being so, one might understand a Wh-negative as a Wh-sentence with negative semantics content, even though in the surface it might look very much like an ordinary Wh-interrogative.

As mentioned in the introduction, Wh-negatives are common sentences in Brazilian Portuguese; data in (6) above evidence this fact perfectly. It is important to observe, though, that — in Brazilian Portuguese — the Wh-phrase integrating these constructions must

² Substitution test:

(i) {Since when/*Since what time/*Since which year} is John watching TV now?

(CHEUNG, 2008, p. 7)

Adjunct doubling test:

(ii) **Since when** has he been working at UCLA **since 2000**?

(CHEUNG, 2008, p. 8)

Embedding test:

(iii) *John asked/wondered/thought since when he quit smoking?

(CHEUNG, 2008, p. 9)

receive a special focal stress in order to have undoubtedly the expected interpretation (i.e. negative semantics). Let's check (6a), repeated here as (9):

- (9) QUANDO (que) criança é divertido?
 when that child is fun
 'When is it that children are fun?' =
 Children are not fun at all.

The sentence in (9) is ambiguous in terms of constituting a root Wh-interrogative and what we call here a Wh-negative. Speakers tend massively to interpret it as an ordinary Wh-question when the prosody is flat for the whole sentence; in this situation, a suitable answer for the question would be what is found in (10b):

- (10) a. Quando (que) criança é divertido?
 b. Possible answer:
 Criança é divertido até fazer 5 anos, depois disso, irrita.
 child is fun 'till gets 5 years, after this irritates
 'Children are fun until they are 5 years old; after that, they irritate us.'

However, if one gives a special focal intonation to the Wh-phrase introducing the sentence (as it is seen in (11) below), speakers will tend massively to interpret it as a negative:

- (11) QUANDO (que) criança é divertido?
 when that child is fun

In this case, the meaning of the Wh-sentence is clearly: *Children are not funny at all, it doesn't matter when.*

3 WH-NEGATIVES ARE NOT ORDINARY INTERROGATIVES

Pragmatically, a question is a requirement for information. One might notice, however, that interrogative sentences are question constructions with a proper syntax (see CHOMSKY, 1977; CHENG, 1991), some of them involving wh-movement, the so called Wh-interrogatives. It is important, then, to consider both things on characterizing Wh-interrogatives in opposition to the Wh-negative constructions.

A Wh-interrogative would, then, be derived as shown in (12) and (13) for Brazilian Portuguese:

- (12) Who_i did John see t_i?
 (13) Quem_i o João viu t_i?
 who the John saw

The big concern here is: what we call a Wh-negative sentence seems to present the same structure ordinary interrogatives do, as one can perfectly see by the contrast in (14) and (15) Brazilian Portuguese data:

(14) De onde que o João conhece a Maria? (Wh-interrogative)
 from where (that) the John knows the Mary
 'From where does John know Mary?'

(15) DE ONDE que o João gosta de salada? (Wh-negative)
 from where (that) the John likes salad

One might observe, however, that (14) contain a genuine request for information; one wants to know where did John meet Mary for the first time. The semantics is a clear result of the movement of a Wh-operator to CP (see CHENG, 1991). (14) would then be derived as follows:

(16) [De onde]_i que o João conhece a Maria t_i?
 from where (that) the John knows the Mary
 'From where does John Know Mary?'

Concerning the sentence in (15), one cannot make sure it is derived exactly as (14)/(16), and there are some good reasons to believe they do not emerge the same way.

As one can perfectly notice, (17) bellow would be a natural response for the request in (14)/(16), while (18) would never be a suitable response for (15):

(17) Ele (João) conhece a Maria de Washington.
 he (John) knows the Mary from Washington

(18) *O João gosta de salada de Washington
 the John likes salad from Washington

The conclusion must be the following: there is no operator movement from the adjunct position to the periphery of the clause, or else it would clearly characterize the construction of an interrogative sentence. I will argue here, concerning Brazilian Portuguese data, that the Wh-phrase in these sentences is generated in a Focus projection (RIZZI, 1997), due to focal stress it clearly receives in these utterances, and then is moved to Spec-ForceP (RIZZI; BOCCI, 2017) to activate the negative illocutionary force (or — in our terms here — to constitute illocutionary negation).

If one considers data from (19) to (21), one might see those are some constructions which bare undoubtedly negative semantic content, despite the apparent interrogative structure:

(19) DE ONDE que o João gosta de tomate?
 from where that the John likes of tomato =
 John doesn't like tomatoes at all.

(20) QUANDO que o João frequenta esse tipo de lugar agora?
 when that the John goes to this kind of place now
 'When does John go to this kind of place now?'
 John doesn't go to this kind of place.

(21) DESDE QUANDO (que) uma coisa dessa pode dar certo?
 since when (that) one thing of these can work
 'Since when can such a thing work?' =
 Such a thing might never work.

As argued before, in (19), the Wh-phrase *De onde* doesn't seem to be pragmatically compatible with an interrogative element, considering the fact that it would never (at least not in this context) be asking for information about a specific place. When the speaker utters a sentence like that, he/she is not exactly expecting an answer such as *De São Paulo* ('From São Paulo'). He/she is actually negating the fact that John likes tomatoes.

The adverb *agora* ('now') surely contributes for the construction of a negative interpretation in (20), as it contrasts with *quando* ('when'), which could be instantiating the construction of a regular and ordinary question in that sentence. The presence of *agora* at the end of the sentence surely invalidates any sort of interrogative flavor to the sentence as it clearly carries the same time features the word *quando* seems to bear and could perfectly fit the place of the answer for a possible question. If one takes (20) to be an ordinary question (and Brazilian Portuguese speakers do not), a suitable answer could be *AGORA, agora ele frequenta esse tipo de lugar* ('Now, now he frequently goes to this kind of place'). This being so, pragmatically, (13) does not contain a request for information.

Just as (15), (21) would never be uttered by a Brazilian Portuguese speaker if one really seeks for some information on the time of something. When someone utters (14) the intention is clearly to negate the possibility of such a thing to work; one could say it is certainly due to the presence of the epistemic modal *pode*, and the final meaning is clearly: *such a thing could never work*.

As seen before, Cheung (2008) proposes some syntactic tests to differentiate Wh-negatives from Wh-interrogatives; concerning Brazilian Portuguese data, if one applies the same tests, results seem to be close, the reason why I am assuming those are good tests and I proposing they are effective to evidence a distinction between these utterances:

(i) **Substitution test:**

It is not possible to replace *quando* ('when') in (21) for some other time expression like *que dia* ('what day'), ou *que ano* ('what year'):

(22) DESDE QUANDO/*que dia/ *que ano que uma coisa dessas pode dar certo?

(ii) **Adjunct doubling test:**

As the expression *QUANDO* (in (20)) does not point to some time information being requested or highlighted, one can perfectly associate to the sentence a second adjunct bearing time semantics, as evidence in (23) below:

- (23) *QUANDO* que o João frequenta esse tipo de lugar [desde a infância]?
 when that the John attends this type of place since the childhood
 'When does John go to this kind of place since he was a kid?'

(iii) **Embedding test:**

One cannot embed a *wh*-negative sentence in Brazilian Portuguese (24a), while embedding interrogatives is something perfectly viable (24b)³:

- (24) a. *A Maria quer saber DE ONDE que o João gosta de tomate.
 the Mary wonders from where that the John likes tomato
- b. A Maria quer saber de onde que o João trouxe os tomates.
 the Mary wonders from where that the John brought the tomatoes
 'Mary wonders where did John bring the tomatoes from.'

Hence, these tests evidence structural differences between *wh*-interrogatives and *wh*-negatives in Brazilian Portuguese.

Besides this, as observed in the previous section, ordinary *Wh*-interrogative sentences and *Wh*-negatives differ in terms of the necessity of a focal stress in the *Wh*-phrase integrating the last group.

Sentences like (21), if pronounced with flat intonation or with final ascendent intonation as an ordinary interrogative are massively rejected by speakers, as shown in (25) below:

- (25) *Desde quando que uma coisa dessas pode dar certo?

In the next section, I will suggest a derivation for *Wh*-negatives in Brazilian Portuguese.

³ For general discussion on Brazilian Portuguese embedded interrogatives see Alvarenga (1981), Rocha (1990) and Medeiros Junior (2019).

4 HOW ARE BRAZILIAN PORTUGUESE WH-NEGATIVES DERIVED?

I will propose here that sentences like (16), (19), (20) and (21) (i.e. Brazilian Portuguese Wh-negatives) must be derived as follows:

- (i) The Wh-phrase is merged in Spec, FocP to satisfy a Focus Criterion (RIZZI, 1997);
- (ii) The Wh-phrase is moved to Spec, ForceP to satisfy a Force criterion and then activate the negative illocutionary force.

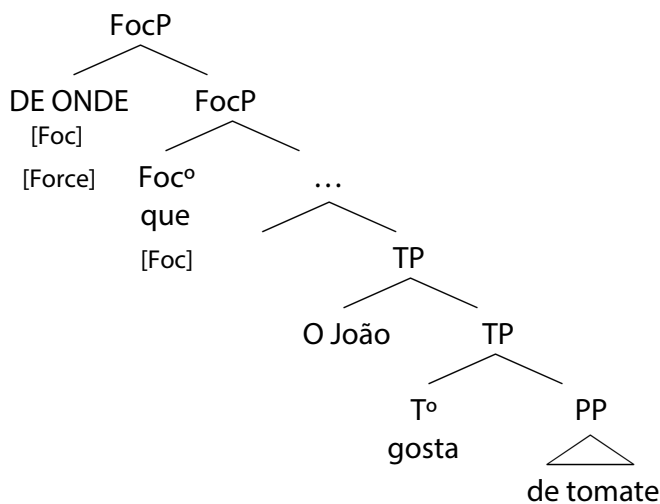
As demonstrated in section 3, sentences like (19) with a flat intonation on the wh-phrase are rejected by speakers in a generalized way. This being so, one might conclude that the Wh-phrase integrating a Wh-negative is supposed to bear originally a Focus feature which might activate a Focus Criterion, hence triggering the activation of the Foc projection in the Left Periphery of the sentence.

Let's take (19), repeated bellow as (26), as an example:

(26) DE ONDE que o João gosta de tomate?

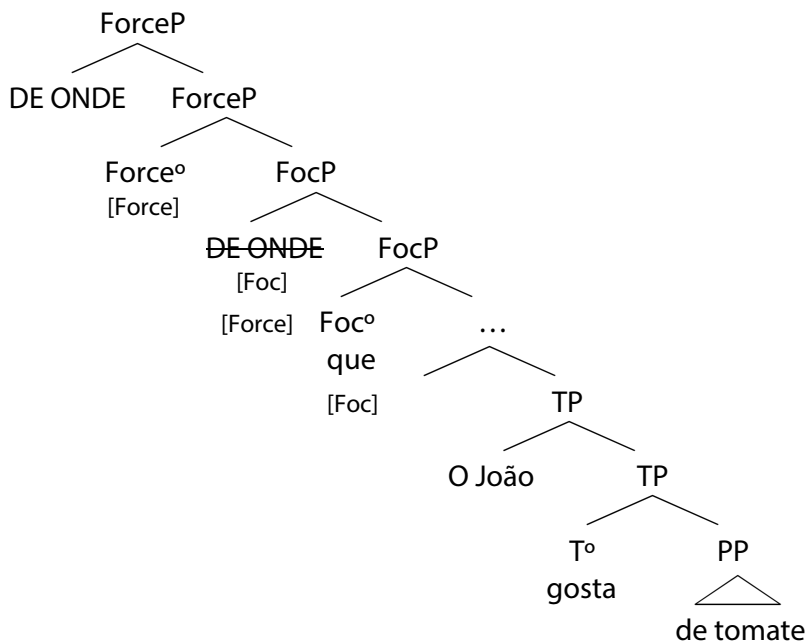
As argued before, it doesn't seem to be the case that the Wh-phrase is being displaced from an adjunct position as a question operator, considering the fact that the final utterance doesn't contain a true request for information on the time John started liking tomatoes. I will suggest here the Wh-phrase is merged in Spec, FocP in satisfaction of a Foc Criterion, because of the [+Foc] feature it carries:

(27) Step 1:



displacement of the Wh-phrase to its Spec, in a satisfaction of a Force Criterion, as shown below:

(28) Step 2:



There are empirical reasons to believe Step 1 occurs the way it does:

- (i) The Wh-phrase bears undoubtedly a Focus feature that must be checked prior to Spell out, for it has an impact on phonology: the Wh-phrase in Wh-negatives carries a focal stress;
- (ii) It is not displaced from an adjunct position as an interrogative operator to the periphery of the clause, because the resulting sentence is not a request for information; it, then, merges at the Spec, FocP in satisfaction of a Foc Criterion.

Step 2 is yet to be taken as correct, if one considers the fact that the utterance in (19) must get a specific interpretation, which is the semantics of negative. As there are no negative operators morphologically realized, bearing scope on the whole sentence, one might conclude that the negative illocutionary force might be obtained by the activation of the Force node and the subsequent displacement of the Wh-phrase to its Spec.

If Step 1 is correct, it predicts that no negative Wh-sentence with a flat intonation on the Wh-phrase will be possible in the language, and this fact is empirically verified in (25).

If Step 2 is correct, it predicts that within an utterance in which the Wh-phrase doesn't necessarily reach Force, the interpretation must not (or at least might not) be that of a negative sentence. Let's take a look at (29):

- (29) Desde quando o João trabalha na Só-frango?
 Since when the John works at Só-frango
 'Since when has John been working at Só-frango?'

The sentence in (29) can receive negative or ordinary interrogative interpretation in Brazilian Portuguese; it is ambiguous. One must observe, though, that, if the intonation of the Wh-phrase is flat (with no focal stress), the reading is preferably interrogative; in this case, A below is a suitable answer for it:

A – Desde o ano passado.
 since the year last
 ‘Since last year.’

The Wh-phrase in these cases might be at Spec, IntP (see RIZZI; BOCCI, 2017) and it might have been displaced from an adjunct position to the Spec of the interrogative projection, since the resulting sentence is a genuine request for information on time:

(30) [_{IntP} [Desde quando]_i [_{Int}⁰ que [_{TP} O João trabalha na Só-frango t_i]]]

However, if the whole Wh-phrase preceding *que* gets Focal stress, the sentence gets negative semantics (31) and the derivation goes on as seen in (32):

(31) DESDE QUANDO que o João trabalha na Só-frango? (Wh-negative)

(32) [_{ForceP} [DESDE QUANDO]_i [_{Force}⁰ [_{FocP} t_i [_{Foc}⁰ que o João trabalha na Só-frango?]]]]]

One might also consider the fact that all Wh-negatives seem to be built essentially from adjunct Wh-phrases, what might suggest these Wh-expressions could really be generated in the left periphery of the sentence (i.e. outside VP), once they are not required by the sentence verb. Besides this, ordinary interrogatives in BP allow in situ wh-phrases (as seen in (33)), while Wh-negatives seem to block it (as seen in (34))⁴:

(33) a. A Maria conhece o João de onde?
 The Mary knows the John of where?
 ‘Where does Mary know John from?’

b. De onde (que) a Maria conhece o João?
 Of where (that) the Mary knows the John?
 ‘Where does Mary know John from?’

(34) a. DE ONDE que a Maria conhece o João?
 OF WHERE that the Mary knows the John?
 ‘Mary doesn’t know John at all.’

b. *A Maria conhece o João DE ONDE?
 The Mary knows the John OF WHERE?

This being so, the analysis above seems to be adequately headed.

⁴ I would like to thank one of the anonymous reviewers for the suggestion of these additional arguments on the case

5 FINAL REMARKS

The purpose of the discussion in this squib is to establish a preliminary debate on the constructions I call here *Wh*-negatives focusing on Brazilian Portuguese data. The analysis has led us to conclude these constructions are consistently different from ordinary *Wh*-interrogatives, mainly concerning their semantics.

I have also tried to evidence how the derivation of *Wh*-negatives differ from that of *Wh*-interrogatives, proposing that in ordinary *Wh*-interrogatives there is movement from within the TP to the periphery of the clause whereas the *Wh*-phrase in a *Wh*-negative is supposed to be merged in Spec, FocP and then moved to Spec, ForceP.

Analyzed data has evidenced that the *Wh*-phrase in a *Wh*-negative must bear focal stress in Brazilian Portuguese in order to enable the negation illocutionary force.

Further discussion is yet to be built on the topic as this paper only starts discussion concerning Brazilian Portuguese data.

REFERENCES

ALVARENGA, D. *Sobre Interrogativa Indireta no Português*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981

CHENG, L. *On the tipology of wh questions*. Ph.D. Thesis. Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1991.

CHEUNG, Y-L. *The negative Wh-construction*. Ph.D Thesis. University of California, Los Angeles, 2008.

CHOMSKY, N. On Wh Movement. In: CULICOVER, P. W.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (ed.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

MEDEIROS JUNIOR, P. Algumas considerações sobre a sintaxe das interrogativas indiretas encobertas do português do Brasil. *Caderno de Squibs: Temas em Estudos Formais da Linguagem*, v. 5, n. 2, p. 73-91, 2019.

RIZZI, L. The Fine Structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: a handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, L.; BOCCI, G. The left periphery of the clause - primarily illustrated for Italian. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C (ed.). *Blackwell Companion to Syntax*, II edition. Wiley-Blackwell, New Jersey, 2017.

ROCHA, M. L. Del F. *Sintagmas-Qu em interrogativas indiretas e relativas livres do português*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1990.

SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

TSOHATZIDIS, S. L. The Mode of Existence of Illocutionary Negation. *Erkenntnis* (1975-), v. 54, n. 2, p. 205-14, Springer, 2001. Internet: < <http://www.jstor.org/stable/20013046>>.

Squib received on October 27, 2021.
Squib accepted on December 15, 2021.



AQUISIÇÃO DE INTERROGATIVAS *WH IN SITU* EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA CARTOGRÁFICA

MATHEUS GOMES ALVES*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir para os estudos do processo de aquisição de linguagem. O objetivo específico é investigar a ordem de produção das interrogativas *Wh in situ* em relação às interrogativas *Wh ex situ* em crianças adquirentes de português brasileiro. A metodologia consiste na análise longitudinal dos dados de fala semiespontânea de uma criança adquirente de português do Brasil, disponíveis no *corpus* online gratuito *Childes*. A hipótese deste trabalho, baseada em Sell (2002, p. 71), é a de que apenas haverá produção de interrogativas *Wh in situ* após a emergência do complementizador *que* na gramática infantil. Os resultados apontam que, de fato, só houve produção de supostas interrogativas *Wh in situ* após a aquisição do complementizador *que*. Contudo, aponta-se que essas supostas interrogativas *Wh in situ* poderiam ser analisadas na perspectiva de Bonan (2021), assumindo a existência de um movimento curto do elemento *Wh* até a periferia direita (BELLETTI, 2004).

Palavras-chave: interrogativas *Wh*, aquisição de linguagem, cartografia sintática

ABSTRACT

This squib is intended as a general contribution to the study of the language acquisition process. Specifically, it is aimed at analyzing the order of production of *Wh in situ* interrogatives when it comes to *Wh ex situ* interrogatives of a child who is acquiring Brazilian Portuguese (henceforth BP) as a native language. Its methodology consists of the longitudinal analysis of semi-spontaneous speech production of a child acquiring BP as a native language. It is hypothesized that *Wh in situ* interrogatives will only be produced by this child after the emergence of the complementizer *que* in their utterance, as suggested by Sell (2002, p. 71). It is argued that *Wh in situ* interrogatives are in fact to be produced after the acquisition of the complementizer *que* in BP. However, it is considered that these alleged *Wh in situ* interrogatives are to be analyzed in the lines of Bonan (2021), assuming that there would be short movement of the *Wh* element to the right periphery (BELLETTI, 2004).

Keywords: *Wh* interrogatives, language acquisition, syntactic cartography

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, e-mail: matheus.ling@letras.ufrj.br. Agradeço à FAPERJ pelo suporte no desenvolvimento desta pesquisa (processo 200.477/2021). Também agradeço aos pareceristas pela relevante contribuição para a versão final deste texto e para o amadurecimento desta pesquisa. As falhas remanescentes são de minha completa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Desde, pelo menos, Chomsky (1964), as interrogativas Wh têm se apresentado como um objeto de estudo fundamental para a compreensão dos diferentes tipos de movimentos sintáticos que podem ou não ocorrer nas línguas naturais. Dentre as principais propostas de análise das interrogativas Wh nas línguas naturais, sobressaem-se as de Huang (1982) e de Rizzi (1991). Em Huang (1982), assume-se que línguas diferem quanto ao tipo de movimento Wh desempenhado. Nesse contexto, enquanto, no chinês, efetuar-se-ia movimento coberto, que se aplicaria na forma lógica, do sintagma Wh, no inglês, haveria efetuação de movimento aberto do sintagma Wh, antes da passagem à forma lógica. Em Rizzi (1991), há a proposição do Critério Wh, segundo o qual: a) um operador Wh deve estar em configuração Spec-Núcleo com um núcleo +Wh e b) um núcleo +Wh deve estar em configuração Spec-Núcleo com um operador Wh. Rizzi (1991) compreende, assim, o elemento Wh como um operador, por se encontrar em posição de atribuição de escopo em Spec de CP.

Cheng (1991) propõe uma tipologia das línguas naturais em relação a esse fenômeno, dividindo-as em dois subtipos: línguas de Wh *in situ* e línguas de Wh *ex situ* (ou de Movimento Wh). Enquanto, nesse conjunto, encontram-se línguas que nunca deixariam sintagmas Wh em posição argumental, uma vez que realizariam movimento aberto para classificarem as sentenças como interrogativas; naquele conjunto, haveria línguas que necessariamente deixariam sintagmas Wh em posição argumental, sem realização de movimento A-barrado tais sintagmas. Sendo assim, à luz de tal proposta, o inglês seria uma língua Wh *ex situ*, que obrigatoriamente realizaria movimento de constituintes Wh à periferia esquerda, ao passo que o chinês seria uma língua de Wh *in situ*, em que não haveria movimento aberto de sintagmas Wh à periferia esquerda. Segundo Lopes-Rossi (1996), na gramática adulta de falantes nativos de português do Brasil, as interrogativas Wh *in situ* e as Wh *ex situ* são possíveis. Apresenta-se, assim, um aparente impasse entre a tipologia linguística binária de Cheng (1991) e a descrição de Lopes-Rossi (1996) acerca da possibilidade desses tipos de estrutura ocorrerem no PB.

Em relação ao estatuto do valor paramétrico do movimento Wh no português do Brasil (doravante PB), quatro propostas são especialmente relevantes: a) a marcação positiva, b) a marcação negativa, c) a dupla marcação e d) a não marcação. Na primeira proposta, assume-se que o parâmetro do movimento Wh em PB seria necessariamente marcado positivamente, uma vez que, nessa língua, Wh *in situ* ocorreria apenas em contexto de perguntas-eco, como no inglês (SIKANSI, 1999). Na segunda, entende-se que esse parâmetro em PB seria marcado negativamente por duas razões: a) o elemento Wh em PB não se comportaria como operador, mas como um quantificador (LOPES-ROSSI, 1996) e b) estruturas de Wh *ex situ*, na verdade, em PB, seriam derivadas de sentenças clivadas (KATO; RAPOSO, 1994). Na terceira, assume-se que tal parâmetro em PB seria duplamente marcado, pois, em um momento inicial de aquisição, haveria marcação do valor positivo a esse parâmetro e, posteriormente, por meio de certas pistas morfossintáticas (pronomes resumptivos foneticamente realizados ou nulos), ocorreria remarcação paramétrica, atribuindo valor negativo (GROLLA, 2000). Na quarta, compreende-se que esse parâmetro em PB não seria marcado, pois, na aquisição dessa língua, em um primeiro momento, a “criança só acessaria um C° com traço Wh forte por ser esta a forma mais comum de se fazer perguntas

Wh; mais tarde, com a entrada do complementizador 'que', ela passa então a acessar o C^o com traço Wh fraco" (SELL, 2002, p. 71).¹

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para os estudos do processo de aquisição de linguagem. O objetivo específico é investigar a ordem de produção das interrogativas *Wh in situ* em relação às interrogativas *Wh ex situ* em crianças adquirentes de português brasileiro. A metodologia consiste na análise longitudinal dos dados de fala semiespontânea de uma criança adquirente de português do Brasil, disponíveis no *corpus online Childes*. A hipótese, baseada em Sell (2002, p. 71), é a de que apenas haverá produção de interrogativas *Wh in situ* após a emergência do complementizador *que* na gramática infantil.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, considerações acerca do programa cartográfico e das periferias esquerda e "direita" serão feitas. Além disso, teorias referentes ao estatuto das interrogativas *Wh in situ* no português do Brasil na gramática adulta e na gramática infantil serão resenhadas. Por fim, uma proposta desenvolvida no âmbito do programa cartográfico para explicar a ocorrência das interrogativas *Wh in situ* em algumas línguas será apresentada.

2.1 O PROGRAMA CARTOGRÁFICO E AS PERIFERIAS ESQUERDA E "DIREITA"

Na segunda metade da década de 1990, uma nova proposta para se analisarem as categorias funcionais das línguas naturais foi aventada: o projeto cartográfico (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999). De acordo com Cinque (2006, p. 3), tal projeto teve como objetivo "desenhar mapas tão detalhados quanto possíveis da estrutura funcional da sentença e de seus sintagmas" (tradução nossa).

Rizzi (1997) assume que o domínio do CP possa ser dividido e baseia-se, inicialmente, em uma distinção entre traços de força e traço de finitude para o fazer. O traço de força especifica o tipo de uma oração, ao passo que o traço de finitude se refere ao sistema flexional da sentença encaixada. Rizzi (1997) assume que tais traços envolvem núcleos funcionais distintos, uma vez que traduzem diferentes informações de uma sentença. Ao considerar o comportamento de complementizadores em italiano e em inglês, apresenta, ainda, uma distinção entre foco e tópico. Enquanto esse expressa, em uma sentença, uma informação já dada contextualmente, aquele salienta especial ênfase a um termo da sentença que não veicula uma informação dada. Um comentário é um tipo de predicado que se aplica, por exemplo, a um tópico, ao passo que uma pressuposição é um tipo de predicado que se

1 Como apontado por um dos pareceristas, a proposta de Rizzi (2015[2017]) contribui para essa discussão acerca da natureza dos parâmetros. No âmbito desta proposta, conjectura-se que os parâmetros não sejam mais vistos necessariamente, apenas, como possibilidades de realizações binárias. Por meio de evidências da cartografia sintática, entende-se que o léxico funcional é um campo rico, em que se especificam muitos parâmetros. Em Rizzi (2015[2017], p. 18, tradução nossa), tem-se que "o que é crítico para a restritividade do sistema é o formato, não o *locus* do parâmetro: e o formato é extremamente restritivo, pois as operações elementares que podem ser performadas em uma sintaxe minimalista são poucas".

aplica a um foco. Rizzi (1997) postula que, no domínio do CP, haja projeções dissociadas de força sentencial, de tópico, de foco e de finitude, referenciadas, respectivamente, como: ForceP, TopP, FocP e FinP. De acordo com Rizzi (1997), uma sentença pode possuir múltiplos tópicos, porém, um único foco.

Rizzi (2001), em sua análise dos complementizadores interrogativos *che* e *se* em italiano, aponta que esse pode ser precedido ou seguido por um tópico, ao passo que aquele pode, apenas, ser seguido por um tópico. Para explicar esse comportamento, Rizzi (2001) propõe um refinamento maior da camada do CP, por meio da adição de uma projeção IntP, a ser alocada abaixo da projeção TopP, que é dominada por ForceP e acima da projeção extra TopP, que domina FocP. Por mais que os complementizadores interrogativos *che* e *se*, em italiano, ocorram em sentenças encaixadas, isto é, em um CP não matriz, Rizzi (2001) assume que IntP esteja presente, também, em CPs matrizes, embora, como apontado, só o seja realizado fonologicamente em contexto de CP encaixados. No que concerne às projeções do CP encaixado, Rizzi (2001), constatando a incompatibilidade de ocorrência do foco com expressões Wh- em um CP matriz, propõe que, em sentenças encaixadas, haja uma projeção WhP, dominada pela projeção FocP, para alocar tais projeções.

Belletti (2004) propõe que uma estrutura acima do VP, identificada como “área baixa do IP”, tenha uma estrutura paralela à estrutura do CP, constituindo uma periferia à “direita” do IP. Os argumentos da autora para postulação de uma estrutura articulada ao sintagma verbal no espírito da proposta de Rizzi (1997) são: a) a possibilidade de inversão do sujeito em línguas com parâmetro do sujeito nulo, b) o fato de sujeitos pós-verbais seguirem advérbios baixos, c) a impossibilidade de extração de sujeitos pós-verbais em inversão livre e d) a interpretação de sujeitos pós-verbais como foco.

2.2 AS INTERROGATIVAS *WH IN SITU* DO PB NA GRAMÁTICA ADULTA E INFANTIL

Tradicionalmente, assume-se que, em PB, interrogativas *Wh in situ* e *ex situ* sejam possíveis de ocorrer. A possibilidade de uma língua contar quer com interrogativas *Wh in situ* quer *ex situ* parece desafiar as propostas de Huang (1982) e Cheng (1991), em relação às diferenças que as línguas podem apresentar no comportamento dessas interrogativas. Enquanto Huang (1982) admite que as línguas possam se diferenciar em decorrência do momento em que ocorreria o movimento Wh (pré-*Spell Out* ou na Forma Lógica), Cheng (1991) assume a existência de dois tipos de línguas: línguas de *Wh in situ* e línguas de movimento Wh. Cheng (1991) adota a ideia de que orações devem ser classificadas em estrutura S. Dessa forma, de acordo com Cheng (1991), para classificar uma oração como interrogativa, as línguas dispõem de duas opções: a) emprego de uma partícula Q em C^o ou b) Movimento Wh. Nessa proposta, línguas de *Wh in situ* teriam partículas Q, ao passo que línguas de *Wh ex situ* empregariam o Movimento Wh para caracterizar uma oração como interrogativa. A análise dos dados do PB, contudo, não parece, em um primeiro momento, corroborar essa proposta, uma vez que, nessa língua, embora não haja uma partícula Q², que marque uma

2 Como apontado por um dos pareceristas, convém explicar o porquê do complementizador *que* não ser uma partícula Q. Sabe-se que o complementizador *que*, possível em PB, não se comporta exclusivamente como

interrogação, *Wh in situ* é possível e convive com *Wh ex situ*, promovido por movimento *Wh*³. Para descrever o estatuto de marcação do parâmetro do Movimento *Wh* em PB, diferentes propostas foram apresentadas, como observa a seguir.

QUADRO 1 – PROPOSTAS DE MARCAÇÃO DO PARÂMETRO *WH* EM PB

| Marcação Positiva | Marcação Negativa | Dupla Marcação | Não Marcação |
|-------------------|---|----------------|--------------|
| Sikansi (1999) | Lopes-Rossi (1996), Kato e Raposo (1994) | Grolla (2000) | Sell (2002) |

Fonte: elaborado pelo autor.

Sikansi (1999) considera que o valor paramétrico do Movimento *Wh* em PB seja positivo. Segundo a autora, embora *Wh in situ* seja possível em PB, interrogativas desse tipo se aproximam de perguntas-eco, isto é, de perguntas em que é pressuposto que o falante possui conhecimento para atribuir valor ao elemento interrogativo. A autora assume que, como não existe partícula *Q* em PB, esse parâmetro nessa língua seja marcado positivamente. Seria, então, o local de pouso do *Wh* deslocado uma categoria focal entre IP e CP. Na aquisição do PB, haveria aquisição tardia de *Wh in situ* pelo fato de que a criança só, posteriormente, seria exposta ao contexto de pergunta-eco, uma vez que, inicialmente, essa só selecionaria os contextos condizentes à escolha paramétrica de [+Movimento *Wh*]. A aquisição de *Wh in situ* estaria relacionada a restrições semântico-pragmáticas.

Lopes-Rossi (1996) aponta que o valor paramétrico do Movimento *Wh* em PB seja negativo. A autora aponta que o elemento *Wh*, em PB, seria um quantificador, que, diferentemente de um operador, não seria alvo de uma operação de movimento, mas de uma operação de alçamento. Assumindo a especificação do mesmo valor negativo a esse parâmetro em PB, Kato e Raposo (1994) apontam que estruturas com aparente *Wh ex situ* seriam, na verdade, derivadas de orações clivadas (*Foi quem que me deu o CD?*), por meio de operações de alçamento aberto de foco para Spec, FocP da matriz, regra de apagamento de cópula e apagamento do *que*, para derivar uma sentença como: *Quem me deu o CD?*

Grolla (2000) admite que haja marcação dupla para o valor do parâmetro Movimento *Wh* em PB. Analisando o processo de aquisição de estruturas de interrogativas *Wh in situ* em PB, a autora aponta que, inicialmente, a criança marcaria positivamente o parâmetro Movimento *Wh*, produzindo, em um primeiro estágio, apenas interrogativas com *Wh ex situ*. Após a aquisição de um pronome resumptivo especial presente em topicalizações “à brasileira”, a criança passaria a produzir interrogativas com *Wh in situ*. Haveria, assim, uma mudança na especificação do valor desse parâmetro, pois esse ganharia uma especificação negativa.

um marcador de pergunta, não ocorrendo, necessariamente, em distribuição complementar com a opção de movimento sintático para classificar uma oração em estrutura *S* (CHENG, 1991).

3 Como apontado por um dos pareceristas, é possível a interpretação de *que*, frente a dados como *Quem que você viu na festa?* e *Quando que o João chegou?*, em que o termo em destaque se apresenta como um complementizador, haja fortalecimento da hipótese de Kato e Raposo (1994), referente à assunção de *que* estruturas de *Wh ex situ* no PB seriam derivadas de sentenças clivadas. Salienta-se, ainda, que dados como esses se conectam à hipótese aventada por Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), referente à assunção de *que* haveria uma opcionalidade ilusória entre as interrogativas *Wh ex situ* e *Wh in situ* no PB.

Hornstein, Nunes e Grohmann (2001) apontam que, em PB, haveria dois núcleos matrizes interrogativos nulos: um com o traço Wh forte e outro com o fraco. Haveria uma opcionalidade ilusória entre as interrogativas Wh *ex situ* e Wh *in situ* em PB, pois cada uma dessas possibilidades estaria relacionada a um núcleo C distinto. Os autores afirmam que o elemento Wh teria traço forte nos seguintes contextos: a) sentenças com complementizador *que* realizado, b) sentenças com complementizador interrogativo encaixado nulo ou realizado, c) sentenças com elemento Wh não ligado discursivamente (não *D-linked*) e d) sentenças com interrogativas encaixadas em que não haja ilha sintática a ser cruzada.

Sell (2002) considera que não haveria marcação positiva nem negativa do parâmetro do Movimento Wh em PB. Entende-se que a criança, em um primeiro momento, acessaria um núcleo C com um traço Wh forte, engatilhando uma operação de movimento, por denotar a forma mais comum, no *input* apresentado à criança, de se fazer pergunta. Apenas após a aquisição do complementizador *que*, a criança passaria a acessar o núcleo C com um traço Wh fraco, realizando, assim, interrogativas Wh *in situ*. Tal proposta, embora pareça interessante em um primeiro momento, carece de evidências diretas em estudos de aquisição. Há uma lacuna a ser preenchida neste trabalho, uma vez que, ainda, não foi encontrada uma relação de causalidade direta entre a aquisição do complementizador *que* e a produção de interrogativas Wh *in situ*.

Bonan (2021), analisando o trevisano e algumas línguas asiáticas, como o chinês, afirma que há uma relação de similaridade entre esses idiomas em relação ao comportamento de elementos Wh *in situ*. A autora aponta que, nessas duas línguas, pode haver um movimento curto do elemento Wh em direção à periferia direita, ou, como a autora aponta, à *Low Left Periphery* (periferia esquerda baixa). Sendo assim, o trevisano e o chinês licenciariam, na verdade, interrogativas de aparente Wh *in situ*, uma vez que o elemento Wh não ficaria preso na posição em que foi soldado, mas, na verdade, mover-se-ia a uma projeção da periferia direita. A autora considera ainda que, talvez, o que interaja com o elemento Wh focal não seja apenas uma projeção de foco, mas um inteiro campo focal internamente estruturado. É relevante afirmar que, para a autora, a opção de emprego real de uma interrogativa Wh *in situ* em trevisano estaria relacionada a contextos de veiculação de perguntas-eco. Neste trabalho, tal proposta é estendida aos dados de português do Brasil, em uma tentativa de justificar, assim, a aparente permissibilidade de ocorrência de Wh *in situ* e Wh *ex situ*.

3 METODOLOGIA

Empregou-se como metodologia a análise longitudinal dos dados de fala semiespontânea de uma criança adquirente de português do Brasil, disponíveis no *corpus online* gratuito *Childes*. A hipótese deste trabalho é a de que apenas haverá produção de interrogativas Wh *in situ* após a emergência do complementizador *que* na fala dessa criança (SELL, 2002). O *corpus* analisado é o Florianópolis *Corpus*, compilado em Sciar-Cabral (1974). A coleta dos dados referentes à fala semiespontânea da criança adquirente de PB começou aos onze meses e se estendeu até os dois anos e dois meses. Assim, como tal *corpus*

compreende uma fase mais inicial da aquisição e se estende até o momento crítico da estrutura sob análise, considerou-se que, para os fins deste trabalho, esse *corpus* seria o mais interessante. Mais informações acerca das características da criança podem ser observadas no quadro a seguir.

QUADRO 2 – CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA NO CORPUS

| Identificação | Faixa etária | Gênero | Localização | Classe |
|---------------|--------------|-----------|-------------|------------|
| P. | 0.11 – 2.02 | Masculino | São Paulo | Média Alta |

Fonte: adaptado de Scliar-Cabral (1974).

Os procedimentos de separação e análise de dados foram os seguintes: 1) identificação de ocorrências de *Wh in situ* e *Wh ex situ* na fala da criança, 2) separação dessas ocorrências de acordo com o momento em que foram produzidas, 3) identificação do momento em que o complementizador *que* foi produzido e 4) análise do momento da produção do complementizador e da produção de interrogativas *Wh in situ*. Salienta-se, ainda, que ocorrências dessas estruturas em contexto de cópia direta e imediata da fala adulta são descartadas, uma vez que se objetiva investigar ocorrências que sejam, de fato, produzidas autonomamente pela criança sob escrutínio. São descartadas, também, ocorrências de reiterações da mesma fala efetuadas pela criança.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Os resultados da análise de *corpus* serão apresentados levando em consideração três períodos etários: um ano e oito meses, um ano e dez meses e dois anos e dois meses. Aponta-se que o *corpus* já é previamente separado de acordo com esses períodos, por imperativos de Scliar-Cabral (1974). Para cada período etário, são separadas ocorrências de *Wh ex situ* e de *Wh in situ* nos dados sob escrutínio. É relevante apontar que as porcentagens referentes à frequência das ocorrências foram aproximadas, usando-se o critério das casas decimais maiores ou menores do que 0,5. Os resultados dessa breve análise podem ser observados a seguir.

QUADRO 3 – OCORRÊNCIAS DE WH EX SITU E WH IN SITU

| Período de Idade | <i>Wh ex situ</i> | | <i>Wh in situ</i> |
|------------------|---------------------------------|---------------------------------|-------------------|
| | Com complementizador <i>que</i> | Sem complementizador <i>que</i> | |
| 1 ano e 8 meses | 0 (0%) | 2 (100%) | 0 (0%) |
| 1 ano e 10 meses | 2 (7%) | 38 (93%) | 0 (0%) |
| 2 anos e 2 meses | 11 (15%) | 59 (82%) | 2 (3%) |

Fonte: elaborado pelo autor.

De forma genérica, observa-se que, no primeiro período (1 ano e 8 meses), houve apenas duas realizações de interrogativas *Wh ex situ*, sem a ocorrência do complementizador *que*. No segundo período (1 ano e 10 meses), houve quarenta ocorrências interrogativas *Wh ex situ*, sendo duas com o complementizador *que* e trinta e oito sem o complementizador *que*.

Nesse segundo período, pela primeira vez, houve produção de interrogativas *Wh ex situ* com complementizador *que*. No terceiro período (2 anos e 2 meses), houve produção de setenta ocorrências de interrogativas *Wh ex situ*, sendo onze com o complementizador *que* e cinquenta e nove sem esse complementizador. Observa-se que houve produção de duas ocorrências com interrogativas *Wh in situ* neste último período.

QUADRO 4 – EXEMPLOS DE OCORRÊNCIAS DE WH EX SITU E IN SITU

| Período de idade | Wh ex situ | | Wh in situ |
|------------------|--|--|--|
| | Com complementizador <i>que</i> | Sem complementizador <i>que</i> | |
| 1 ano e 8 meses | - | Cadê ⁴ máquina? Quem é? | - |
| 1 ano e 10 meses | Mas onde é que tá? Onde que tá o botão? | Que é isso? Onde tá o botão? | Sabão de Paião cadê? ⁵ |
| 2 anos e 2 meses | Que que é isso? Como é que se chama? | Quem chegou? Onde está minha cueca? | Está onde ? Fechou por quê ? ⁶ |

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação ao primeiro período, observa-se que construções de interrogativas *Wh ex situ* sem complementizador *que* foram produzidas. Entende-se que, de fato, houve efetuação de uma operação de movimento do elemento *Wh* até a periferia esquerda, o que apontaria para uma escolha de atribuição de valor positivo ao parâmetro do Movimento *Wh*. Não foram encontradas realizações de *Wh in situ* e de *Wh ex situ* com complementizador. No segundo período, foram encontradas ocorrências de *Wh ex situ* com complementizador *que*, sinalizando o período em que tal complementizador é adquirido. Também foi encontrada uma “aparente” ocorrência de *Wh in situ*. Contudo, sobre essa aparente ocorrência, é importante salientar que, talvez, *sabão de Paião cadê?* seja, na verdade, produto de um processo de topicalização da expressão *sabão de Paião*, que esteja a ocorrer na periferia esquerda, dando a impressão de existência de *Wh in situ*, não se apresentando, assim, como um dado robusto para a análise. No terceiro período, ocorrências de *Wh in situ* foram encontradas com mais frequência e em contextos diferentes da “aparente” primeira realização no período passado.

Sobre essas realizações encontradas de *Wh in situ*, duas considerações são tecidas: a) os elementos *Wh* (*onde* e *por quê*) parecem seguir advérbios baixos na gramática adulta de PB e b) esses elementos parecem licenciar uma prosódia de foco e não uma prosódia neutra.

4 Considerado como interrogativa com elemento *Wh* pelas razões apontadas em Sikansi (1999).

5 Tal ocorrência não foi considerada na análise por se tratar, provavelmente, de um contexto de aparente topicalização de *sabão de Paião*. Não parece ser possível se empregar nessa sentença uma prosódia natural, não marcada, que seria natural de interrogativas *Wh in situ*.

6 Como apontado por um dos pareceristas, em uma análise maturacional, segundo a qual a maturação das categorias sintáticas acompanha a altura em que a categoria é realizada, seria igualmente possível pensar que a interrogativa *Wh in situ* envolveria, na verdade, algum tipo de movimento para a periferia esquerda, seguido por movimento remanescente dos constituintes. Embora essa proposta não seja explorada neste *squib*, intenciona-se testá-la em uma próxima investigação, por meio da análise de um *corpus* maior e de um teste de repetição.

Empregando como teste a ordem de linearização de alguns advérbios cinquenianos baixos (CINQUE, 1999; 2006) e até mesmo de advérbios de cunho mais lexical, têm-se os contextos:

- (1) a. ?Está quase **onde**?
b. *Está **onde** quase?
- (2) a. Fechou complemento **por quê**?
b. *Fechou **por que** completamente?
- (3) a. ?Está brevemente **onde**?
b. *Está **onde** brevemente?
- (4) a. Fechou subitamente **por quê**?
b. *Fechou **por que** subitamente?
- (5) a. Fechou por 20 minutos **por quê**?
b. ?Fechou **por que** por 20 minutos?

Além disso, entende-se que, talvez, esses elementos *Wh* encontrados licenciem uma prosódia de foco. Imaginemos uma situação em que um falante A receba uma ligação de um falante B, e A informa B: Estou em Campinas. B, espantado por saber que A está em outra cidade, diferente da que A havia informado, pergunta: Está ONDE? Talvez, esse *onde* carregue alguma informação de foco (contrastivo, mirativo ou informacional). A mesma possibilidade parece ser licenciada no contexto do emprego do elemento *por quê*, em *fechou por quê*?. Aponta-se que, talvez, no PB, algumas ocorrências *Wh in situ* não sejam, de fato, ocorrências em que o elemento *Wh* esteja preso realmente na posição de soldagem, mas ocorrências em que haja um movimento curto endereçado até a periferia “direita”, como depreendido também de Kato (2004)⁷. Talvez haja aquisição tardia desse tipo de interrogativa pela possibilidade de que só após a aquisição do complementizador *que*, o qual, segundo Hornstein, Nunes e Grohmann (2001), engatilha movimento longo *Wh*, a criança perceba que, em sua ausência, seja possível efetuar um movimento curto à periferia “direita”.

Como apontado por um dos pareceristas, é necessário explicar como a produção do *Wh in situ* se justifica apenas pela aquisição do complementizador. Em uma análise inicial, os resultados encontrados parecem fortalecer a proposta de Sell (2002), segundo a qual apenas após a aquisição de um complementizador a criança teria acesso a um núcleo C com *Wh* fraco. Uma outra possibilidade seria cogitar a ideia de que, apenas após a aquisição de um complementizador, de fato, fonologicamente realizado, seria possível *Wh in situ*, não

⁷ Como apontado por um dos pareceristas, apresenta-se como válida a interpretação de que, talvez, alguns desses advérbios quantitativos possam subir em algumas variedades românicas até a periferia esquerda. Além disso, a julgar por Tescari Neto (2013), é possível a interpretação de que o advérbio *quase* poderia se mover até a periferia esquerda no PB.

descartando a possibilidade de haver, anteriormente a essa fase, um complementizador em silêncio (KAYNE, 2005). Uma outra possibilidade para explicar a ocorrência do movimento curto até a *Low Left Periphery* seria a ideia de que o sintagma Wh apresentaria um traço Wh ou um traço de foco, os quais seriam ativados alternadamente, em um dado momento da aquisição, a depender da aquisição de outro elementos. Contudo, considera-se que, antes de se adotar essa interpretação ou qualquer outra possível, seja necessário aumentar a amostra desta pesquisa, analisando um número maior de dados de fala semiespontânea de crianças adquirentes de PB.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese deste trabalho foi a de que haveria produção de interrogativas *Wh in situ* após a emergência do complementizador *que* na fala dessa criança (SELL, 2002). A partir dos resultados encontrados, aponta-se que a hipótese apresentada não pôde ser completamente refutada. Cogitou-se que essas supostas interrogativas *Wh in situ* poderiam ser analisadas na perspectiva de Bonan (2021), assumindo a existência de um movimento curto do elemento Wh até a periferia direita (BELLETTI, 2004). Os próximos passos desta pesquisa são: a) analisar um *corpus* maior com dados de fala semiespontânea de crianças adquirentes de PB, b) aplicar um teste de repetição em sentenças com “suposto” *Wh in situ* em crianças e adultos falantes de PB e c) observar se existe alguma relação entre a ordem de aquisição do complementizador *que* e, conseqüentemente, de *Wh in situ* e a perda de tais categorias em indivíduos com comprometimento linguístico.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, Adriana. Aspects of the Low IP Area. In: RIZZI, L. (ed.). *The Structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2. New York: Oxford University Press, 2004.

BONAN, Caterina. From northern Italian to Asian Wh-“in situ”: A theory of low focus movement. *Isogloss. Open Journal of Romance Linguistics*, v. 7, p. 1-59, 2021.

CHENG, Lisa L.-S. *On the typology of wh-questions*. Doctoral dissertation, MIT. Published 1997, Garland, New York, 1991.

CHOMSKY, Noam. Current Issues in Linguistic Theory. In: FODOR, J.; KATZ, J. (ed.). *The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1964. p. 50-118.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures*, volume 4. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GROLLA, Elaine. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em Português Brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2000.

HUANG, C. T. James. Move WH in a language without WH movement. *The Linguistic Review*, v. 1, n. 4, p. 369-416, 1982.

HORNSTEIN, Norbert; NUNES, Jairo; GROHMANN, Kleanthes K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KATO, Mary; RAPOSO, Eduardo. European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions. Trabalho apresentado no *Linguistic Symposium on Romance Languages*, XXIV. 1994.

KATO, Mary. Two types of wh-in-situ in Brazilian Portuguese. Georgetown Round-Table in Languages and Linguistics. Washington D.C., 2004.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 1996.

RIZZI, Luigi. Residual V-second and the Wh-criterion. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*, 2, Université de Genève. 1991.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar: A Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, Luigi. Relativized minimality effects. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (ed.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2001. p. 89-110.

RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. *In*: CHENG, L.; CORVER, N. (ed.). *Wh-Movement: Moving on*. Cambridge: MIT Press, 2006. p. 97-133.

RIZZI, Luigi. On the format and locus of parameters: the role of morphosyntactic features. *Linguistic Analysis*, v. 41, n. 3, p. 159-191, 2017.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Introdução à lingüística*. Porto Alegre, RS: Globo, 1974.

SELL, Fabiola Sucupira Ferreira. A aquisição das interrogativas WH “in situ” em PB. *Working papers em Linguística*, v. 6, n. 1, p. 55-76, 2002.

SIKANSI, Nilmara Soares. As interrogativas-Q na gramática infantil do PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 36, p. 85-103, 1999.

TESCARI NETO, A. *On verb movement in Brazilian Portuguese: A cartographic study*. PhD Thesis, Università Ca’Foscari, Venice, 2013.

Squib recebido em 7 de outubro de 2021.

Squib aceito em 5 de janeiro de 2022.



ARTIGOS

ARTIGOS

ARTIGOS





A INFLUÊNCIA DA PRODUTIVIDADE NOS LAPSOS DE FALA MORFOLÓGICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

ANA PAULA SCHER* | STELA TERRIBILE GARBUGIO**

RESUMO

Este artigo explora a relação entre a produtividade de regras gramaticais e a ocorrência de lapsos de fala caracterizados como fonológicos, morfológicos e gramaticais. Partindo da observação de um tipo de lapso no português brasileiro, nomeadamente aquele que envolve a produção de formas de primeira pessoa do singular do presente do indicativo de verbos de terceira conjugação, investigamos a interferência da produtividade de regras específicas da derivação de formas verbais desse paradigma na ocorrência desse lapso. Pautadas pelas propriedades do fenômeno de harmonia vocálica, produtivo no contexto mencionado acima, já descritas na literatura (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004; SCHWINDT; QUADROS, 2009; etc.), bem como pelos pressupostos do modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), sugerimos que o lapso ocorre em contextos de aplicação de regras de baixa produtividade e reflete a tentativa do falante de seguir padrões regulares e mais produtivos da língua.

Palavras-chave: lapsos de fala, produtividade, harmonia vocálica, Morfologia Distribuída

ABSTRACT

This article explores the relationship between the productivity of grammatical rules and the occurrence of slips of the tongue characterized as phonological, morphological and grammatical. By observing and discussing one type of error in Brazilian Portuguese, which specifically involves the realization of the first person singular forms of the present indicative of third conjugation verbs, we investigate the relationship between such error and the productivity of grammatical rules which are expected to specifically apply to that paradigm. Based on the properties of the vowel harmony phenomenon, very productive in that context, and already fully described in the literature (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004; SCHWINDT; QUADROS, 2009; etc.), as well as on the assumptions of the Distributed Morphology model (HALLE; MARANTZ, 1993), we suggest that the slips of the tongue occur in contexts of low productive grammatical rules and reflect an attempt by the speaker to follow regular and more productive patterns of the language.

Keywords: slips of the tongue, productivity, vowel harmony, Distributed Morphology

* Universidade de São Paulo, USP. Professora Livre-Docente, Pesquisadora do CNPq, com Bolsa de Produtividade, processo: 307481/2020-4, e-mail: anascher@usp.br.

** Universidade de São Paulo, USP. Pesquisadora em nível de Iniciação Científica, e-mail: stelaterribile@usp.br.

O manuscrito referente a este artigo foi avaliado por dois(duas) pareceristas anônimo(a)s, que nos trouxeram questões pertinentes e muito relevantes para a continuidade da pesquisa. Nossos agradecimentos a esse(a)s dois(duas) especialistas. Todas as questões colocadas foram observadas e/ou incorporadas ao texto, o que resultou em sua maior qualidade em relação ao original. Os problemas remanescentes são de nossa responsabilidade.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo representa os resultados da primeira parte do desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica intitulado *Investigando as relações entre produtividade e lapsos de fala*, sobre a relação entre erros de fala e produtividade de regras gramaticais. O projeto prevê a investigação da ocorrência de três tipos de erros: i) a ocorrência de harmonia vocálica em formas de primeira pessoa do singular do presente do indicativo (1.sg.Pres.Ind) de verbos de terceira conjugação do português brasileiro (PB) que, a rigor, não devem exibir esse processo fonológico, ii) a realização de formas de primeira pessoa do singular do pretérito perfeito de verbos de segunda e terceira conjugações com afixos pertinentes a verbos de primeira conjugação¹; iii) a produção de nominalizações com sufixos nominalizadores inesperados para o contexto relevante².

Aqui, nos concentraremos apenas no primeiro tipo de lapso³, que pode ser exemplificado como em (1) e (2):

- (1) — E se inscreve no canal, por favor... tem que ficar um monte de like, por favor...
— Por favor?
— Uhum... eu pido... eu peço.⁴
- (2) Eu *mido*.

(ESPADARO, 2018, p. 181)

O que discutiremos, portanto, a partir da observação de um tipo de lapso no PB, nomeadamente aquele que envolve a produção de formas de 1.sg.Pres.Ind. de verbos de

1 Como em *Eu quase morrei* ou em *Eu não tou nervosa, é que eu não comei* (ESPADARO, 2018, p. 181-182).

2 Como em *Eu fui no barbeador* (ESPADARO 2018, p. 179), para *Eu fui no barbeiro* ou *O contorno afetivo dessa narração* ou *nomenclatura* (coletados pelas autoras), para *O contorno afetivo dessa narrativa e nomenclatura*, respectivamente.

3 Na avaliação deste trabalho, um(a) do(a)s pareceristas, a quem agradecemos, questionou até que ponto seria possível afirmar que (1) e (2) são propriamente lapsos e não formas usadas numa variante não padrão. A pergunta é relevante considerando-se, principalmente, que, nas palavras do(a) parecerista, “lapso, em princípio, não se confunde com variante linguística; é decorrente de uma falha no sistema, falha essa que ocorre no processamento linguístico. Assim, trata-se de uma ocorrência esporádica na fala de um indivíduo”. Sua resposta, entretanto, ainda não se inclui nos resultados deste trabalho, que é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica. Por outro lado, a questão não foi ignorada. Em nossa tarefa de buscar a sua resposta, ainda em desenvolvimento, estamos levando em consideração as formas dos paradigmas verbais que, em princípio, derivam da forma de 1.sg.Pres. Ind., tais como as formas do paradigma de subjuntivo presente. Seria natural esperar que uma forma variante nesse contexto de 1.sg.Pres.Ind. desencadeasse o mesmo tipo de variação nas formas de presente do subjuntivo — ex. *que eu pida, que nós pidamos*, etc. —, o que não parece ser o caso. Evidentemente, será necessário analisar detalhadamente os fatos relevantes em pesquisa futura. Outra via de análise será a observação de paradigmas de verbos como *sorrir*, com a vogal média-alta posterior na raiz, em que a harmonia vocálica não se realiza, para verificar se, também nesse caso, a questão sobre variação poderá ser colocada. De qualquer modo, ressaltamos, mais uma vez, a relevância da questão e agradecemos pela instigante discussão que dela resultou.

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVBF2boSpt4>. *Deixa seu like*, eu pido. Aventuras de Pedro Henrique.

terceira conjugação dessa língua, serão os mecanismos em funcionamento na arquitetura da gramática no momento em que falhas como (1) e (2) ocorrem nesse sistema. Nossa intenção é verificar se há interferência da produtividade de regras específicas para a derivação de formas verbais dos paradigmas relevantes na ocorrência desse lapso. Ou seja, queremos determinar se o falante se guia por questões de produtividade morfológica e de que maneira os recursos da faculdade da linguagem são utilizados na produção desse lapso.

Com essa discussão, mostraremos que os pressupostos do modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; e trabalhos subsequentes) também são substanciais para a explicação dos lapsos de fala, uma vez que eles nos permitem sugerir o que acontece na gramática do falante quando ele comete um lapso, possibilitando, conseqüentemente, o estabelecimento de uma relação entre o contexto de produção do lapso e sua respectiva produtividade.

O texto se organiza da seguinte maneira: na seção 2, discutimos a relação entre erros de fala e Teoria da Gramática, de acordo com as visões de autores como Dell e Reich (1980), Fromkin (1971, 1973), Chomsky (1980) e Pfau (2009), para, em seguida, na seção, 3, apresentarmos ao leitor o que a literatura já descreve sobre o fenômeno da harmonia vocálica e sobre a defectividade no sistema verbal do PB, abordando questões de produtividade para esses padrões de 2ª e 3ª conjugações. A seção 4 explicita brevemente o modelo da Morfologia Distribuída que fundamenta a análise que desenvolveremos aqui, enquanto a seção 5 aborda questões relacionadas à produtividade de regras gramaticais e à possibilidade de que contextos mais produtivos gramaticalmente desencadeiem mais facilmente a produção de erros de fala no PB, pelo menos os do tipo que escolhemos tratar aqui. A seção 6, finalmente, tece algumas considerações finais.

2 OS ERROS DE FALA E A TEORIA DA GRAMÁTICA

Dell e Reich (1980) apontam que a melhor forma de se determinar o *design* de um sistema é observar o que acontece quando esse sistema falha. Considerando-se, portanto, a língua como um organismo sistemático, os lapsos de fala, interpretados como fenômenos que resultam do desempenho linguístico do falante, representam, precisamente, o momento em que esse sistema falha. Dessa forma, a investigação sobre eles pode nos levar a conhecer o *design* da arquitetura da gramática.

Segundo Fromkin (1971, 1973), os lapsos têm sido estudados por razões distintas: são analisados como fonte de mudanças linguísticas ou como meio de compreensão dos reais mecanismos do processo de produção de fala. Também são usados para entender repressões psicológicas e — uma motivação mais diretamente relacionada ao que nos interessa mais de perto — para mostrar a realidade de regras e unidades fonológicas, bem como a relação entre competência linguística e *performance*.

Uma análise de erros de fala fornece evidência para a realidade psicológica de conceitos da teoria linguística tais como traços distintivos, restrições sobre estruturas morfológicas, formas abstratas subjacentes, regras fonológicas e traços sintáticos e semânticos. Além disso, esses erros revelam que o desempenho linguístico é fortemente regido por regras, e que, em muitos casos, são as regras gramaticais que restringem ou monitoram a produção real de fala. (FROMKIN, 1971, 1973, tradução nossa)⁵

Nesse mesmo sentido, Chomsky (1980, p. 200, tradução nossa), retomado em PfaU (2009, p. 6), já dizia que “evidências relativas à produção, reconhecimento, lembrança e uso de língua em geral podem influenciar a investigação das regras da gramática, no que às vezes é chamado de ‘competência gramatical’ ou ‘conhecimento da linguagem’”.⁶ PfaU (2009) aponta, então, que os erros de fala são de interesse para o linguista que aceita que o mecanismo de processamento reflete regras gramaticais e completa afirmando que “(...) análises psicolinguísticas robustas de dados de erros só se fazem com o suporte de hipóteses significativas sobre a estrutura, ou seja, a gramática, da língua em questão” (PFAU, 2009, p. 6, tradução nossa).⁷

Dessa forma, faz sentido o viés adotado nesta pesquisa, em que abordaremos, especificamente, o que Espadaro (2018) define como lapsos de fala fonológicos, morfológicos e gramaticais. Nosso objetivo é a compreensão de alguns dos processos flexionais do módulo morfológico que compõe a arquitetura da gramática ou, em outros termos, a faculdade da linguagem humana. Espadaro descreve cinco tipos de lapsos de fala, como a seguir:

- a) lapsos semânticos: são aqueles em que palavras são trocadas por outras semanticamente semelhantes. Essas trocas podem ser acompanhadas de diferentes relações semânticas, como antonímia, co-hiponímia, relação parte pelo todo, entre outras;
- b) lapsos fonológicos: são resultado da proximidade sonora entre as palavras trocadas, facilitando a ocorrência de um deslize;

5 No original: “An analysis of speech errors provides evidence for the psychological reality of theoretical linguistic concepts such as distinctive features, morpheme structure constraints, abstract underlying forms, phonological rules, and syntactic and semantic features. Furthermore, such errors reveal that linguistic performance is highly rule-governed, and that in many cases it is grammatical rules which constrain or monitor actual speech production” (FROMKIN, 1971, 1973).

6 No original: “evidence concerning production, recognition, recall, and language use in general can be expected (in principle) to have bearing on the investigation of rules of grammar, on what is sometimes called ‘grammatical competence’ or ‘knowledge of language’” (CHOMSKY, 1980, p. 200).

7 No original: “This, in turn, implies that meaningful psycholinguistic analyses of error data can only be made against the background of significant hypotheses concerning the structure, that is, the grammar, of the language in question” (PFAU, 2009, p. 6).

- c) *blends*: representam fenômenos de sobreposição ou apagamento entre duas palavras;
- d) lapsos gramaticais: são aqueles que envolvem traços gramaticais das palavras, tais como número, gênero e pessoa, que são afetados, gerando, normalmente, sentenças com erros de concordância;
- e) lapsos morfológicos: são aqueles em que o segmento afetado envolve um morfema, tal como uma raiz, um prefixo ou um sufixo.

O foco deste estudo recairá sobre erros que representam uma conjunção das propriedades dos lapsos fonológicos, morfológicos e gramaticais, que envolvem segmentos fonológicos, morfemas e traços gramaticais, seus resultados desviando, desse modo, da palavra ou sentença pretendida pelo falante, como exemplificamos em (1) e (2).

3 HARMONIA VOCÁLICA E DEFECTIVIDADE NO SISTEMA VERBAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES DE PRODUTIVIDADE PARA PADRÕES DE 2ª E 3ª CONJUGAÇÕES

Nesta seção, abordaremos brevemente o fenômeno fonológico da harmonia vocálica, bem como a defectividade entre os verbos no PB, fenômenos que atingem, em geral, verbos das segunda e terceira (mais particularmente dessa última) conjugações.

A harmonia vocálica promove a “concordância entre a altura da vogal acentuada da raiz e a altura da vogal temática na primeira pessoa do presente do indicativo e em todas as formas do presente do subjuntivo” (SCHWINDT; QUADROS, 2009). Exemplos desse fenômeno vêm de paradigmas de verbos como *servir* e *progredir*, de terceira conjugação. Na primeira pessoa do presente do indicativo, em vez de conservarem a vogal radical média [e], conjugam-se como *s[*i*]rvo* e *progr[*i*]do*, realizando o espriamento do traço de altura entre a vogal temática alta [i] e as vogais radicais médias [e].

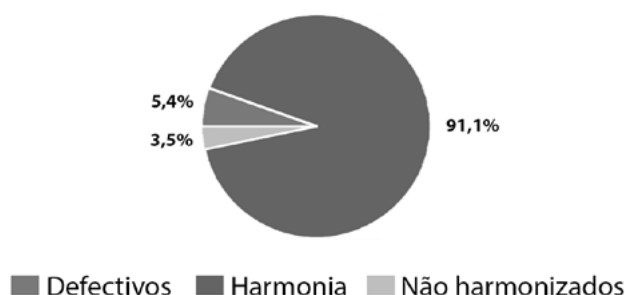
Essa regra de alteamento da vogal radical média parece ser bastante produtiva nos verbos de terceira conjugação do PB. A observação de formas verbais de primeira pessoa do presente do indicativo de verbos como *ferir*, *refletir* e *seguir*, com vogal radical média anterior, além de *cobrir*, *dormir* e *engolir*, com a vogal radical média posterior, torna evidente a aplicação da regra, uma vez que todas empregam o processo de alçamento da vogal radical nos contextos relevantes.

- | | | | | |
|-----|----|------------------------------|----------------------------------|--------------------------------|
| (3) | a. | ferir / firo | refletir / reflito | seguir / sigo |
| | b. | cobrir / cubro | dormir / durmo | engolir / engulo |

Como apontaram Schwindt e Quadros (2009), enquanto 91,1% dos verbos dicionarizados de 2ª e 3ª conjugações do PB (padrões *e/o-er* — *dever*, *comer* — e *e/o-ir* — *sentir*, *tossir*) passam por harmonização vocálica nos contextos de primeira pessoa do presente do indicativo

e de todas as formas do presente do subjuntivo, 5,4% desses verbos são defectivos, não realizando fonologicamente essas mesmas formas, e outros 3,5% não exibem harmonia vocálica nesses contextos (Figura 1).

**FIGURA 1 — HARMONIA VOCÁLICA NOS VERBOS DICIONARIZADOS
SOMENTE PADRÕES E/O-ER E E/O-IR**



Fonte: Schwindt e Quadros (2009, p. 63).

Ocorre que verbos como *pedir* e *medir*, dos exemplos (1) e (2), respectivamente, estão entre os 3,5% de verbos que não harmonizam a vogal radical média nos contextos já descritos, realizando, por exemplo, as formas de 1.sg.Pres.Ind. como *peço* e *meço*. Portanto, o comportamento esperado para as formas de 1.sg.Pres.Ind., e para todas as suas formas do presente do subjuntivo é diferente do esperado para a maioria dos verbos de terceira conjugação e, como mostram os números, muito pouco produtivo. Dentro desse pequeno grupo de verbos que não exibem harmonia vocálica, os autores identificaram os seguintes padrões fonotáticos:

- (4) a. verbos que exibem as consoantes [d] ou [t] antes da vogal temática.
- b. verbos que exibem a consoante [d] antes da vogal temática e que alternam essa consoante para [s] na primeira pessoa do presente do indicativo;
- c. verbos que exibem a consoante [ʒ], antes da vogal temática.

(SCHWINDT; QUADROS, 2009, p. 64)

Schwindt e Collischonn (2004) observam a tendência de aplicação da elevação da vogal anterior média [e], em posição pretônica seguida da vogal anterior alta [i], tendo como recurso um *corpus* constituído de dados das três capitais da região sul do Brasil — Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. Seu interesse são as formas verbais, e principalmente aquelas em que a vogal alvo da elevação está na raiz do verbo e o segmento que serve de gatilho para a realização desse fenômeno está no sufixo verbal, exatamente o caso dos verbos *medir* e *pedir*, cujas formas de 1.sg.Pres.Ind. são alvo da nossa pesquisa.

Os autores apontam que as amostras das cidades de Porto Alegre e Florianópolis sugerem que os verbos de terceira conjugação do português favorecem a harmonia vocálica em 83% dos casos para a capital gaúcha, e em 72% dos casos, para a capital catarinense, contra 44%

dos casos, no máximo, considerando-se a primeira e a segunda conjugações nas duas cidades (Tabelas 1 e 2):

TABELA 1 — CONJUGAÇÃO VERBAL PARA /e/ EM PORTO ALEGRE

| | Aplic/Total | % | Peso Relativo |
|----------------------|-------------|----|---------------|
| I <i>divertir</i> | 86/103 | 83 | 0,85 |
| A <i>retirar</i> | 41/93 | 44 | 0,66 |
| E <i>parecido</i> | 40/148 | 27 | 0,17 |
| Total | 167/344 | 49 | |
| INPUT 0,50 | | | |

Fonte: Schwindt e Collischonn (2004, p. 76).

TABELA 2 — CONJUGAÇÃO VERBAL PARA /e/ EM FLORIANÓPOLIS

| | Aplic/Total | % | Peso Relativo |
|----------------------|-------------|----|---------------|
| I <i>divertir</i> | 105/146 | 72 | 0,82 |
| A <i>retirar</i> | 27/105 | 26 | 0,64 |
| E <i>parecido</i> | 85/224 | 38 | 0,22 |
| Total | 217/475 | 46 | |
| INPUT 0,44 | | | |

Fonte: Schwindt e Collischonn (2004, p. 76).

Por sua vez, a amostra de Curitiba não permite sugerir a relevância da variável *conjugação*, uma vez que os resultados mostram pouca distinção entre o total de ocorrências de elevação entre as três conjugações (Tabela 3).

**TABELA 3 — CONJUGAÇÃO PARA /e/ EM CURITIBA
(VARIÁVEL NÃO FOI SELECIONADA)**

| | Aplic/Total | % | Peso Relativo |
|----------------------|-------------|----|---------------|
| I <i>divertir</i> | 77/119 | 62 | 0,53 |
| A <i>retirar</i> | 65/117 | 55 | 0,57 |
| E <i>parecido</i> | 63/130 | 48 | 0,41 |
| Total | 204/366 | 56 | |
| INPUT 0,54 | | | |

Fonte: Schwindt e Collischonn (2004, p. 77).

As três amostras comparadas sugerem, ainda, uma tendência ao uso moderado da elevação da vogal pretônica no contexto verbal, "(...) com índices inferiores a 50%, ainda

que se observe um crescimento no uso da regra, à medida que nos afastamos do extremo sul do país.” (SCHWINDT; COLLISCHON, 2004, p. 75).

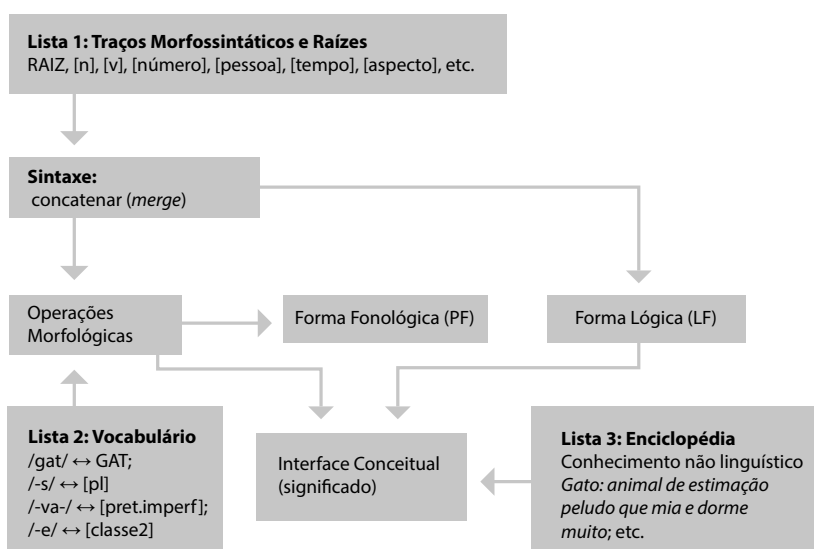
Para falarmos também brevemente da defectividade, em particular, do que se relaciona a questões de produtividade gramatical nesse fenômeno, vamos tomar verbos como *precaver e feder*, além de *abolir, banir e competir*, de segunda e de terceira conjugações, respectivamente. Esses são verbos cujos paradigmas geram formas inefáveis para a 1.sg. Pres.Ind. (**eu precavejo, *eu fedo, *eu abolo, *eu bano, *eu compito*), bem como para as formas que derivam dela nos paradigmas relevantes (**que eu precaveja, *que eu feda, *que eu abola, *que eu bana, *que eu compita*). Por esse motivo, são considerados defectivos⁸.

De acordo com Halle (1973) e muitos outros trabalhos subsequentes sobre defectividade nas línguas naturais, os paradigmas defectivos são característicos de contextos não produtivos. Isso é, de fato, o que ocorre no PB, em que os paradigmas defectivos se limitam aos verbos de 2ª ou 3ª conjugações: como membros da 2ª e da 3ª conjugações verbais do PB, os verbos indicados no parágrafo anterior pertencem a um contexto menos produtivo do sistema verbal dessa língua. Ou seja, não se formam novos verbos dentro dos limites dessas conjugações nessa língua. Na seção 5, estabereceremos essa mesma relação entre a ocorrência da harmonia vocálica em formas de 1.sg.Pres.Ind e a produtividade do contexto em que isso se verifica.

4 LAPSOS DE FALA E MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A Morfologia Distribuída (doravante MD) opera como um modelo de produção linguística, que se propõe a explicar a formação de palavras e sentenças a partir da sintaxe como único componente gerativo da gramática (Figura 2).

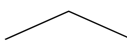
FIGURA 2 — REPRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA DA GRAMÁTICA EM MD



Fonte: Adaptado de Silva e Medeiros (2016, p. 112).

⁸ Scher e Girardi (2020) têm uma análise para este fenômeno desenvolvida com base no modelo da MD, que sugere que a forma de 1.sg.Pres.Ind. resulta inefável por causa de dois fatores principais: a combinação de traços morfossintáticos relevantes e a existência de uma raiz alomórfica, que se realiza como um ZERO fonológico.

Nessa proposta, a derivação de palavras e sentenças se dá na sintaxe, que opera com o material que compõe a Lista 1, uma lista não gerativa, que contém raízes e traços morfossintáticos, tais como categorizadores e morfemas funcionais (cf. Figura 2). Sem conteúdo fonológico, tais traços são manipulados pela sintaxe, que gera derivações sintáticas cujos nós terminais serão tardiamente associados a alguma fonologia (inserção tardia) pelos componentes da Lista 2, denominada Vocabulário. Esses componentes são os itens de vocabulário (IVs). Trata-se de regras fonológicas que associam informações dessa natureza aos nós terminais abstratos gerados pela sintaxe. Durante o processo de inserção de vocabulário, os IVs competirão entre si para decidir qual deles ocupará o nó relevante: os traços especificados para os IVs são comparados aos traços que caracterizam o nó terminal abstrato. O IV especificado mais o maior número de traços coincidentes com os traços no nó terminal será inserido. Em (5), representamos a caracterização dos IVs *me*, *lhe* e *nos*, da Lista 2, e a competição entre eles para inserção fonológica no nó terminal: [1.pl.dativo]:

| | | |
|-----|--|---|
| (5) | Nós terminais sintáticos (morfemas abstratos) | Candidatos (IVs) |
| |  [1.pl.dativo] | <i>me</i> ↔ [1, -pl, dativo] <i>lhe</i> ↔ [-pl, dativo] <i>nos</i> ↔ [1, +pl, dativo] |

Entre os candidatos, o clítico dativo *nos* vence a competição por ser compatível com mais traços do nó terminal.

À estrutura formada na Lista 2 associam-se conteúdos dependentes do que o falante tem registrado na Lista 3, também chamada de Enciclopédia. Essa lista armazena o conhecimento de mundo do falante, compondo-se, portanto, de traços semânticos idiossincráticos e particulares que atribuirão significado às expressões ou palavras formadas pelos componentes sintático e pós-sintático.

Será a partir desse viés que abordaremos a produção dos lapsos de fala, tais como os apresentados em (1) e (2). Isso já foi feito em Pfau (2009) para dados do alemão e em Esparado (2018) para dados do PB. Pfau analisou erros de fala que ele classificou como i) erros de antecipação ou perseveração semântica, ii) erros envolvendo incompatibilidade de traços, iii) erros envolvendo o abandono ou alternância de traços abstratos, além de iv) erros envolvendo acomodação⁹. Por sua vez, Esparado (2018), classificou os erros de fala do PB como indicamos na seção 2. Entre as classes propostas pela autora, podemos pensar que os erros em (1) e (2) representam uma conjunção das características dos erros fonológicos, morfológicos e gramaticais e essas serão características relevantes para o tratamento que ofereceremos para os nossos exemplos na seção 6.

⁹ Para mais detalhes sobre a classificação proposta pelo autor para os erros de fala do alemão, consultar Pfau (2009, p. 9-20).

5 PRODUTIVIDADE E OS LAPSOS DE FALA

As observações sobre os contextos de ocorrência dos lapsos exemplificados em (1) e (2), feitas na seção 2, com base em Schwindt e Collischonn (2004) e Schwindt e Quadros (2009) são relevantes já que se trata de ambientes tomados como pouco produtivos: os verbos *medir* e *pedir* são de terceira conjugação verbal e, dentro desse grupo, apresentam um comportamento bastante singular em relação à imensa maioria dos verbos dessa conjugação. Ou seja, a expectativa é que as formas de 1.sg.Pres.Ind desses dois verbos representem o que há de menos produtivo (3,5%, cf. Figura 1) entre as regras pertinentes a uma classe de verbos que, por si só, já é bem pouco produtiva, nomeadamente, a manutenção da vogal anterior média-baixa da raiz — *meço* e *peço*. No entanto, a forma do lapso reflete a aplicação da harmonia vocálica — *mido* e *pido*, uma regra bem mais produtiva (91,1%, cf. Figura 1) que a esperada.

A observação desses lapsos pode ser determinante para a identificação dos efeitos da produtividade morfológica nessas ocorrências. O que se percebe nesses casos é que o lapso parece derivar de uma tentativa, por parte do falante, de manutenção de um padrão mais produtivo da língua. Assim, em (1) e (2), o falante produziria esses lapsos, ao seguir o padrão produtivo de harmonização vocálica verificado em *divertir* – *divirto*, *mentir* – *mintto*, *seguir* – *sigo*, *sentir* – *sinto*, *servir* – *sirvo*, etc. (SCHWINDT; COLLISCHONN, 2004; GARCIA et al., 2008; SCHWINDT; QUADROS, 2009), evitando a regra menos produtiva que leva às formas *meço* e *peço*.

A noção de produtividade que está sendo aqui utilizada remete à definição que Yang (2016) postula como a capacidade de formação de novas palavras a partir de uma regra já existente na língua. Essa concepção torna-se clara com o clássico exemplo do *wug-test* (BERKO, 1958), em que crianças são submetidas a um experimento em que precisam completar frases como (6):

- (6) This is a WUG. Here is another one. These are two _____.
WUGS.

Quando as crianças respondem a testes como esse, elas indicam relações entre diferentes regras na língua, assim como entre regras produtivas ou improdutivas. No caso em (6), a resposta *wugs* evidencia a regra do plural em -s em inglês como produtiva, uma vez que foi aplicada em um contexto novo, como regra *default*. Será a partir desse discernimento de produtividade que investigaremos a relação entre os lapsos de fala e os contextos potencialmente mais ou menos produtivos em que ocorrem.

Os casos de *eu mido* e de *eu pido* podem ser examinados através da óptica da regra produtiva de harmonização vocálica dos verbos de terceira conjugação do PB. Constituindo o grupo de verbos de terceira conjugação que não exibem harmonização vocálica e que seguem o padrão fonotático descrito em (4b)¹⁰, espera-se que *medir* e *pedir* flexionem-

¹⁰ Verbos que exibem a consoante [d] antes da vogal temática e que alternam essa consoante para [s] na primeira pessoa do presente do indicativo.

se na primeira pessoa do presente do indicativo como *meço* e *peço*, respectivamente. No evento do lapso, no entanto, não é isso que se verifica: a nossa hipótese é a de que a produção de *mido* revela uma tentativa do falante de seguir um padrão produtivo e já existente da língua, qual seja, o de harmonizar a vogal média anterior do radical [e] nos contextos relevantes, gerando [i].

Nossa proposta de análise, sob a perspectiva da MD, é a de que esses lapsos têm a ver com a escolha da fonologia adequada para a inserção de vocabulário nas raízes abstratas dos verbos *medir* e *pedir*¹¹. Os verbos *medir* e *pedir* derivam das raízes $\sqrt{\text{MED}}$ e $\sqrt{\text{PED}}$, respectivamente. Essas raízes entram na derivação sintática sem identificação fonológica, mas recebem, tardiamente, material fonológico para realizá-las. Podemos supor que elas podem ser realizadas de várias maneiras diferentes, a depender do contexto morfossintático em que se inserem (*medimos* /med/, *meço* /mes/, *mede* /med/, *pedimos* /ped/, *peço* /pes/, *pede* /ped/). Estamos diante, portanto, de dois casos de alomorfia de raízes. Para *medir*, a Lista 2 disponibiliza os IVs relevantes, entre os quais destacaremos /med/ e /mes/, descritos como (7a,b). Por sua vez, para *pedir*, por sua vez, os IVs destacados serão /ped/ e /pes/, descritos como (8a,b).

- (7) a. /mes/ ↔ [$\sqrt{\text{MED}}$, 1.sg.Pres., v]¹²
 b. /med/ ↔ [$\sqrt{\text{MED}}$, v]
- (8) a. /pes/ ↔ [$\sqrt{\text{PED}}$, 1.sg.Pres., v]
 b. /ped/ ↔ [$\sqrt{\text{PED}}$, v]

Desse modo, o falante, ao produzir *mido* ou *pido*, opta pelo padrão mais produtivo e mais sistemático do paradigma dos verbos de terceira conjugação, escolhendo os IVs em (7b) e (8b), respectivamente, que, posteriormente, têm suas vogais médias altas anteriores [e] harmonizadas com a vogal temática de terceira conjugação [i].

Chama atenção, também, a ocorrência do lapso em (9a), registrado em Espadaro (2018), em que o falante usa a forma *pedo* em substituição à *peço*, registrada em (9b) e prevista pelo padrão fonotático descrito em (4b) para as formas que não passam por harmonização vocálica:

- (9) a. Eu *pedo* na prima.
 b. Eu *peço* na prima

(ESPADARO, 2018, p. 180-181)

11 A análise que estamos propondo requer que assumamos a posição de que as raízes não têm fonologia desde o início da derivação sintática. Dentro do modelo da MD, essa é uma discussão extremamente atual e pertinente, mas que não cabe no escopo deste trabalho. Conferir o trabalho intitulado *On the identity of roots*, de Harley (2014), assim como todos os outros constantes da mesma publicação.

12 Os IVs em (7a) e (8a) são especificados apenas para o tempo presente, sendo subespecificados para modo, o que permite a sua inserção tanto no indicativo como no subjuntivo.

Vimos que o verbo *pedir* também constitui uma exceção entre os verbos de terceira conjugação, já que não passa por harmonização vocálica e, para ele, é esperado um comportamento de acordo com o padrão fonotático em (4b), que diz que a forma flexionada de primeira pessoa do presente do indicativo deve ser *peço*. No entanto, em (9a), o falante produz um lapso ao realizar a forma *pedo*. De acordo com a nossa proposta, ele opta pelo padrão mais produtivo e mais regular do paradigma dos verbos de terceira conjugação, escolhendo o IV em (8b), entre as possibilidades existentes.

Resta ainda a necessidade de explicar a não ocorrência de harmonia vocálica nesse caso: a forma resultante é *pedo*, não *pido*. Nossa sugestão para dar conta da ocorrência das formas *mido* e *pido*, bem como da forma *pedo*, entre os casos de lapsos que envolvem formas de 1.sg.Pres.Ind. de verbos de terceira conjugação é a seguinte:

- a) Nos três casos, o falante produz o lapso guiado por questões de produtividade: duas formas bem pouco produtivas — *meço* e *peço* — são substituídas por formas que seguem um padrão mais produtivo — *mido*, *pido* e *pedo*. Isso ocorre mesmo que essas formas componham, no contexto mais amplo do sistema do português, um paradigma menos produtivo — a terceira conjugação verbal. Dentro desse paradigma, há um padrão de harmonização seguido em mais de 90% dos casos, e esse alto índice de produtividade interfere na produção do lapso.
- b) Nas formas *mido* e *pido*, as vogais alvo da elevação estão na raiz do verbo e o segmento gatilho para a realização do fenômeno [i] está no sufixo flexional, que indica a classe ou conjugação do verbo. Diante do contexto adequado, a vogal alvo pode se harmonizar com a vogal temática.
- c) A forma *pedo*, por sua vez, embora tenha características semelhantes às formas *mido* e *pido*, se coloca entre os mais de 50% dos casos em que não ocorre harmonia vocálica no contexto dos verbos de terceira conjugação, constituindo, assim, um caso de variação entre formas de lapso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, investigamos a influência da produtividade de regras gramaticais na ocorrência de lapsos de fala do PB, que envolvem características fonológicas, morfológicas e gramaticais. A partir dos lapsos como *mido*, *pido* e *pedo*, produzidos em lugar de *meço* e *peço* para as formas de 1.sg.Pres.Ind. de *medir* e *pedir*, respectivamente, foi possível sugerir que a forma dos lapsos reflete a tentativa do falante de empregar as formas mais produtivas do paradigma de terceira conjugação da língua.

As formas *mido* e *pido* revelaram que, no lapso, o falante reproduz o comportamento da grande maioria dos verbos de terceira conjugação, de padrão *e/o-ir* (SCHWINDT; QUADROS, 2009) na 1.sg.Pres.Ind.; são formas que realizam raiz do verbo com a mesma fonologia prevista para a realização da forma infinitiva do verbo, além de harmonização vocálica.

A forma *pedo*, por sua vez, revela processo semelhante, sem a ocorrência de harmonia vocálica, sugerindo a ocorrência de variação também na produção do lapso.

A análise que propusemos aqui decorre dos pressupostos do modelo da MD, que fundamenta esta pesquisa. Por força dos paradigmas de presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos *medir* e *pedir* no português, precisamos admitir a ocorrência de alomorfa de raízes para esses verbos, representadas pelos IVs (7a,b), para $\sqrt{\text{MED}}$ (*medir*), e (8a,b), para $\sqrt{\text{PED}}$ (*pedir*). O lapso acontece quando o falante não seleciona (7a) ou (8a), para as formas relevantes, mas (7b) ou (8b). Essa hipótese implica a posterior harmonização da vogal do radical.

REFERÊNCIAS

- BERKO, J. The Child's Learning of English Morphology. *Word*, v. 14, p. 150-177, 1958.
- CHOMSKY, N. *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press, 1980.
- DELL, G. S.; REICH, P. A. Slips of the tongue: The facts and a stratificational model. In: COPELAND, J. E.; DAVIS, P. W. (ed.) *Papers in cognitive-stratificational linguistics*. Houston: Rice University Studies, v. 66, n. 2, p. 19-34, 1980.
- ESPADARO, Mayara. *Os lapsos de fala em português brasileiro sob a perspectiva da Morfologia Distribuída*. 2018, 183 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- FROMKIN, V. A. The non-anomalous nature of anomalous utterances. *Language*, v. 47, p. 27-52, 1971.
- FROMKIN, V. A. The non-anomalous nature of anomalous utterances. In: FROMKIN, V. A. (ed.) *Introduction. Speech Error as Linguistic Evidence*. The Hague: Mouton, 1973.
- GARCIA, G. D.; QUADROS, E. S.; SCHNEIDER, A.; SCHWINDT, L. C. A Harmonia Vocálica em Verbos de 2ª e 3ª Conjugações no Português Brasileiro. *7º Encontro do CELSUL, 2006, Pelotas. Anais do 7º Encontro do CELSUL*, Pelotas: EDUCAT, 2008.
- HALLE, M. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, p. 3-16, 1973.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (ed.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor Of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-17.
- HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, v. 40, n. 3/4, p. 225-276, 2014.
- PFAU, R. *Grammar as processor: a distributed morphology account of spontaneous speech errors*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2009.
- SCHER, A. P.; GIRARDI, G. Y. Defectividade como uma janela para a arquitetura da gramática: formas verbais inefáveis do português. *Caderno De Squibs: Temas Em Estudos Formais Da Linguagem*, v. 4, n. 2, p. 14-30, 2020.
- SCHWINDT, L. C.; COLLISCHONN, G. Harmonia vocálica variável no Sistema verbal do português do Brasil. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, n. 36 p. 73-81, 2004.
- SCHWINDT, L. C.; QUADROS, E. S. A harmonia vocálica verbal no léxico dicionarizado do PB. *Letrônica*, v. 2, n. 2, p. 58-70, dezembro 2009.
- SILVA, M. C. F.; MEDEIROS, A. B. *Para conhecer morfologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- YANG, Charles. *The Price of Linguistic Productivity. How Children Learn to Break the Rules of Languages*, Cambridge: MIT Press, 2016. 274 p.

Artigo recebido em 15 de setembro de 2020.

Artigo aceito em 9 de junho de 2021.



A PRIMITIVE MAPPING OF THE CRITERIAL FIELD OF FOCUS

CATERINA BONAN*

ABSTRACT

This contribution proposes a preliminary reassessment of the cartography of a number of syntactic phenomena that fall under the broad label of ‘focus’. The main aim of this work is to encourage a discussion and amendment of the cartography of focus projections based on a cross-linguistic comparison of the movement properties of interrogative wh-elements and of prosodically-marked nominal focalisations. Additionally, a new understanding of the syntactic properties of wh-movement and focus will be proposed which, based on Rizzi’s (2017) notions of ‘movement’ and ‘Spell-Out’ parameters, reduces the observed cross-linguistic variations to the combination of simple binary choices. I will claim that the notion of focus projection is semantically and empirically insufficient to account for the wide array of focal phenomena attested cross-linguistically while abiding by the ‘One feature – One head’ rule and ‘Uniqueness of focus’ principle: criterial fields are needed instead.

Keywords: syntactic cartography, focus, wh-movement, interrogatives, parameters

RESUMO

Esta contribuição propõe uma revisão preliminar da cartografia de um conjunto de fenômenos sintáticos que se enquadram no âmbito do rótulo mais geral de ‘foco’. O principal objetivo deste trabalho é propiciar uma discussão e revisão da cartografia das projeções de foco com base em uma comparação translinguística das propriedades de movimento de elementos-QU interrogativos e de focalizações nominais prosodicamente marcadas. Para além disso, será proposta uma nova compreensão das propriedades sintáticas do movimento-QU e do foco, o que — tendo em vista as noções de parâmetros de ‘movimento’ e de ‘Spell-Out’ de Rizzi (2017) — reduz a variação linguística observada à combinação de escolhas binárias simples. Argumentarei que a noção de ‘projeção de foco’ é semântica e empiricamente insuficiente para dar conta da ampla gama de fenômenos focais atestados translinguisticamente, apesar de obedecer a regra do ‘Um traço, um núcleo’ e o princípio da ‘Unicidade do foco’: os campos criteriais são, no entanto, necessários.

Palavras-chave: cartografia sintática, foco, movimento-QU, interrogativas, parâmetros

* University of Cambridge, UK. E-mail: cb2098@cam.ac.uk. This work was supported by the Swiss National Science Foundation, project #P2GEPL_184384, which I gratefully acknowledge. I am grateful to my friend Aquiles Tescari Neto for the Portuguese abstract, and to Adam Ledgeway and Giuseppe Samo for many a precious insight. My thankfulness also goes to Guglielmo Cinque, Ur Shlonsky, Giuliano Bocci and Luigi Rizzi, to whom I owe my interest in cartography and focus, and two anonymous reviewers. All mistakes and theoretical unorthodoxies are mine.

1 THEORETICAL BACKGROUND

This discussion adopts the cartographic approach to syntactic structures, and proposes a novel mapping of the projections for foci. It is anchored on the widely-accepted assumption that the functional spine encompasses a highly-split functional field above TP, the HLP ('high left periphery'), and a lower, less articulated field right above vP, the LLP ('low left periphery'). Concretely, I shall pursue an architecture of syntax in which each functional head encodes only one singleton syntactically active feature ('one feature – one head', henceforth 1F1H). 1F1H was first elaborated in Kayne (2005), although this contribution adopts Rizzi's (2017, p. 171) 'relaxed' version whereby a functional head that acts as a trigger of movement may encode distinct features responsible for phrasal vs head movement.

Less canonically, I shall follow authors such as Aboh & Pfau (2011) and Bonan (2021a) in assuming that *wh*-elements in answer-seeking interrogatives are cross-linguistically only needed to identify the content of *wh*-questions, and do not contribute to clause-typing. Consequently, I embrace Cable's (2010) claim in favour of a generalised extension of Q-particles in *wh*-interrogatives, which are needed both for clause-typing and to determine the scope of *wh*-elements stranded clause-internally.¹ I thus consider that the [q;focus] bundle of *wh*-interrogatives is shared between the Q-particle, which encodes [q], and the *wh*-element, that activates [focus]. In this model, what is triggered by the HLP is not the *wh*-element but [q], i.e., total *wh*-fronting is an instance of fronting of Q that 'piggy-backs' on the *wh*-element.

1.1 A MICRO-PARAMETRISATION OF MERGE, MOVE AND SPELL OUT

The movement data will be assessed in light of Rizzi's (2017) understanding of movement parameters whereby MOVE involves the establishment of a probe-goal search followed by internal merge of the goal, and encompasses the two types in (1) and (2):

(1) **Phrasal movement**

- a. A search feature at the phrasal level;
- b. The corresponding internal merge feature at the phrasal level (IM, formerly the EPP).

(RIZZI, 2017, p. 171 (20))

(2) **Head movement**

- a. A search feature at the lexical level ($\text{Search}_{\text{lex}}$);
- b. The corresponding internal merge feature, again at the lexical level (IM_{lex}).

(RIZZI, 2017, p. 171 (21))

¹ I shall not make a distinction between Q-projection and Q-adjunction because it would complicate the discussion unnecessarily. Cf. Bonan (2021a) for an analysis of Romance interrogatives that considers the architecture of Q, and Cable (2010) and Bonan (2021b) for a thorough justification of the cross-linguistic extension of Q-particles in *wh*-interrogatives.

The syntactically active features that count for 1F1H are those responsible for phrasal movement, while the lexical features only contribute to the characterisation of the projection.

When one functional element enters the syntax and becomes a functional head in the relevant configuration, it triggers one syntactic operation on the structure which is built. The available operations are those of MERGE, MOVE, and SPELL OUT. SPELL OUT parameters deal with “variation in the obligatory, optional or impossible pronunciation of certain heads and of their immediate dependents” (RIZZI, 2017, p. 175). For instance, Samo (2019) argues that the projection commonly taken to encode [focus] in the HLP is not realised in the same way by all languages: Focus° triggers movement of an XP that bears a relevant focus feature and, while in languages such as Gungbe this head is phonetically realised, as in (3), its Standard Italian (StandIT) counterpart is silent, as in (4):

(3) **Gungbe**

[_{FOCUSP} KÒFÍ_i [_{FOCUS°} wè [ùn yró —_i]]]!
 Kofi foc 1sg call
 ‘I called KOFI (as opposed to, for example, Enoch)’

(ABOH, 2007, p. 85 (9c))

(4) **StandIT**

[_{FOCUSP} IL LIBRO_i [_{FOCUS°} Ø [Gianni ha letto —_i]]]!²
 the book foc Gianni has read —
 ‘Gianni read THE BOOK (as opposed to, for example, the article)’

(SAMO, 2019, p. 146 (8))

Samo (2019, p. 146) claimed that, while in the Gungbe example in (4) the criterial head is spelled-out, some languages display the movement of an already merged head. This configuration is observed in V2 languages, as illustrated by the German example in (5):

(5) **German**

[_{FOCUSP} DIESES FRESKO_i [_{FOCUS°} malte_j [Giotto —_j —_i]]]
 this fresco painted.3sg Giotto
 ‘Giotto painted THIS FRESCO (as opposed to, for example, the one over there)’

(adapted from Samo (2019, p. 146 (8)))

2 A. Ledgeway (pc.) points out that a preverbal subject intervening between the shifted focus and the finite verb is ungrammatical for many speakers of Italian. However, this phenomenon is likely to be due to an intervention effect, and should not have consequences for my theory.

In this framework, the variability of syntactic strategies adopted by different languages stems from different combinations of the syntactic operations of MERGE, MOVE and SPELL OUT: Gungbe merges FocusP and spells out Focus°; StandIT merges FocusP but does not spell out Focus°; German requires both phrasal movement and head movement.³ Additionally, while a positive setting of MERGE is a requirement in Gungbe and German, alternation between shifted and in-situ foci is observed in StandIT, as illustrated in the variant of (4) given in (4'):

- (4') [_{FocusP} [_{Focus°} Ø [Gianni ha letto IL LIBRO]]]!
 foc Gianni has read the book
 'Gianni read THE BOOK (as opposed to, for example, the article)'

The parametrisation in question can be viewed as in Table 1:

TABLE 1 — LANGUAGE VARIABILITY IN ACTIVATING FOCUSP

| | Merge (M) | Spell Out (SO) | Search (SEA) | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|---------|-----------|----------------|--------------|-----|--------------------|-------------------|
| Italian | 1 | 0 | 1 | 1/0 | 0 | 0 |
| Gungbe | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| German | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 |

Source: elaborated by the author.

I shall argue that the micro-parametrisation in Table 1 is particularly powerful for the understanding of the distribution of focus. In fact, the cartographic approach to syntax widely acknowledges that the desirable 1F1H-architecture seems unachievable in relation to focus phenomena, which constitutes an apparent problem for the theory of syntax. In StandIT, for example, what was commonly understood as a free alternation between focus in-situ and shifted focus is challenged by the observation that, while the observed alternation is productive with contrastive foci, the same movement properties are not available for informational and corrective foci (BIANCHI, 2013; CRUSCHINA, 2011; but also BENINCÀ & POLETTI, 2004), as I discuss in §3. A single head encoding [focus] coupled with a simple 'covert vs overt movement' parameter (IM=0/1) is thus insufficient to account for the observed facts. This article addresses this problem and provides a novel explanation for the puzzling distributional properties of the most common types of nominal focalisations.

2 THE FOCUS/WH-PARALLEL

The mainstream literature on interrogatives maintains that, when functioning as interrogative operators in wh-questions, wh-phrases are obligatorily focused, and therefore target focus projections (HORVATH, 1986; BECK, 2006; RIZZI, 1997; CABLE, 2010; a.o.).

3 A. Ledgeway (pc.) suggests that the focus head could be responsible for the intonational contour associated with shifted contrastive foci; accordingly, the special intonation associated with these structures would be an alternative way of spelling out (at PF) the focus head.

The use of Rizzi's (1997) high left-peripheral FocusP as a probe for totally-fronted wh-phrases is widespread in the literature, while quite a small number of works have argued instead for clause-internal wh-elements targeting a focus projection of the LLP (refer to Bonan (2021a, §3.1) for an overview).

Horvath (1986) claimed that whenever languages have a specialised projection for contrastively-focused constituents at their disposal, this projection is also available for wh-elements. In Bonan (2021b), I argued that this parallelism is displayed also in Eastern Trevisan (EastTV), which attracts both contrastive foci, as in (6), and wh-elements, (7), in the LLP:

(6) ogni bocal_j ghe gà consegnà AL MAESTRO_i el so_{*i/j} libro ___i!
 every boy=3PS 3.DAT has handled to.the teacher the his book
 'Every boy handled their book TO THE TEACHER (e.g., not to the principal)'

(7) ghe ga-eo_j consegnà A CHI / A CHE MAESTRO_i el so_{*i/j} libro ___i?
 3.DAT has=3PS handled to who to what teacher the his book
 'TO WHOM/WHICH TEACHER did he handle his book?'

In EastTV, wh-elements/foci surface lower than the low adverbial space (LAS), to which the active past participle moves (BONAN, 2021a, p. 11). That these elements surface in derived positions is supported by the lack of canonical binding properties: in (7), what follows the moved constituent is c-commanded by the rest of the clause, i.e., not dislocated to the right, as witnessed by the ability of the existential quantifier *ogni X* ('every X') to bind it.⁴ EastTV does not display a phonological constraint prohibiting wh-categories in the rightmost clausal edge (cf. *Gatu magnà che?* Lit: 'Have-you eaten what?'), supporting the idea that the movements in (6) and (7) are not driven by the incompatibility of wh-elements with the main-stress position.

2.1 WH-TO FOC AND ITS CROSS-LINGUISTIC EXTENSION

The interrogative syntax of EastTV was used in Bonan (2021a) to elaborate an innovative theory of low focus movement named Wh-To-Foc (henceforth, Wh^hF). Wh^hF entails the existence of a functional periphery above vP that minimally contains a focus-projection, FocP, whose head encodes an uninterpretable [focus] feature (as in Belletti (2004)). My claim was that in answer-seeking interrogatives, the inherent feature of the wh-element that gets activated is the one that has an output effect (in the sense of Chomsky (2001)): [focus] (in contexts such as relatives, for instance, [wh] is activated instead). A [q]-feature is additionally 'acquired' via IM_{lex} of an adjoined Q-particle in the sense of Cable (2010). The command can be understood as in (8):

(8) if clause = interrogative: activate [foc] and IM_{LEX} [q]
 else: activate [wh]

⁴ The 3PS subject clitic 'l' in (6) does not signal the presence of subject topicalisation: subject clitics, when available, are compulsory in the unmarked clauses in this variety (BONAN, 2021a).

In languages with low focus movement such as EastTV, once Foc is merged, $u[\text{foc}]$ in Foc° searches the $i[\text{foc}]$ on the *wh*-element, and IM is performed. Following low focus-movement, when the left-peripheral FocusP is merged the silent Q-particle attached to the *frozen-in-place wh*-element in SpecFoc is searched by the $[q]$ -feature in Focus° , and then IM in SpecFocusP. Extraction of the Q-particle does not ‘undo’ the *frozen-in-place wh*-element (in the sense of Rizzi’s (2015) version of Criterion Freezing, CF, whereby only the criterial GOAL is frozen), the movement does not violate CF. The theory of W^hF has two consequences:

- a) It entails that Rizzi’s (1996) *Wh*-Criterion is actually of a dual nature, and encompasses a Focus-Criterion (F-Cr) and a Q-Criterion (Q-Cr);
- b) It entails that in languages like Trevisan the ‘edge’ of the lower clausal phase is not SpecvP but SpecFoc (‘dynamic phase edge’ à la Boskovic (2014)).

The parametrisation of the projections involved in EastTV ‘*wh*-in situ’ are given in Table 2:

TABLE 2 — PROJECTIONS INVOLVED IN TV ‘WH-IN SITU’

| | M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|---------------|---|----|-----|----|--------------------|-------------------|
| F-Cr (FocP) | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Q-Cr (FocusP) | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 |

Source: elaborated by the author.

SEA_{lex} and IM_{lex} here are classified as ‘1’ because Trevisan has V-to-C movement in *wh*-interrogatives. The settings proposed for the F-Cr are valid also for instances of low focus-movement as those observed in (6). I will later claim that what’s responsible for the Q-Cr is in fact not Rizzi’s (1997) FocusP but rather a specialised projection, QP.

Low focus movement of *wh*-elements and foci is also attested in diachronic studies: Archaic Chinese displayed the phenomenon in the Warring states period (F-Cr: IM=1), with an optionality between movement and non-movement at the beginning of the Han Dynasty (IM=1/0) (ALDRIDGE, 2010). Today the language has real *wh*-in situ and unmoved foci (IM=0), suggesting the existence of a ‘derivational simplicity principle’ (BONAN, 2021b, p. 42) that, in the framework adopted here, entails a tendency for the setting of IM to evolve in the direction of no movement (1→0). The same evolution has been attested in the diachrony of Japanese, which went from having W^hF in the Nara period (IM=1), to optionality between movement and non-movement in the Heian period (IM=1/0), to present-day lack of movement (IM=0) (ALDRIDGE, 2009). Nara Japanese low movement of *wh*-elements is an instantiation of W^hF in which the need for a Q-Cr is supported by the presence of a phonetically-realised Q-particle in Focus° (*ka*). In Bonan (2021a), I suggested that Northern Italian dialects (NIDs) vary to the extent in which they display subject-clitic inversion (i.e., V-to-C movement) (SEA_{lex} and IM_{lex} 1 vs. 0), and as to whether they have low movement of *wh*-elements/foci (IM=1 vs IM=0). NIDs are thus either at the ‘movement’ stage as attested in Archaic Chinese and Old Japanese, or at the ‘real in-situ’ stage typical of contemporary varieties of Chinese and Japanese.

The EastTV data highlight that the functional portion targeted by foci and wh-elements lies lower than the LAS and higher than vP; however, an understanding whereby the movement of all these elements is triggered by the same feature encoded by one single head is semantically untenable. Also, cross-linguistically, not all types of foci have the same distribution, suggesting that not all categories that fall under the broad label of ‘focus’ are probed by the same head, be it in the HLP or the LLP, as widely assumed. I discuss this in §3.

3 TOWARDS AN IDENTIFICATION OF FOCAL ‘CRITERIAL FIELDS’

Horvath’s (1986) proposal for an interpretive similarity between contrastive foci and wh-elements in that both types of categories quantify over an inferable, contextually closed set faces semantic problems. Whilst this parallel can be made between certain focus categories, the difference between D-linked and non-D-linked wh-elements is not captured by this analysis, as it is typically assumed that only D-linked wh-elements involve this type of quantification. Additionally, contrastive focus differs from new information focus in that it is linked to a member of a set in the context, while the latter can be either unlinked, or linked to a wh-element. How to reconcile these basic observations with the 1F1H rule and ‘Uniqueness of focus’? In a system that takes wh-elements and foci to compete for the same Spec, this is conceptually wrong.

3.1 RETHINKING RIZZI’S FOCUSP

Rizzi (2018) recently observed that the situation is in fact more complex than previously believed, as discourse-linkedness influences the distribution of wh-elements in interrogatives and calls for a splitting of FocusP.⁵ This becomes clear when we compare the distribution of StandIT *perché* (‘why’) with respect to a following lexical subject and focus, and that of D-linked and non-D-linked wh-elements. *Perché* is compatible with an adjacent lexical subject, and can co-occur with a following focalised constituent (RIZZI, 2001), as in (9):

(9) **StandIT**

a. Perché Gianni ha messo le chiavi nel cassetto?
 why Gianni has put the keys in.the drawer
 ‘Why did Gianni put the keys in the drawer?’

b. Perché LE CHIAVI hai messo nel cassetto, non le sigarette?
 why the keys have_{2PS} put in.the drawer NEG the cigarettes
 Lit: ‘Why THE KEYS you put in the drawer, not the cigarettes?’

(RIZZI, 2018, p. 351)

⁵ Cf. Munaro (1999) for a similar claim applied to Venetan ‘Bellunese’, which licenses non-lexically restricted wh-elements clause-internally, and fronts lexically-restricted elements.

Perché and its cross-linguistic counterparts are acknowledged to occupy the Spec of Rizzi's (2001) IntP, a projection that is either understood to externally-merge why-words directly in its Spec (RIZZI, 2001; STEPANOV; TSAI, 2008) or to attract them from a lower projection in the HLP (SHLONSKY; SOARE, 2012). Therefore, depending on the approach and possibly on the language, IntP has either SEA=0;IM=0 or SEA=1;IM=1. In languages like StandIT, in which we observe subject-inversion in the presence of *perché*, both SEA_{lex} and IM_{lex} are set as 1 for IntP. The distribution of *perché* pairs that of D-linked wh-elements, as in (10), while non-D-linked wh-elements are incompatible both with a lexical subject and with a following focus, as in (11):

(10) **StandIT**

- a. In che cassetto Gianni ha messo le chiavi?
 in what drawer Gianni has put the keys
 'In which drawer did Gianni put the keys?'
- b. [?] In che cassetto LE CHIAVI hai messo, non le sigarette?
 in what drawer the keys have_{2PS} put NEG the cigarettes
 Lit: 'In which drawer THE KEYS you put, not the cigarettes?'

(RIZZI, 2018, p. 351)

(11) **StandIT**

- a. * Dove Gianni ha messo le chiavi?
 where gianni has put the keys
 'Where did Gianni put the keys?'
- b. * Dove LE CHIAVI hai messo, non le sigarette?
 where the keys have_{2PS} put NEG the cigarettes
 Lit: 'Where THE KEYS you put, not the cigarettes?'

(RIZZI, 2018, p. 351)

Rizzi thus proposed the updated map of high left peripheral focus phrases in (12):

(12) **Focus projections in the HLP** (as in Rizzi (2018), p. 351(22))

... [_{FP2} (**in che cassetto**) F2°_[+N,+Q]] [_{IntP} (**perché**) Int°] [_{FP1} (**dove**) F1°_[+Q]] [_{FinP} ...]]

While the settings observed in Table 1 for FocusP remain unchanged, that original projection is now split in two projections surrounding IntP whose settings are as in Table 3.

TABLE 3 — TWO FOCUSPS IN STANDIT

| | M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|-----|---|----|-----|-----|--------------------|-------------------|
| FP2 | 1 | 0 | 1 | 1/0 | 0 | 0 |
| FP1 | 1 | 0 | 1 | 1/0 | 0 | 0 |

Source: Rizzi (2018).

As for foci, the well-known requirement that focalisations follow *perché* (IntP>focus) seems to suggest that, at least in StandIT, shifted foci are attracted into FP1, not FP2. This however, in a framework in which wh-fronting is triggered by [q], entails that FP1 is a 1F1H-violating head. A derivation in which [focus] and [q] are encoded by different heads thus appears more plausible. While in languages like EastTV the two heads encoding [focus] and [q] are clearly separate, in StandIT the requirement for shifted foci and shifted wh-elements to surface in the HLP makes the identification of the relevant head trickier. The need for two heads is nonetheless supported by the observation that StandIT has IM=0/1 for contrastive focalisations, and IM=1 for wh-movement, with the latter additionally requiring SEA_{lex} and IM_{lex}=1. StandIT focus fronting is clearly a phenomenon in which Rizzi's (2017) understanding of 'movement' parameters proves to be a powerful tool for the identification, classification, understanding and mapping of micro-variation, both cross-linguistically and language internally.

A consequence of the framework proposed here is that Rizzi's (2018) FP2 can be dispensed with, and IntP used for the fronting of D-linked wh-elements: IntP does not search (SEA=0) and directly merges (M=1) why-words from the lexicon into its Spec, while it searches (SEA=1) and then merges (M=1) D-linked wh-elements. In both cases, IntP/QP searches (SEA_{lex}=1) and merges (IM_{lex}=1) the subject. Note that one could arguably keep Rizzi's FP2 and understand it as a QP à la Cable (2010) and Bonan (2021a), making FP2 responsible for [q] and IntP for [wh]. However, while different works have in turn used one or the other feature over the years, it seems to me that both stand for the same feature that needs checking in answer-seeking wh-interrogatives. Therefore, merging the two projections is a legitimate operation. I will henceforth call this projection Q_{+N}.

Semantically, I have claimed that contrastive foci and D-linked wh-elements quantify over an inferable, contextually closed set, so it could be technically plausible for these to be probed by the same feature. However, the required IntP>focus ordering suggests that the projection for contrastive foci is merged lower than the one responsible for total fronting of D-linked wh-elements, Q_{+N}; I follow Cruschina (2015) and call it CFoc. Additionally, given that unlinked wh-words surface lower than IntP but are quantificationally different with respect to contrastive foci, the possibility for the two to be attracted by the same head is excluded, even more so because IM=1/0 for contrastive foci, while for unlinked wh-words it is =1.

I shall henceforth call the projection that attracts unlinked wh-words QP_{-N} . I summarise this in Table 4 (the relative position of CFoc and QP_{-N} is not clear at this stage):

TABLE 4 — LEFT-PERIPHERAL PROJECTIONS FOR FOCI AND WH-ELEMENTS IN STANDIT

| | Probe | M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|--------------------------|------------------|---|----|-----|-----|--------------------|-------------------|
| INTP/ QP_{+N} | D-linked wh- | 1 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| CFoc | Contrastive foci | 1 | 0 | 1 | 1/0 | 0 | 0 |
| QP_{-N} (FORMERLY FP1) | Unlinked wh- | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |

Source: elaborated by the author.

3.2 LOW FOCUS PROJECTION(S)

I have already mentioned that some authors have highlighted the need for at least one focus projection in the LLP. Belletti (2004) notoriously posited the existence of a reduced periphery right above vP, consisting of a focus projection surrounded by topic projections, as in (13):

(13) ... [_{TopP} Top° [_{Foc} Foc° [_{TopP} Top° ... VP]]]

(BELLETTI, 2004, p. 9)

The need for a LLP, and especially for a focus projection therein, was brought forward by the observation that, in StandIT, non-canonical VS orders are overwhelmingly preferred in answers to wh-questions bearing on the subject, as illustrated in (14):

(14) Question: Chi è arrivato?
who is arrived
'Who arrived?'

Answer: È arrivato GIANNI / UN RAGAZZO.
is arrived John / a young.man

Answer: # Gianni / un ragazzo è arrivato
John / a young.man is arrived
'John/a young man arrived'

For Belletti & Rizzi (2017), in examples like (14), the lexical subject expresses a narrow focus interpretation and is not in the canonical subject position at Spell-Out but rather in the low SpecFoc. This understanding of the Italian low left-peripheral IFoc can be seen as in Table 5:

TABLE 5 — ITALIAN IFOC AS IN BELLETTI (2004)

| M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|---|----|-----|----|--------------------|-------------------|
| 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |

Source: elaborated by the author.

3.1.1 INFORMATIONAL FOCP IN ITALIAN VS EASTERN TREVISAN

In Bonan (2021a), I suggested that Belletti's claim is particularly relevant in EastTV, in which low movement of narrow foci is clearly visible with IOs, as in (15):

(15) **EastTV**

Question: A KI ghe gatu dato i pomi?
to who 3.DAT have=you_{2PS} given the apples
'To whom did you give the apples?'

Answer: # ghe go dato i pomi A GIANI.
3.DAT have_{1PS} given the apples to John

Answer: ghe go dato A GIANI i pomi.
3.DAT have_{1PS} given to John the apples
'I gave the apples to John' (Lit: 'I gave TO JOHN the apples')

(BONAN, 2021a, p. 14 (32))

The low movement in the correct answer to (15), which further supports the presence of IFoc in the LLP,⁶ is however not observed in StandIT, as in (16):

(16) Question: A chi hai dato le mele?
to who have_{2PS} given the apples
'To whom did you give the apples?'

Answer: Ho dato le mele A GIANNI
have_{1PS} given the apples to John

Answer: ?? Ho dato A GIANNI le mele
have_{1PS} given to John the apples
'I gave the apples to John'

⁶ Refer to Bonan (2021a) for evidence that orderings such as the one in (15) are not derived via rightward movement of what follows the focussed element.

It seems therefore reasonable to posit that Belletti is indeed right that informational focus is encoded in the LLP in Italian, although the movement data in (16) suggest that informational foci are in fact unmoved in Italian (Cf. CARDINALETTI, 2002; SAMEK-LODOVICI, 2015, for supporting evidence). The position for informational foci is thus low in both languages but while EastTV has IM=1, StandIT has IM=0, as in Table 6:

TABLE 6 — DIFFERENT REALISATIONS OF IFOC

| | M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|----------|---|----|-----|----|--------------------|-------------------|
| Italian | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Trevisan | 1 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |

Source: elaborated by the author.

The legitimacy of low focus projections is also independently supported by Aghem, which displays a focus marker *nó* that realises the post-verbal focus position and scopes over the element immediately to its left, as illustrated in (17).

(17) **Aghem**

Zì BÉ-KÓ **nó.**

eat fufu **foc**

'Eat FUFU (as opposed to something else)'

(adapted from Aboh (2007, p. 91))

Examples like those in (17) "strongly indicate that the postverbal focus position is unique and has clear syntactic and discourse-related properties" (ABOH, 2007, p. 91). The Aghem IFoc can thus associated to the Boolean choices in Table 7:

TABLE 7 — THE AGHEM FOCP

| | M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|-------|---|----|-----|----|--------------------|-------------------|
| Aghem | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 | 0 |

Source: elaborated by the author.

To summarise, all languages analysed in this section merge FocP, in the LLP, but only Aghem Spells-Out Foc° (SO=1). Furthermore, while Trevisan and Aghem internally merge the focalised constituent (IM=1), Italian does not (IM=0). Informational foci are associated with the same interpretation in the three languages, i.e., narrow focus, regardless of the phonetic status of the focus-head or the observed movement patterns of focalised constituents.

3.2.2 MORE THAN JUST ONE LOW FOCF

While the empirical evidence in support of the Aghem FocP is scarce, to the effect that we are unable to establish whether Aghem low focalisations are exclusively informational, EastTV empirically supports the idea that the LLP can attract different types of foci. In §2, I provided examples of clause-internally moved contrastive foci and D-linked/unlinked wh-elements, respectively in (6) and (7). Low focus movement is additionally compulsory in corrective focalisations, i.e., structures that correct the content of a polar question, as in (18).

(16) A: Toni ghe gaeo assà tutti i so schei a Gianni?
 toni 3.DAT has=3PS left all the his money to Gianni
 'Has Toni left all of his money to Gianni?'

B: el ghe gà assà A MARIO tuti i so schei, no a Gianni!
 3PS 3.DAT has left to Mario all the his money NEG to Gianni

B': ?? el ghe gà assà tutti i so schei a mario, no a Gianni!
 3PS 3.DAT has left all the his money to Mario NEG to Gianni
 'He left all of his money TO MARIO, not to Gianni!'

The EastTV low movement data presented throughout this paper might seem to suggest that all types of foci target the same Spec in this language. However, I have already claimed that, both empirically and semantically, one projection is not enough to attract all types of nominal foci. StandIT strongly suggests that corrective foci also require a dedicated projection, as the in-situ/shifted alternation of contrastive focalisations does not apply, as illustrated in (19):

(19) **StandIT**

A: Gianni è andato a Londra?
 Gianni is gone to London
 'Did Gianni go to London?'

B: No, è andato A BERLINO (non a Londra).
 No, (he) is gone to Berlin (NEG to London)

B': # No, A BERLINO è andato (non a Londra).
 No, to Berlin (he) is gone (NEG to London)
 'No, he went TO BERLIN (not to London).'

(adapted from Bianchi (2013, p. 198(7)))

If we abide by the 1F1H-rule (KAYNE, 2005; RIZZI, 2017), a CorFoc is clearly needed in the functional spine. CorFoc is the only type of focalisation besides informational focus that cannot be shifted to the HLP in StandIT: my suggestion, which will have to be tested further, is that this projection could be a low left-peripheral one. Its parametrisation is as in Table 8:

TABLE 8 — THE ITALIAN CORFOC

| M | SO | SEA | IM | SEA _{lex} | IM _{lex} |
|---|----|-----|----|--------------------|-------------------|
| 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |

Source: elaborated by the author.

The data discussed in this article argue that EastTV low nominal focalisations do not all target the same projection but rather the same, low *portion* of the spine. This functional portion dedicated to ‘focus’ is as in (20) and is located in the LLP. Note that the relative order suggested for the different focus projections is arbitrary and remains to be determined for EastTV; here, I adopt Benincà & Poletto’s (2004) claim in favour of CFoc>IFoc.

(20) **Distribution of ‘Focus’ projections in EastTV**

... [_{IP} [_{CorFoc} [_{ConFoc} [_{IFoc} ... [_{VP}]]]]]]

That EastTV has low focus movement in *wh*-interrogatives is, in the theory of interrogatives outlined in the Introduction, the first step in the derivation of ‘in-situ’ *wh*-questions. Accordingly, EastTV has both QP_{+N} and QP_{-N} in its HLP (used either in total *wh*-fronting, or to front Q alone when the *wh*-elements is stranded clause-internally), while the projection that probes low focus movement of *wh*-elements remains to be determined. Informational focus can be both D-linked and not linked, and answer-seeking questions are instances of request for information, therefore IFoc is a plausible candidate for low focus movement of *wh*-elements. I leave this discussion for further work because the role of IFoc in the derivation of interrogatives first needs assessing in those languages that front informational foci, as those discussed in §3.3.

3.3 WHEN LOW PROJECTIONS ARE HIGH

I have argued that, cross-linguistically, not all types of foci have the same distribution. Our current understanding of the cartography of ‘focus’ stems from a meticulous observation of the syntax of StandIT (RIZZI, 1997, and related literature), to the effect that a considerable amount of work on nominal foci and interrogative *wh*-movement has taken Rizzi’s (1997) FocusP and Belletti’s (2004) FocP to be the sole available projections for foci, and accepted that these are cross-linguistically located at the same structural height. Here, I have claimed that more than two functional projections related to ‘focus’ are needed in the functional spine, and offered a primitive discussion of the distribution of these in StandIT and EastTV.

It is important to acknowledge that there also exist languages in which all types of foci can be fronted, such as the variety of Sicilian in Cruschina (2013). Indeed, it has been demonstrated that Sicilian can not only front all the foci that StandIT fronts, but also informational foci which can only surface in-situ in StandIT (§2). An example is provided in (21):

(16) **Sicilian**

Question: Chi scrivisti?
 what write.past.1sg
 'What did you write?'

Answer: Scrissi N'ARTICULU.
 write.past.1s an=article

Answer: N'articulu scrissi!
 an=article write.past.1sg
 'I wrote an article.'

(CRUSCHINA, 2013, p. 58 (33))

Examples like (21) argue that, in Sicilian, the answer to a question bearing on the DO can display either a VO or an OV ordering. According to Cruschina, VO is the unmarked ordering while, in the OV case, additional emphasis is conveyed. While the mapping of the HLP proposed by Cruschina takes contrastive foci and D-linked wh-phrases to compete for the same structural projection (in his terms, CFocP), which I have argued against here, it is interesting to note that all distributional tests he applied demonstrate that the IFoc is in the HLP in Sicilian. In his terms, the HLP of Sicilian is as in (22), with CFocP responsible for the attraction of contrastive foci and D-linked wh-phrases, and IFocP minimally associated to the fronting of information foci, mirative foci, and unlinked wh-phrases.

(22) **The HLP of Sicilian**

... [CFocP [TopP [IFocP]]] ...

(CRUSCHINA, 2011, p. 219)

Mirative fronting, which I have not discussed yet, is a type of informational focus that is not triggered by a previously-uttered question, i.e., it is not necessarily D-linked (CRUSCHINA, 2012; BIANCHI, 2015; BIANCHI et al., 2016; a.o.). Whilst grouping mirative and informational fronting together is thus quantificationally plausible, and empirically justified in Sicilian,

the distribution of mirative foci in StandIT suggests that the two are governed by different heads, as in (23):

(23) **StandIT**

- a. Pensa te! DI VENTI KILI è dimagrito!
 think you of twenty kilos is lost.weight
- b. Pensa te! È dimagrito DI VENTI KILI!
 think you is lost.weight of twenty kilos
 'Guess what! He lost TWENTY KILOS!'

(DAL FARRA, 2018, p. 45)

The fact that $IM=1/0$ for the mirative foci of StandIT, while IM is always set negatively for IFoc argue that an additional focus projection is needed in the spine: MirFoc. Because mirative foci can be shifted in StandIT, I maintain that the Italian MirFoc is encoded in the HLP.

The empirical evidence discussed in this paper strongly suggests that the functional projections which encode 'focus' features are more than two in number, and are merged in language-specific fashion in the functional spine: it thus appears that nominal foci should not be studied in the absence of a preliminary mapping of the distribution of focus projections in the languages under investigation. Here, I have argued that while standard Italian has most FocPs in the HLP, apart from IFoc and CorFoc that are in the LLP, languages like EastTV realise all FocPs in the LLP, and languages like Cruschina's variety of Sicilian encode all focus features in the HLP. I have also claimed that observed distributional microvariation can be better understood if we look at movement through the lens of Rizzi's (2018) parameters. Accordingly, languages display different combinations of the three microparameters that regulate whether FocPs attract foci into their Spec ($IM=1$ vs $IM=0$), phonetically realise their head ($SO=1$ vs $SO=0$), and attract lexical categories ($IM_{lex}=1$ vs $IM_{lex}=0$).

3.4 'CRITERIAL FIELDS'

Given that Rizzi's FocusP is insufficient to make sense of the complex phenomenon of nominal focalisation in Romance, I have demonstrated that the FocPs needed in the functional spine are minimally four: CFoc, IFoc, CorFoc, and MirFoc. Their identification has been carried out both on semantic grounds and on the observation of the distributional properties of each type of focus under consideration. On the assumption that the setting of IM for one head is fixed and unchangeable, I suggested that semantically equivalent phenomena with different distributions require the postulation of specialised projections. Rizzi's (1997) FocusP, split into FP2 and FP1 in Rizzi (2018), has traditionally been taken to host either fronted wh-phrases or contrastive foci. However, more recent developments in the theory of wh-interrogatives have suggested that wh-phrases and foci do not compete for the same projection, given that wh-fronting is triggered by [q] alone (CABLE, 2010; ABOH;

PFAU, 2012; BONAN, 2021a; a.o.): here, I have suggested merging Rizzi's (2001) interrogative projection IntP and Cable's (2010) FocusP into a QP, responsible for the total fronting of wh-elements, and to posit the existence of a CFoc for contrastive foci. This move is supported empirically by the syntax of StandIT (the setting of IM is 1/0 for contrastive foci and 1 for wh-phrases), and also semantically motivated: contrastive foci are quantificationally like D-linked wh-phrases, but while they systematically follow IntP in the phonetic string D-linked wh-phrases precede it, thus suggesting that the two cannot possibly compete for the same Spec. The cross-linguistic differences in the distribution of foci of the same type suggest that focus projections are indeed always encoded in the peripheries, although the height at which the different FocPs are internally merged is language-specific. Sicilian, for instance, realises all FocPs in the HLP, while EastTV does so in the LLP, and StandIT displays a mixed situation with only IFoc and MirFoc in the LLP.

Clause-internal FocPs are however problematic for the mainstream understanding of how 'focus' works semantically, at least superficially. Given that a clause-internal FocP is always criterial in the sense of Rizzi (2004), and that what is attracted into its Spec is frozen-in-place and unable to be moved further, a [focus]-feature checked in the LLP by a certain constituent makes it impossible for that same constituent to move to the HLP at LF to determine its scope. Since Chomsky (1976), focus has indeed widely been understood as associated to a movement operation, quantifier raising, that applies to the focussed constituent either overtly or at the moment of Interpretation. Relying on evidence from weak crossover effects indeed, Chomsky argued in favour of an operator-variable structure that makes the representation of Focus at LF parallel to that of structures derived by wh-movement: in place of the focussed constituent, the resulting LF representation has a variable bound by a definiteness operator. An influential non-quantificational account of Focus was however developed since in Rooth (1985), and related work, which interprets focus in-situ. Rooth takes the focus of a sentence to be represented as a constituent whose value can vary and generates a set of alternative propositions, the 'focus alternative set', for the utterance. Cartographic understandings of focus have traditionally abode by Chomsky's quantificational approach. Consequently, low foci such as the ones described by Belletti have either been understood as moved into the HLP at LF, or moved there before Spell-Out. Although not in line with standard cartographic assumptions, the possibility of interpreting foci in-situ has been largely and successfully explored in the literature (ROOTH, 1992; WAGNER, 2020; SAMEK-LODOVICI, 2015, 2020; a.o.), hence I maintain that the path is worth exploring.

Moreover, both the interpretational dissimilarities between the clause-internal and the high foci of Italian and the different movement properties displayed by the different types of foci discussed here, and the desired 1F1H architecture, argue that an in-situ interpretation of foci is more desirable. Accepting that not all foci need moving to the HLP has also the theoretical advantage of respecting Criterial Freezing: a syntactically active head that triggers movement does so for a Criterion to be met, and once a criterial spec-head configuration is obtained, the relevant constituent is frozen in place and no

further movement (not even of features) can be performed, unless another Criterion comes into play: the possibility to move a low focused constituent into the HLP at LF would constitute a violation of CF, and is thus to be excluded on theoretical grounds. A constituent whose focalisation is done by means of a focus projection of the LLP meets the relevant Criterion clause-internally and is sent to interpretation from a low position, regardless of whether it is lowly shifted (as in EastTV) or unmoved (as in StandIT) at Spell-Out. Indeed, the focus data discussed here maintain that the setting of IM is irrelevant for a Criterion to be met, while $M=1$ and $SEA=1$ settings are a necessary condition.

Authors such as Bianchi (2013) have claimed that ‘focus’ is the only area of grammar in which the desired 1F1H configuration seems unattainable. Here, I have provided evidence that 1F1H is respected if we no longer understand focus as a projection but start thinking of it as a ‘field’, i.e., a functional portion comprising of numerous projections that encode features related to the semantic field of focus. This functional portion can be continuous (realised entirely in one periphery) or discontinuous (scattered between the HLP and the LLP). Because of the ‘Uniqueness’ principle, only one projection of the focus field can be active at any given time.

4 CONCLUSIONS

In this article, I claimed that the desired 1F1H-architecture of the functional spine can be maintained for a number of focal phenomena *iff* these are understood to be governed by different features that fall under the broad label of ‘focus’. These are encoded by specialised heads within what I call a criterial field, i.e., a portion of the spine that encompasses numerous projections whose simultaneous activation is ruled out on semantic grounds by the ‘Uniqueness of focus’ principle. I have claimed that the criterial field related to focus can, although it must not, be discontinuous, i.e., distributed across the low and the high peripheries.

I have argued that the features of the criterial field of focus are, minimally: new information (IFoc), contrast (CFoc), correction (CorFoc), and mirativity (MirFoc). I have also included Q_{+N} and Q_{-N} in my discussion, although these projections are responsible for the interrogative, i.e., ‘non focus’, part of the derivation of wh-questions, and are therefore not part of the field.

Further research is needed to refine this preliminary discussion, to articulate its technical implementation and to test its empirical validity further. Nonetheless, the notion of ‘criterial field’ offers a novel, cross-linguistically motivated mapping of focus projections which, I hope, will inspire future investigations and debates on this composite and fascinating syntactic topic.

REFERENCES

- ABOH, E.; PFAU, R. What's a Wh-Word Got to Do with It? *In*: BENINCÀ, P.; MUNARO, N. (ed.) *Mapping the Left Periphery*. Oxford University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199740376.003.0004>.
- ABOH, E. Leftward focus versus rightward focus, the Kwa-Bantu conspiracy. *In*: KULA, N. C.; MARTEN, L. (ed.). *Bantu in Bloomsbury: Special Issue on Bantu Linguistics*. London: SOAS, University of London, 2007. p. 81–104.
- ALDRIDGE, E. Short Wh-movement in Old Japanese. *In*: IWASAKI, S.; HOJI, H.; CLANCY, P.; SOHN, S. (ed.). *Japanese/Korean Linguistics*, v. 17, 2009. p. 549–563.
- ALDRIDGE, E. Clause-internal Wh-movement in Archaic Chinese. *Journal of East Asian Linguistics*, v. 19, n. 1, p. 1–36, 2010. Springer. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10831-009-9054-z>.
- BECK, S. Intervention Effects Follow from Focus Interpretation*. *Natural Language Semantics* 14, p. 1–56, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11050-005-4532-y>.
- BELLETTI, A.; RIZZI, L. On the Syntax and Pragmatics of Some Clause-Peripheral Positions. *In*: BLOCHOWIAK, J. et al. (ed.). *Formal Models in the Study of Language*. Springer, Cham, 2017. p. 33–48. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-319-48832-5_3.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. *In*: RIZZI, L. (ed.). *The Structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structures*. Oxford University Press, 2004.
- BENINCÀ, P.; POLETO, C. Topic, focus, and V2. Defining the CP sublayers. *In*: RIZZI, L. (ed.). *The Cartography of Syntactic Structures 2*. Oxford University Press, 2004. p. 52–75.
- BIANCHI, V. Focus Fronting and the Syntax-Semantics Interface. *In*: SHLONSKY, U. (ed.). *Beyond the Functional Sequence*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 60–72.
- BIANCHI, V.; BOCCI, G.; CRUSCHINA, S. Focus Fronting, Unexpectedness, and the Evaluative Dimension. *Semantics and Pragmatics* 9, 2016, p. 1–54.
- BONAN, Caterina. Romance interrogative syntax. Formal and typological dimensions of variation. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 266. The John Benjamins Publishing Company, 2021a. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.266>.
- BONAN, Caterina. From northern Italian to Asian wh-in situ: A theory of low focus movement. *Isogloss: Open Journal of Romance Linguistics* 7, p. 1–59, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/isogloss.108>.
- BOŠKOVIĆ, Ž. Now I'm a Phase, Now I'm Not a Phase: On the Variability of Phases with Extraction and Ellipsis. *Linguistic Inquiry*, MIT Press, v. 45, p. 27–89, 2014. DOI: https://doi.org/10.1162/ling_a_00148.

CABLE, S. *The Grammar of Q. Q-Particles, Wh-Movement, and Pied-Piping*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 2010.

CARDINALETTI, A. Against Optional and Null Clitics. Right Dislocation vs. Marginalization. *Studia Linguistica*, v. 56, p. 29–57, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9582.00086>.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. MIT Press, 2001. p. 1–52.

CRUSCHINA, S. Fronting, dislocation, and the syntactic role of discourse-related features. *Linguistic Variation*, v. 11, n. 1, p. 1–34, 2011. DOI: 10.1075/lv.11.1.01cru.

CRUSCHINA, S. Discourse-Related Features and Functional Projections. *Oxford Comparative Studies in Syntax*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2012.

CRUSCHINA, S. Some notes on clefting and fronting. In: DI DOMENICO, E.; HAMANN, C.; MATTEINI, S. (ed.). *Structures, Strategies and Beyond*. John Benjamins, 2015. p. 181–208.

DAL FARRA, C. Towards a fine-grained theory of focus. *Annali di Ca' Foscari: Serie Occidentale*, v. 52, p. 39–63, 2018. DOI: 10.30687/AnnOc/2499-1562/2018/01/002.

HORVATH, Julia. *Focus in the theory of grammar and the syntax of Hungarian*. Studies in Generative Grammar, v. 24. De Gruyter Mouton, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110849165>.

KAYNE, R. S. *Movement and Silence*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

RIZZI, L. Residual verb second and the Wh-Criterion. In: BELLETTI, A.; RIZZI, L. (ed.). *Parameters and functional heads*. Oxford University Press, 1996. p. 63–90.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Kluwer International Handbooks of Linguistics. Springer, 1997. p. 281–337.

RIZZI, L. On the Position Int(errogative) in the Left Periphery of the Clause. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (ed.). *Current Studies in Italian Syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Linguistic Variations 59, 2001. p. 287–296. DOI: [https://doi.org/10.1016/s0024-3841\(01\)00057-2](https://doi.org/10.1016/s0024-3841(01)00057-2).

RIZZI, L. Cartography, criteria, and labeling. In: SHLONSKY, Ur (ed.). *Beyond the functional sequence*. New York: Oxford University Press, 2015.

RIZZI, L. On the format and locus of parameters: The role of morphosyntactic features. *Linguistic Analysis*, v. 41, n.3-4, p. 159–191, 2017.

RIZZI, L. Intervention effects in grammar and language acquisition. *Probus*, v. 30, n. 2, 2018, p. 339–367. DOI: <https://doi.org/10.1515/probus-2018-0006>.

ROOTH, M. A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics*, v. 1, n. 1, p. 75–116, 1992.

SAMEK-LODOVICI, V. *The Interaction of Focus, Givenness, and Prosody: A Study of Italian Clause Structure*. Oxford Studies in Theoretical Linguistics. Oxford University Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198737926.001.0001>.

SAMEK-LODOVICI, V. Focalization in-situ vs Focus Projection Focused topics, focused questions, focused heads, and other challenges. To appear in: GALLEGO, A. J.; OTT, D. (ed.). *Cartography and Explanatory Adequacy*. Oxford University Press, 2020.

SAMO, G. Cartography and Microparametric variation: Criterial V2 in Swiss Romansh varieties. *Rivista Linguística*, v. 15, n. 3, p. 141–160, 2019.

SHLONSKY, U.; SOARE, G. Where's 'Why'? *Linguistic Inquiry*, MIT Press, v. 42, n. 4, p. 651–669, 2011. DOI: https://doi.org/10.1162/ling_a_00064.

STEPANOV, A.; TSAI, W.-T. D. Cartography and licensing of wh-adjuncts: A crosslinguistic perspective. *Natural Language and Linguistic Theory*, Springer, v. 26, n. 3, p. 589–638, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-008-9047-z>.

WAGNER, M. Prosodic Focus. In: GUTZMANN, D.; MATTHEWSON, L.; MEIER, C.; RULLMANN, H.; ZIMMERMANN, T. (ed.), *The Wiley Blackwell Companion to Semantics*. 2020.

Paper received on October 30, 2021.

Paper accepted on January 5, 2022.